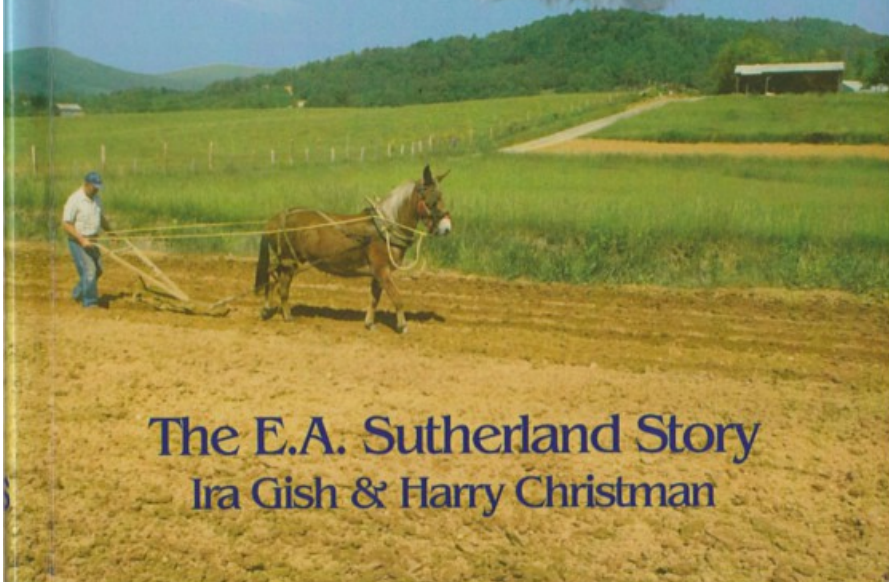


# MADISON

---

God's Beautiful Farm



The E.A. Sutherland Story  
Ira Gish & Harry Christman

# **MADISON**

**A Linda Fazenda de Deus**

A história de E. A. Sutherland contada por Ira  
Gish & Harry Christman

Teach Services Inc.  
Nova Iorque, EUA

# Dedicação

Dedicamos este livro aos Adventistas do Sétimo Dia do mundo inteiro, especialmente àqueles que se interessam especialmente pela educação cristã, dando ênfase aos princípios de reforma declarados nos escritos de Ellen G. White. Seus conselhos criaram o padrão e a inspiração que se estendem como um fio de ouro por mais de meio século.

O autor assume plena responsabilidade pela precisão de todos os fatos e citações publicadas neste livro.

## **Reprodução Fac-símile**

Visto que este livro desempenhou um papel importante no desenvolvimento do pensamento cristão, o editor acredita que o livro, com sua sinceridade e profundidade, ainda é significativo para a igreja hoje. Portanto, o editor escolheu publicar este clássico histórico a partir de uma cópia original. Variações frequentes na qualidade da impressão são inevitáveis devido à condição do original. Por isso, a impressão pode estar mais escura ou mais clara, ou parecer estar faltando algum detalhe, em alguns lugares mais do que em outros.

Copyright © 2003 TEACH Services, Inc.

Tradução e Publicação Digital Por:

**Instituto de Capacitação Evangelística do Espírito Santo**

[www.iceves.org](http://www.iceves.org)

## Agradecimentos

Talvez ninguém escreva um livro “completamente sozinho”. Há aquelas semanas, meses e, algumas vezes, anos que um escritor desaparece da sociedade e hiberna com sua máquina de escrever, mas até nesses momentos ele sabe que não está realmente escrevendo sozinho; e se por acaso seu livro for publicado, isso acontece devido a várias outras pessoas. Segundo os autores, as pessoas estão divididas em duas classes distintas: Pessoas de IDEIA e pessoas do MOMENTO.

Pessoas de ideia são aquelas que, pelas suas sugestões, livros, ideias ou cartas nos motivaram a escrever. Na época do aniversário de cinquenta anos de Madison, os graduados e ex-alunos pediram a Ira M. Gish para escrever a história do Dr. E. A. e Sally Sutherland para fazerem uma apresentação. A apresentação teve tanto sucesso que muitos sugeriram que ele escrevesse a história em forma de livro. Com a morte de Sally Sutherland e, mais tarde, de E. A. Sutherland, o manuscrito foi deixado de lado e quase esquecido. Anos mais tarde, através do encorajamento e dos apelos de Mable Towery, editor da *Madison Survey*, Edith Cothran e Sharon Johnson Holland, Dr. Gish recomeçou a obra. Desta vez pediu a cooperação do Pastor Harry K. Christman. No início dos “Anos Dourados de Madison”, ambos tinham vivido com suas famílias no mesmo apartamento no campus de Madison e passaram muito tempo juntos estudando o programa educacional do Dr. Sutherland, admirando seu grande sucesso ao ser guiado primeiramente por Ellen G. White em pessoa e, mais tarde, sendo criterioso e disposto a obedecer aos conselhos da Sra. White acerca da educação.

Várias outras pessoas de ideia moldaram nossos pensamentos e planos para o livro. Dentre elas estavam Bernard Bowen, Sra. Agnes Johnson, Pr. N. C. Wilson, Dr. M. Hodgen da Universidade de Loma Linda. Devemos uma gratidão especial aos bibliotecários da Academia de Madison, Elizabeth Cowdrick e Mary Kate Gifford; ao Dr. George Summers, bibliotecário da Universidade de Loma Linda,

e sua equipe da Sala do Patrimônio pela incansável paciência na procura de muitas cartas e relatórios dos Drs. Sutherland e Magan; também a Mable Towery e Elsie Wrinkle.

Apreciamos de forma especial a ajuda de Joe E. Sutherland, M.D., único filho vivo do Dr. e da Sra. Sutherland.

Arthur L. White, do White Estate [Patrimônio White], prestou-nos valiosa assistência de pesquisa. Também o Dr. Harry Moyle Tippet ajudou-nos a organizar nossa forma não sistemática de escrita.

Pessoas do momento são aquelas que, doando seu amor, encorajamento e tempo, ajudaram-nos a não perder a esperança e a não descartar o projeto inteiro como se tivesse sido um grande erro. Com um investimento incrível de seu entendimento, tempo, fé e orações, estes queridos nos empurraram, pressionaram e puxaram para cima ao longo da inclinada ladeira. Estas pessoas são principalmente nossas esposas, que nunca perderam a fé em nossa habilidade de prosseguir embora tivéssemos desistido mais de uma vez e exclamado: “É impossível continuar!”

Todo autor sabe que estas pessoas são os verdadeiros escritores de qualquer livro, e somos pessoalmente agradecidos a todos.

Os autores

## Prefácio

Durante décadas, a Faculdade de Madison tem sido sinônimo de compromisso, sacrifício e serviço. Sei disso. Durante alguns anos, trabalhei intimamente com Madison na Associação de Kentucky, Tenessi. Centenas de jovens frequentaram essa instituição, e nela foram desafiados com uma proposta única de trabalho pela igreja — a obra de sustento próprio. Aqueles que passaram por Madison saíram de lá com uma dedicação e compromisso muito grande por um tipo de serviço do qual a igreja se beneficiou por muitos anos. A Faculdade e Hospital de Madison foi a instituição mãe que, através da Layman Foundation [Fundação dos Leigos], foi responsável por muitas outras unidades de sustento próprio espalhadas pelo Sul do país. Essas unidades têm sido uma bênção à obra de Deus. Eu gostaria que tivéssemos muito mais escolas e hospitais de sustento próprio como esses.

Ao pensar na Faculdade e Hospital de Madison, inevitavelmente vem à mente o Dr. E. A. Sutherland, o qual desempenhou um papel de suma importância na construção desta instituição. Conheci o Dr. Sutherland em seus últimos anos e fiquei impressionado com ele, por ser um homem de Deus e um homem de atitude. Ele foi um inovador e um homem de perseverança. Ele parecia prosperar com a resolução de problemas — e há muitos problemas no estabelecimento e desenvolvimento de uma instituição como Madison. Dr. Sutherland foi um homem que o Senhor usou para cumprir um papel vital no desenvolvimento da obra de Deus no Sul.

Em seu intrigante manuscrito, “A Linda Fazenda de Deus”, os coautores Ira M. Gish e H. K. Christman compilaram a emocionante história da Faculdade de Madison e do Dr. Sutherland, e do início da educação industrial entre instituições Adventistas do Sétimo Dia no Sul do país.

Este livro trata dos traumas e dificuldades encontrados pelos pioneiros desta obra, dos testes de fé que os fundadores passaram e venceram pela força de Deus. Autor e editor veterano, Harry M.

Tippett disse: “Poucos manuscritos que você vai ler terão mais conteúdo de documentos, informações inspiradoras e interesse do leitor do que este.”

Você vai gostar da história, e acredito que, ao ler, você absorverá alguma coisa do espírito de compromisso, dedicação e serviço que fez da Faculdade de Madison uma instituição que merece ser lembrada, e que foi expresso nos traços de caráter que fizeram do Dr. E. A. Sutherland um verdadeiro grande líder na causa de Deus nos últimos dias.

R. H. Pierson  
Ex-Presidente da Associação Geral  
da Igreja Adventista do Sétimo Dia

## Índice

Crise no rio Cumberland .....	10
A Batalha dos Anjos .....	18
Pioneirismo .....	26
Anos de Decisão .....	34
Uma Faculdade no Noroeste .....	41
Tempos de Mudança .....	51
Prisioneiros de Esperança .....	58
O Pequeno Povo .....	65
Para o Campo .....	70
Homens de Grande Fé .....	79
A Escola de Madison .....	85
Firmando as Estacas .....	96
Evangelismo de Saúde unido ao Progresso Educacional .....	103
Uma Fé que não Diminui .....	111
O Plano de Deus se Concretizando .....	120
A Reação do Mundo .....	124
Luz no Entardecer .....	132
Cinquenta Anos Depois .....	136
Retrato de um Líder Heroico .....	142
Epílogo .....	147





**Dr. E. A. Sutherland, fundador e construtor da linda fazenda.**

“A fé repousa na evidência, não na demonstração.”  
*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 28.

## **Crise no Rio Cumberland**

Certo dia, no início de junho de 1904, o barco missionário a vapor *Morning Star* [*Estrela da Manhã*] levantou âncora e soltou-se de sua atracação em Nashville [EUA]. O sereno rio Cumberland agitou-se à sombra da vegetação costeira quando a embarcação, de roda propulsora à popa, apontava sua proa rio acima.

Edward A. Sutherland, que havia recentemente resignado de seu cargo de presidente da *Emmanuel Missionary College* [*Faculdade Missionária Emanuel*] em Berrien Springs, Michigan, estava em pé ao lado do timoneiro, W. O. Palmer, e observava-o guiar o barco em direção à corrente principal com grande habilidade. Sutherland sabia que este homem havia conduzido embarcações fluviais pelas correntezas do sul durante muitos anos.

Virou-se de seu lugar ao lado do timoneiro e observou os passageiros desta viagem muito especial. Seu olhar pousou primeiramente sobre Mãe Ellen White, assentada ali no convés, com olhos brilhantes diante da cena que a todos se revelava. Em sua face, viu ele aquele olhar de plena paz que com frequência agraciava seus traços ao contemplar as amáveis cenas da natureza. Sendo ele mesmo sensível a tal beleza, virou-se por um momento para o rio, vendo seus movimentos entre os bancos rochosos e arenosos, que se tornavam por vezes íngremes penhascos com protuberâncias verdes silvestres. Após uma respiração de puro deleite, pensou nos demais passageiros.

Os dois filhos de Mãe White acompanhavam-na nesta viagem. James Edson White era dono do *Morning Star*, e William C. White frequentemente acompanhava a mãe em seus itinerários. Sua secretária, Clarence Crisler, estava assentada ao lado de Mãe White com Sarah McEnterfer e Maggie Hare. Emma White, esposa de Edson, também viera com eles. Fred Halliday completava a festa.

Esta jornada tinha um duplo propósito: Edson White queria encontrar um local apropriado para uma escola de treinamento para jovens trabalhadores negros no Sul; enquanto os educadores, Edward Sutherland e Percy Magan, procuravam um lugar onde pudessem estabelecer uma escola de treinamento para os jovens brancos da região.

Percy Magan ainda não havia embarcado no *Morning Star*. Edward Sutherland esperava que ele se unisse à tripulação no dia seguinte no entroncamento de Edgefield, cerca de dezenove quilômetros acima de Nashville.

Os viajantes desfrutavam o calmo cruzeiro, uma relaxante excursão por belas paisagens com a encantadora música do rio e do mecanismo do barco a vapor.

De repente, Edward Sutherland percebeu pelo som daquele mesmo mecanismo que algo estava errado. “Qual é o problema com seu barco?” disse ao chamar Edson White.

“Outra pane, suponho.” Edson apressou-se para frente, seguido por Sutherland, para examinar a engrenagem de marcha do barco. “Parece-me que teremos que guinchá-lo até a margem para podermos fazer reparos,” anunciou Edson. Ele desembarcou para cuidar disso.

Edward Sutherland olhou ao redor e viu que haviam ancorado em uma ilha em Neely's Bend, em Larkin Springs.

Os homens, após avaliarem o problema, decidiram que os reparos não levariam muito tempo. Ao ouvir estas notícias, Mãe White sugeriu que fossem à terra firme para olhar em volta. “Gostaria de ver a fazenda da qual temos falado. Está próxima,” disse ela a Will Palmer.

“Venha, Ed,” chamou Palmer, “vamos subir para olhar a fazenda Ferguson-Nelson. A Sra. White quer vê-la.”

“De jeito nenhum,” recuou Edward Sutherland. “Já vi esse lugar e não estou nem um pouco interessado em vê-lo novamente.”

“Mas temos que ir. A Sra. White insiste em vê-lo.”

Com relutância, Edward Sutherland, chamado de Ed por seus amigos íntimos, saiu do barco e escalou o aterro com os outros. Ele viu que havia subido até o limite da fazenda e esta parecia ainda pior

do que ele se lembrava. Ele passou os olhos por Mãe White e viu seus olhos cintilantes de entusiasmo. “Ah,” exclamou ela, “este parece com o lugar que vi em visão. Este é o lugar que Deus quer que Sutherland e Magan iniciem sua escola de treinamento.”

Ed sentiu um esmorecimento peculiar em seu coração, mas decidiu não dizer nada. Todos retornaram ao barco e os reparos já haviam sido concluídos. O grupo continuou rio acima até o entroncamento de Edgefield, onde atracaram. Aqui, encontraram Percy T. Magan, o irlandês, esperando por eles.

“Vocês prometeram estar aqui hoje pelo meio-dia, e já é quase noite,” disse Magan ao embarcar. “Esperei por horas.”

“O barco quebrou no caminho,” disse Halliday a ele.

“Sua banheira velha está sempre quebrando. Eu deveria ter imaginado.”

Halliday interrompeu, “O barco foi quebrar bem na saída daquela fazenda Ferguson-Nelson, e a Sra. White foi e olhou o local.”

“Seu barco maluco quebrou bem aonde não queríamos que quebrasse. O que aconteceu?” o irlandês perguntou, ignorando o comentário de Halliday.

Naquele momento, Will White apareceu no convés e andou em direção a eles. “Minha mãe gostaria de ver os dois na cabine,” disse a Sutherland e Magan.

Eles o seguiram até a pequena cabine.

“Bem, irmão Magan, vi hoje sua fazenda e andei por toda ela.” Mãe White olhou para cima com deleite, com seus calorosos olhos acinzentados. “Estou convencida de que Deus quer que você e Ed Sutherland adquiram aquele lugar. É o tipo de lugar que me foi mostrado em visão. O que você acha disso?”

“Penso nisso o menos possível,” respondeu Magan. “A fazenda é demasiada grande para Ed e mim. É rochosa, acabada e improdutiva. Exigirá mais dinheiro do que temos.”

“Bem, me desculpe,” Mãe White olhou para eles conforme falava, “pois para mim parece que o Senhor pretende que vocês possuam aquele lugar.”

Ed viu que seu amigo não queria discutir o assunto, então se

desculpavam e deixaram a cabine. Foram à popa do barco e ali, assentaram-se até bem depois da meia-noite cogitando sobre os eventos do dia e lamentando o infeliz problema mecânico próximo à fazenda Ferguson-Nelson. Eles pretendiam encontrar um local sossegado no bosque e iniciar eles mesmos uma pequena escola. Eles simplesmente não podiam assumir tamanha responsabilidade. Por que as coisas haviam tomado este rumo? Finalmente, após muita conversa, decidiram que não podiam e não queriam ser absorvidos por algo tão grande, tão caro, e tão sem esperança. Mas nenhum deles sentiu-se bem acerca da decisão, e ambos sabiam, no fundo de seus corações, que ir contra os conselhos de Mãe White, de certa forma, era como ir contra Deus. Um pesar desceu sobre o coração deles.

No dia seguinte, a embarcação seguiu seu caminho para Cartago e ali ancorou. Na manhã do segundo dia em Cartago Mãe White chamou novamente os dois homens, Sutherland e Magan. “O Senhor quer que vocês obtenham a fazenda Ferguson-Nelson e ali iniciem uma escola de treinamento,” disse-lhes novamente.

“Não podemos,” protestou Ed. “Não podemos pedir à denominação que financie tal risco, e nós temos recursos insuficientes para empreender.” Ed notou o olhar impassivo no rosto de Mãe White e o sentimento de inquietude dentro dele cresceu até tornar-se uma dor inconveniente.

Na terceira manhã em Cartago ela os chamou novamente e falou de forma ainda mais urgente acerca do assunto. “Pedirei ao Edson que leve o *Morning Star* de volta ao entroncamento de Edgefield. De lá podemos ir olhar novamente o local.”

Sutherland e Magan conversaram e decidiram não ir ver aquela fazenda novamente. Mas, ao chegarem ao entroncamento de Edgefield, Mãe White pediu a Will Palmer para levá-la de carro à fazenda. Algumas horas depois ela voltou a bordo do barco e relatou que havia conversado com os Fergusons, os donos que viviam na propriedade. Disse a eles que seu grupo queria aquela terra para iniciar uma escola para obreiros cristãos. Mais uma vez ela insistiu com Sutherland e Magan, para que comprassem a propriedade.

“Nós entendemos,” começou Ed, “que o preço deste local está entre doze e treze mil dólares. Este valor é mais do que o dobro do que pretendemos pagar por uma terra. De forma alguma podemos investir mais do que cinco mil dólares.” Sentou-se com Mãe White e falou em tom grave: “Mãe White, estamos determinados a não ir além do que nossos recursos permitem. Nossa ideia é adquirir um pequeno local nas montanhas onde poderemos fazer amizade com nossos vizinhos, ajudá-los, e construir lentamente.”

Ellen White olhou para eles e sorriu com aquele seu sorriso gentil. “Temo que façam planos pequenos demais e que estabeleçam um alvo baixo demais. Se seguirem o conselho do Senhor, Ele estabelecerá seus pés em um grande lugar e proverá os recursos para pagar por ele.” Ela levantou-se e apontou seu dedo em admoestação. “Vocês dois vão enterrar seu talento? Será que o Senhor deu-lhes todos esses anos de experiência e a habilidade de treinar outros para Seu serviço para que vocês digam a Ele: 'Senhor, sabendo que és homem severo,... e, receosos, escondemos na terra o teu talento?'”

Edward Sutherland sentiu uma agonia tomar conta dele. “Não, não, Mãe White,” disse ele. “Nós trabalharemos para o Senhor. Queremos fazer a Sua vontade, mas não temos os doze, vinte ou quarenta mil dólares que serão necessários para começar uma escola naquele local.”

No dia seguinte, Sutherland e Magan alugaram um cavalo com charrete. Foram na direção oposta à terra de Ferguson-Nelson. Foram olhar outra fazenda. Mas, à tarde, eles encontraram-se novamente de volta à fazenda Ferguson-Nelson, levados por um sentimento de emoção e curiosidade, o qual eles não pararam para analisar. Sabiam que não eram os únicos olhando a propriedade. Ed vira Will Palmer sair de lá com Mãe White mais cedo. Edson e Sarah McEnterfer foram com eles.

Já os dois homens, Sutherland e Magan, estavam em pé olhando para as protuberantes rochas calcárias no meio da grama, e para as muitas pedras que estavam por toda parte nos infrutíferos montes.

Caminharam para uma pilha de pedras próximas ao antigo celeiro de plantação e sentaram-se sobre uma rocha. Pelo pequeno e reto

vale dos campos do sul viram hectares de solo pedregoso, onde cabanas que comportavam seiscentos negros costumavam ficar, pois esta fazenda havia sido uma sede de negociação de escravos.

Ed não conseguia imaginar um panorama mais proibitivo e desolador para uma escola. “Percy,” disse ele ao apontar a mão para os tristes campos, “é a coisa mais grosseira, miserável e cheia de mato que eu já vi. Só em pensar já fico doente.”

“Eu sei, Ed, sinto a mesma coisa; mas Sarah McEnterfer disse que a fazenda que Mãe White escolheu para a escola de Cooranbong na Austrália foi declarada inútil pelos líderes de lá.”

“Bem, não pode ter sido tão ruim quanto esta,” disse Ed. “Olhe para o celeiro velho e nojento com aqueles chiqueiros encostados nas janelas.”

Permaneceram assentados por alguns minutos, afundados em um lamaçal de autopiedade e desânimo. Finalmente, Ed falou novamente: “Acredito que neste momento aquela escola australiana esteja prosperando.”

“Sim, Mãe White disse a eles que não rejeitassem o conselho do Senhor, mas que dessem a Ele uma chance para trabalhar.”

Ed lembrou-se com grande clareza de palavras semelhantes ditas a ele no dia anterior. Sentia-se pior a cada momento, e mesmo assim resistia. Dirigiu um olhar indagador a Percy. “Acredito que você deu início ao interesse de Mãe White pela propriedade de Ferguson-Nelson.” Então, vendo o olhar incrédulo no rosto de Percy, desatou a chorar. “Oh, como eu queria ter uma forma honrável e cristã de sair dessa coisa toda sem demonstrar falta de fé nos testemunhos da mensageira do Senhor.”

Arruinados, completamente desencorajados, os dois homens ajoelharam-se e abriram seus corações a Deus. Então, calmos e resolutos, decidiram-se pela fazenda. Dariam o passo de fé e obedeceriam ao conselho dado a eles pelo Senhor através de Mãe White. Então, voltaram para contar-lhe sobre sua decisão. Ela não parecia surpresa, mas elogiou o ato com palavras gentis.

Na manhã seguinte, os dois homens dirigiram-se novamente à fazenda. Ajoelharam-se entre as rochas, próximo ao velho celeiro, e

mais uma vez imploraram ao Senhor para mostrar-lhes Sua vontade e fortalecer-lhes para que fossem obedientes. Consternados com o risco que corriam, atormentados por dúvidas, lutaram com o Senhor em agonia e súplicas.

Eles tiveram que desembolsar logo de início entre treze e quinze mil dólares pelo local com as escassas instalações que este oferecia. Não tinham nem metade do dinheiro para pagar pela infrutífera, pedregosa e miserável terra, muito menos para construir e equipar uma escola de treinamento. Oraram ao Todo-Poderoso em busca de auxílio. A coragem os encheu de tal forma que nunca posteriormente vieram a duvidar de que Deus os havia guiado nesta aventura, e de que Ele se encarregaria e direcionaria tudo o que estivesse relacionado ao empreendimento.

Haviam passado por seu Getsêmani, lutado o dia inteiro com o problema. Agora o crepúsculo começava a estender um manto misericordioso sobre a paisagem desolada e infrutífera. Os pássaros entoavam cânticos e faziam ninhos. Esquilos disparavam para dentro das antigas árvores, e as irregulares plantas a desabrochar pareciam pálidos pontos de exclamação em oposição às negras sombras da noite.

Percy Magan manifestou-se: “Ed, estamos nessa — estamos nessa voluntariamente. A senhora White está conosco. Deus está nos guiando. Ele nos mostrará o caminho.”

De repente, com uma voz forte e jubilosa, Ed começou a cantar: “bendita fé dos nossos pais”. Percy uniu-se a ele, e os louvores a Deus soaram por aquela fazenda desolada e desgastada. Talvez naquele momento de fé triunfante, os anjos de Deus desceram e reclamaram a fazenda para si.

O hino terminou, e a quietude da noite os envolveu. Os solitários montes os cercavam e um céu estrelado arqueava sobre eles. Um senso solene da Presença Divina os envolveu, e começaram a cantar novamente:

“Após a tempestade,  
brilha o arco-íris em louvor,  
Promessa escrita no firmamento;



Mesmo que, em meio ao sofrimento,  
Brilhe o arco-íris de Seu amor.”

O costumeiro bom-humor do irlandês retornou: “Ed,” — Percy escolheu cada palavra com cuidado — “aqui estamos, numa encruzilhada. Se tivéssemos assumido a posição que o que Mãe White diz não é do Senhor, então não estaríamos prontos para aceitar qualquer coisa que o Senhor diz a ela, a menos que estivesse em conformidade com nossas opiniões.”

“Não há outro caminho,” respondeu Ed, “se quisermos prosseguir com a certeza de que Deus está conosco. Vamos voltar rapidamente para Nashville e dizer a Mãe White que compraremos a fazenda Ferguson-Nelson.”

Quando informaram lhe de sua decisão final, ela demonstrou grande satisfação. “Farei qualquer coisa para ajudá-los. Vão e contem sua história para as pessoas, e elas os ajudarão. Recomendarei seu trabalho e escreverei um artigo sobre ele no periódico da nossa igreja. Farei parte de seu conselho administrativo, se quiserem.” (Essa foi a única vez na vida que ela aceitou tornar-se membro do conselho administrativo de qualquer instituição).

Edward Sutherland e Percy Magan arriscaram o futuro e a própria vida no conselho que Deus tinha dado a Mãe White. Eles se determinaram a, independente de preço, labor e/ou dificuldades, apoiar o projeto e levá-lo avante a um final bem sucedido sob a direção de Deus.

"O tema favorito de Cristo era o caráter paternal de Deus e Seu abundante amor." *Testemunhos para Ministros*, p. 192.

## **A Batalha dos Anjos**

Quando Edward Sutherland e Percy Magan tomaram a decisão de seguir o conselho de Deus acerca da propriedade Ferguson-Nelson, sua atitude para com o local mudou. Ed passou a enxergá-lo da forma que poderia se tornar com a bênção de Deus repousando sobre ele. Passou a ver seu potencial e a fazer planos. Percy compartilhava desse crescente entusiasmo; ambos foram contagiados ao mesmo tempo. Ed viajou para o Norte, para Berrien Springs, para angariar dinheiro para o empreendimento, enquanto Percy utilizou o dinheiro disponível para dar de entrada na propriedade.

Aquele fim de tarde de verão em Nashville, ao término de junho de 1904, apresentava beleza e cor. Percy Magan andava pelas agradáveis ruas, inalando o deleitoso perfume dos jardins de rosas que acompanhavam as avenidas. Sentia-se em harmonia com a natureza e com seu Pai celestial. Cantava suavemente consigo mesmo conforme caminhava. Percy Magan tinha motivo para cantar. Estava a caminho do lar dos Fergusons, proprietários dos 26,6 hectares de terra próximos a Nashville, que ele e Edward Sutherland iam comprar para fazer uma escola de treinamento. Ele tinha dinheiro suficiente em seu bolso para dar um sinal e segurar o negócio até que Ed voltasse com mais dinheiro.

Percy lembrou a guia de Deus em toda essa sequência de eventos. Lembrou-se da garantia dada por Mãe White, que aquela fazenda negligenciada e infrutífera iria, sob a Sua bênção, se tornar um “grande centro de trabalho educacional, um espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens.” Ela a chamou de “linda fazenda.” Percy sabia que o próprio Deus escolhera o local. Certamente nenhum homem o teria escolhido.

Tanto Edward Sutherland quanto Percy Magan tinham conversado sobre o preço do lugar com os donos, os quais concordaram em vendê-lo por um determinado valor. Percy estava certo de que o acordo ainda estava de pé. Bateu à porta dos Fergusons com confiança.

O Sr. Ferguson abriu a porta. “Bem, professor, temo que todo nosso tempo foi gasto em vão. Sra. Sallie não vai vender. Sinto-me envergonhado, mas não posso fazer nada.”

“Qual é o problema com a Sra. Sallie?” perguntou Percy.

“Sinto muito dizer,” disse o homem cabisbaixo, “mas ela disse que um ianque<sup>1</sup> nunca possuirá esse local.”

“Deixe-me vê-la.” Disse Percy ao entrar na sala. “Fizemos um negócio com vocês, e meu amigo já foi para o Norte arrecadar o dinheiro da compra. Vocês não querem estar sujeitos a um processo, querem?”

“Penso que você preferiria não vê-la,” advertiu o marido. Quando a Sra. Sallie tem um ataque de raiva, age como o próprio diabo.”

“Pode ser, mas já conversei mais de uma vez com mulheres que agem como o diabo,” Percy garantiu-lhe.

O Sr. Ferguson levou Percy à sala de estar e disse-lhe para esperar ali. Dentro de alguns instantes ele voltou à sala. Era um homem grande e alto; entrou seguido por sua esposa, mais alta do que ele. Se Percy pudesse formar na sua mente uma imagem de Jezabel, seria como a que ele estava vendo naquele momento, pensou.

“Sra. Sallie,” começou o marido, “quero apresentá-la ao professor Magan.”

Ela virou-se para o marido, bateu o pé, e chiou: “Você, saia da sala, senhor!” Ele saiu apressadamente. Então ela se voltou para Percy: “E agora, senhor, o que quer?”

“Sra. Sallie,” disse ele gentilmente, “sente-se e aquiete-se por um momento, e conversaremos.”

Ela se prostrou sobre a cadeira.

“Agora,” disse ele, “seu marido me diz que você não quer vender o local. Colocou-nos em uma posição difícil, pois concordou em vender. Meu amigo foi para o norte...”

“Nunca venderei para um..., um..., um ianque.”

Percy suavizou a voz ainda mais. “Sra. Sallie, já foi cristã?” Ele não sabia por que perguntou-lhe aquilo. As palavras simplesmente saíram.

Ele viu os olhos dela se encherem de lágrimas. Ela desabou a chorar e disse: “Ah! Eu já fui. Meu pai era um ministro metodista, e me educou para ser uma mulher cristã, mas parece que o próprio diabo se apossou de mim.”

“Seu marido me disse isso,” disse Percy. “Agora me ouça, Sra. Sallie, se o Senhor não quer que tenhamos esse local, então também não queremos. Vamos nos ajoelhar agora e pedir para que o Senhor nos mostre o correto.”

A Sra. Sallie chorava e soluçava como se seu coração tivesse sido quebrado, e eles se ajoelharam e oraram. Percy orou: “Oh! Senhor, tira o diabo da Sra. Sallie.”

Ela orou: “Oh! Senhor, sei que há um demônio em mim, e quero que expulse-o.”

Quando se levantaram, Percy viu que sua face havia se suavizado e ela parecia mais relaxada. “Prepare o contrato,” disse a ele, “e eu assinarei.”

Percy logo começou a trabalhar no contrato, e um pouco depois, doce e sorridente, voltou ela à sala de estar e o convidou para almoçar com eles. Após o almoço, conversaram por alguns minutos; então ela subiu as escadas enquanto Percy voltou à sala para terminar o contrato. Finalmente, ele chamou: “Sr. Ferguson, está tudo pronto. Agora podemos assinar.”

O homem subiu as escadas, e Percy esperou por meia hora. Já podia sentir o dia escurecendo; a atmosfera se tornou opressiva. Finalmente, o Sr. Ferguson retornou. “Professor,” disse ele, “está tudo bagunçado de novo. Ela age mais uma vez como se o diabo estivesse nela. Suas filhas estão lá tentando convencê-la do contrário, mas não adianta.

“Bem,” disse Percy, “traga-a para baixo novamente.”

“Não, não adianta.”

“Sim, adianta alguma coisa,” disse Percy, “pois possuiremos essa

fazenda.”

“Como você pode ter certeza disso?”

“Você não entenderia se eu lhe contasse, mas eu sei. Traga-a para baixo.”

Cerca de meia hora depois ela desceu, e eles se sentaram à varanda e conversaram muito. Ela disse a Percy como odiava os ianques.

O bom humor, resultado de suas orações, se esvaneceu. Ela parecia saber que algo a tocara quando oraram, mas agora o espírito perverso entrara em sua mente outra vez. Ela oscilava entre vender e não vender.

“Voltarei várias vezes,” disse Magan a ela, “até conseguirmos a fazenda.” Pensou que talvez os ataques da Sra. Sallie tivessem o objetivo de aumentar o preço.

Naquela noite, telegrafou a seu amigo Edward Sutherland, dizendo a ele que era melhor voltar. Eles evidentemente teriam que pagar mais. Pediu que trouxesse Mãe Druillard com ele. Insistiu que ambos tinham que vir.

Enquanto esperava por eles, Percy Magan se reunia com a Sra. Sallie todos os dias na varanda dos Fergusons. Finalmente, durante um breve clima de cooperação, ela fez uma proposta a Magan aumentando o preço em 700 dólares. Ele conseguiu um contrato verbal da parte dela por aquele preço. O contrato valia até a quarta-feira seguinte — era apenas um contrato verbal. A Sra. Sallie não queria assinar nada.

Quando Edward Sutherland recebeu o telegrama, foi direto à casa da Sra. W. H. Druillard em Berrien Springs. A Sra. Druillard era tia de Ed e era afetuosamente chamada por todos de Mãe D. Era uma das mentes mais perspicazes para negócios da denominação. Havia trabalhado como tesoureira e financista em vários lugares, incluindo um posto militar na África; e ela tinha sido por toda a vida uma investidora e também fazia trabalhos beneficentes para o Senhor, com um coração muito generoso e uma mente centrada. Era então tesoureira da Escola Missionária Emmanuel.

Edward Sutherland pediu à Mãe D para completar o valor de compra da fazenda Ferguson-Nelson.

Mãe D questionou-lhe a respeito de todos os aspectos da proposta. “Parece instável e arriscado para mim,” disse ela. “Como é que vocês mudaram a ideia de comprar uma fazenda pequena? Agora você vem com uma proposta de 12.000 dólares.”

“Este é apenas o início, Mãe D,” Ed explicou. A escola precisará ser equipada e a fazenda provida de maquinário e ferramentas.”

“Que ideia é essa de vocês,” interrompeu Mãe D, “de se envolverem em um negócio que vai muito além de seus recursos?”

“Estávamos pensando exatamente o mesmo que você.” Ed sorriu. “E pretendíamos continuar pensando dessa forma, mas Deus colocou um freio na nossa boca e nos fez dar a volta.” Então explicou tudo o que tinha acontecido.

“Ed, isso é imprudente. Não darei o dinheiro. Não posso entrar em algo assim.”

Ed sentiu uma estranha determinação surgir dentro dele. “Bem, então,” disse ele, “consequirei o dinheiro de outra pessoa.” Ele se levantou e pegou o chapéu. “Magan e eu obedeceremos ao Senhor.”

Ele abriu a porta e saiu; mas ela o chamou de volta colocando a mão em seu braço: “Olha, Ed, descerei com você para ver isso.”

Eles pegaram o trem para Nashville. Encontraram o pastor Butler esperando por eles na estação, o pastor Haskell e sua esposa, Mãe White, Sarah McEnterfer, C. C. Crisler e Percy Magan.

Magan agarrou a mão de Sutherland. “Ed, não há mais esperança. A senhora quebrou o contrato. Ela quer mais 1.000 dólares.”

“Ah! Mãe D exclamou. “Estou feliz porque não vamos entrar nisso.”

Os olhos de Mãe White brilharam. “Feliz!” sua clara voz soou. “Feliz! Você acha que eu deixaria o diabo me tirar de um lugar por causa de mil dólares? Pague os outros mil. É barato o suficiente. Este é o lugar que o Senhor disse que vocês têm que possuir.”

Então ela se virou para Mãe D. “Nell, você acha que já está quase idosa o suficiente para se aposentar, mas se entrar neste trabalho, se cuidar destes meninos, guiá-los e apoiá-los naquilo que o Senhor quer que façam, então o Senhor renovará sua juventude e você fará mais no futuro do que já fez no passado.”

O grupo todo dirigiu-se à velha casa de madeira, sede da Southern Publishing Association [Associação de Publicações do Sul], onde Mãe White estava hospedada. Enquanto os demais oravam, Magan, Sutherland e Mãe D viajaram os quatorze quilômetros e meio até a fazenda para falar com os Fergusons.

Eles foram conduzidos à sala de estar e se assentaram.

“Vocês querem o local?” Disse a Sra. Sallie ao entrar na sala.

“É claro que queremos,” disse Magan. “Decidimos aceitar sua proposta.”

Ela balançou a cabeça: “Não sei se assino ou não, mas se estivesse em Nashville, talvez o fizesse.”

Magan tomou-a pelo braço e a colocou juntamente com o marido na charrete com a qual vieram. Todos voltaram a Nashville.

O demônio da perversidade da Sra. Sallie ainda a atormentava vez após outra. Ela queria vender, depois não queria. Ia vender e depois não vendia. Eles foram direto para um tabelião.

Sob a lei do estado do Tennesi, uma mulher casada pode romper com sua palavra e permanecer livre de qualquer obrigação. Se um contrato de venda é assinado por ambos marido e mulher, ela precisa entrar em uma sala com o tabelião sem nenhum dos parentes presentes e assinar um juramento, dizendo que não foi forçada. Ela bateu o pé: “Nunca vou assinar isso! Não estou fazendo isto por vontade própria.” Ela mordeu o lábio e ficou pálida: “O..., o..., iaque! O..., o..., iaque! Continuou resmungando ofegante.

Seu marido entrou na sala. “Oh! Sallie,” e falou com os punhos cerrados: “para com isso!”

“Eles têm que me pagar em ouro,” ela gritou.

“Não,” ele disse: “o cheque deles vale tanto quanto ouro.”

Finalmente, ela se voltou para o tabelião: “Eu assino o juramento, senhor. Dá-me a caneta.” Ela pegou a caneta e garranchou seu nome.

Magan deu a ela um cheque de entrada de 5.000 dólares, cuja maior parte do valor era emprestada. Então os dois jovens educadores pegaram os papéis e saíram do escritório.

Eles foram sem demora até Mãe White, e disseram-lhe: “Mãe White, o local é nosso.”

“Bem, irmão Sutherland,” disse com o mais caloroso sorriso: “você nunca terá ideia de quantos anjos trabalharam para ajudá-los a conseguir o local.”

Percy Magan sentiu uma enorme alegria dentro dele. Como Daniel, buscou ao Senhor, e os anjos lutaram por ele assim como fizeram com o rei da Pérsia.

Edward Sutherland, naquele outono de 1904, deparou-se com o maior desafio da sua vida — o compromisso de fundar, equipar e trazer ao êxito uma escola de treinamento para as necessidades do Sul nos infrutíferos hectares da fazenda Ferguson-Nelson. Estava com 39 anos de idade, e com Percy Magan, quatro anos mais novo, havia passado no teste decisivo de fé requerido para uma crença incondicional no conselho de Mãe Ellen White.

“Não temos fé,” disse a seu amigo Percy: “a menos que creiamos em algo que pareça fora da compreensão da mente humana.”

“E esta proposta é exatamente isso.”, disse Magan ao seu lado. Eles foram novamente ver a terra, agora com olhos abertos à sua posse e responsabilidade.

Mãe Druillard estava com eles. Ela tinha investido dinheiro naquela terra nada promissora. Então ali estava ela com o vento agitando seus cabelos ruivos, entre os quais os fios brancos começavam a aparecer. Ed olhou para Mãe D. Parecia bem nova para 60 anos de idade! Pessoas ruivas não aparentam tanta idade quanto as outras, ele pensou. Ele a observava estender sua mão eloquente em direção aos ameaçadores hectares e dizer: “As árvores, os montes e o céu são belos. Mas esta fazenda é como um deserto. Vejam como os suínos arrancaram a grama pela raiz e tornaram até o pátio de entrada um deserto.” Ela permaneceu em silêncio por um momento e então virou-se para os dois homens: “Vocês sabem por que fiquei com vontade de ver este negócio continuar?” Sem esperar por uma resposta, sua face irradiou com um brilho interior. “Irmã White me disse que se eu dedicasse meu tempo, meu talento e meus recursos ao estabelecimento da escola aqui, Deus me daria o privilégio, e viveria para ver o sucesso do trabalho.”

Ed acrescentou: “Acreditar em coisas que são perfeitamente



lógicas não requer fé.” Sua análise de cálculo incluía todos os 26,6 hectares da recém-adquirida terra. “Não vejo razão para não esperarmos milagres da parte de Deus, assim como Ele transformou água em vinho e abriu o Mar Vermelho.”

*<sup>1</sup>Pessoa do norte dos EUA. Esse apelido era muito usado durante a guerra civil entre o Norte e o Sul do país.*

"Todas as invenções úteis e melhoramentos têm sua fonte nAquele que é maravilhoso em conselho e grande em obra." *Conselhos Para Pais, Professores e Estudantes*, p. 277.

## **Pioneirismo**

Edward A. Sutherland entrara neste arriscado empreendimento de dar início a uma escola de treinamento com anos de experiência em educação. Seus pais piedosos inculcaram nele o “temor e admoestação do Senhor”. Assim, sua experiência foi construída por uma infância e juventude de dedicação a Deus.

Seu pai, Joseph Sutherland, educado em Glasgow para ser professor de Grego e Latim, havia migrado com seus pais para o Canadá e então para Wisconsin, onde se estabeleceram em uma fazenda próxima à família Rankin. Os Rankins tinham oito filhas ruivas. Joseph Sutherland casou-se com Mary Rankin. Pouco após seu casamento, o jovem casal abraçou a mensagem Adventista do Sétimo Dia e tornou-se um fervoroso casal discípulo da fé.

Em 1865, Joseph e Mary Sutherland deixaram o lar de Wisconsin e iniciaram uma jornada para Otronto, Iowa. Estavam esperando seu primeiro filho e esperavam chegar ao fim de sua jornada antes que o bebê nascesse; mas no caminho, em Prairie du Chien, no município de Crawford, na congelante manhã de 3 de março de 1865, enquanto sua caravana atravessava o Rio Mississípi, Edward Alexander nasceu.

Do pai, Joseph, o jovem Edward herdou honestidade e habilidade nos negócios, combinadas com um raro talento de fazer amigos e mantê-los. De sua mãe, Mary, herdou habilidade literária e o talento de administrar. Os pais envolveram-no em uma segurança nascida de uma fé ativa em Deus.

Ao longo de toda a infância, Edward sentiu a influência refinadora da música e da oração. Os cultos matutinos e vespertinos

estabeleciam os limites dos dias. Os cânticos de louvor da mãe e as fervorosas orações do pai construíram um muro de segurança ao redor dele, e mais tarde ao redor de Lydia, sua irmã. Eles conheceram a paz de um lar bem ordenado.

Edward aprendeu cedo o valor do trabalho e a paciência ensinada pela vida em uma fazenda com inúmeras responsabilidades e atividades. Ele e Lydia pastoreavam as vacas por um centavo ao dia. Quando o verão findou, ele havia acumulado o valor de trinta e cinco centavos. O longo inverno oferecia muitas tentações em que gastar seu dinheiro, mas resistia a elas, e a primavera encontrava seu pequeno tesouro intacto.

O pai sugeriu que investisse os trinta e cinco centavos em cebolas, e Edward ajudou a plantá-las. Cuidou delas durante todo o verão, colheu no outono, vendeu-as desidratadas e obteve uma bela fortuna de sua primeira aventura empreendedora. Através desta experiência, aprendeu lições de paciência, industriiosidade e economia.

Mais ou menos neste período abriu-se uma nova oportunidade diante dele. Gambás tinham se tornado tão prolíficos e destrutivos, que o município ofereceu um prêmio por eles. Pensando em ganhar algum dinheiro rápido e fácil, Edward dedicou-se com talento e energia. Finalmente conseguiu encurralar seu primeiro gambá. Precisava apenas acertá-lo com o porrete para matá-lo; mas o gambá agiu primeiro. O animal safou-se, mas o menino não.

Horrorizado e engasgando-se correu para a mãe, que o barrou de entrar em casa, levou-o ao pasto, despiu-o, esfregou-o, e enterrou suas roupas no chão. Seu ganho neste novo empreendimento não foi financeiro, mas de igual valor. Edward Sutherland aprendeu como lidar com gambás e não se esqueceu da lição. “Quando encontrar um gambá, deixe-o a sós. Se não, cheirárá como ele.”

Ed graduou-se na Escola de Ensino Médio de Otronto aos dezenove anos. No ano escolar seguinte, ensinou em uma escola rural nas proximidades, indo e voltando em seu pônei, Mouse. Aquele ano de ensino, 1884-85, o fez perceber que ele precisava aprender muito mais para se tornar um treinado e bem sucedido professor de crianças e jovens. Então, determinou-se a fazer faculdade.

Certa manhã, ao desjejum, anunciou: “Quero fazer faculdade. Quero ir a Battle Creek.”

“Já obtive sua educação, filho”, respondeu o pai. “Tudo o que tem que fazer é ganhar dinheiro suficiente para comprar um bom pedaço de terra para que possa desenvolver uma bela fazenda.” O pai parecia considerar o assunto encerrado.

“Mas eu não quero ser fazendeiro. Quero ser professor.” O jovem Edward possuía toda a teimosa persistência tanto dos Sutherlands quanto dos Rankins. Manteve sua posição.

“Sabe que não há dinheiro para fazer faculdade”, disse o pai.

Edward considerou o problema por alguns minutos. “Então venderei o Mouse. Isso me dará dinheiro suficiente para chegar a Battle Creek, e encontrarei um meio de conseguir o que quero.”

Edward vendeu o Mouse, embora tenha lhe causado angústia separar-se de seu amado pônei. Naquele outono de 1885 ele foi para Battle Creek mas não entrou na faculdade. Suas tias, Ida Rankin, preceptora do dormitório feminino da Faculdade de Battle Creek, e Effie, chefe do setor alimentar, acolheram a Edward naquele primeiro ano; ele dedicou todo o tempo estudando gramática e retórica, sob a tutela privada do professor Goodloe H. Bell. Mesmo recebendo cartas que lhe informavam da desaprovação da família inteira, continuou com seu programa de estudo do Inglês. No ano seguinte, ingressou na Faculdade de Battle Creek.

Ao fim do primeiro ano escolar, Edward decidiu voltar para casa e passar o verão de 1887 ajudando o pai na fazenda. Seus músculos estavam flácidos e o trabalho era duro, assim como o pai.

A época da colheita e debulha havia chegado. Uma esteira carregava a palha da máquina de debulhar a uma pilha, onde um homem a manejava com um forçado. Todos os homens da equipe consideravam aquele o trabalho mais árduo. O pai Joseph colocou Edward naquele trabalho. Os homens observavam suas mãos cheias de bolhas e protestavam. A mãe chorava, mas o pai insistia: “Fará bem a ele”, dizia. “Quero descobrir de quê esse rapaz é feito.”

Ele descobriu. Edward trabalhava, cantava e orava durante aquela estação de debulha, como alguém que estivesse acostumado com o

serviço, sem se queixar.

No verão seguinte, Edward colportou para arrecadar dinheiro para pagar a escola. Enquanto vendia livros, ficou na casa da Sra. Josephine Gotzian na moderna seção Dayton Bluff de St. Paul, Minnessota. No ano anterior a próspera Sra. Gotzian foi ao sanatório de Battle Creek como paciente, onde aceitou a fé adventista. Outros jovens haviam se hospedado na casa dos Gotzian, e por não encontrarem a comida do seu agrado, não gostaram de lá estar. Edward determinou que, se fosse possível, agradaria esta boa senhora. Saía da sua rotina para fazer serviços para ela. Ele tratava de seu cavalo e fazia pequenos trabalhos no local em troca de alimento e estadia. Às tardes e aos domingos a levava pelo parque para passear de carruagem, puxada por seu lindo cavalo, Major. Lembrando-se de seu querido Mouse, Edward tinha um cuidado especial por Major.

O jovem não podia prever como esta amizade única com a Sra. Gotzian afetaria seu futuro. O início das maravilhas de Deus às vezes apresenta-se tão simples e sem importância aos olhos humanos.

Naquele ano de 1888, Deus acendeu uma grande luz na conferência de Mineápolis através da mensagem de justiça pela fé. Aquela luz mudou a vida de Edward e motivou seus planos e ações por todos os demais anos de sua vida.

No outono de 1888, quando Edward retornou à Faculdade de Battle Creek para seu terceiro ano de estudo, conheceu um novo amigo, Percy T. Magan, um rapaz irlandês. Uma nova amizade começou entre estes dois jovens, não diferente daquela entre Jônatas e Davi. Suas personalidades e capacidades complementavam um ao outro e levaram a uma combinação de esforços jamais igualada na obra denominacional Adventista do Sétimo Dia.

Não foi por acaso que Edward Sutherland e Percy Magan foram colocados sob a direta influência de Mãe White no fim do outono de 1888, quando ela mesma transbordou de alegria e interesse pela mensagem da justiça pela fé, da qual declarou ser “a terceira mensagem angélica verdadeiramente”. Ela convidou Percy para morar em sua casa. Naquele inverno Edward frequentemente visitava o amigo. Estudaram as profundas verdades das três mensagens

angélicas, o juízo investigativo, o santuário e a expiação, tudo na gloriosa nova luz da mensagem de 1888. Pelo contato íntimo com Mãe White, aprenderam a valorizar o maravilhoso dom outorgado à igreja remanescente através dessa amável mulher.

Eles notaram a vida de sacrifícios que ela vivia e os simples móveis do lar. Experimentaram a aura de paz e alegria que preenchia aquele humilde lar. Vieram a conhecer os princípios que Ellen White observava e a abnegada preocupação que tinha pelo crescente trabalho. Ambos a chamavam de Mãe White, um título carinhoso que usaram pelo resto da vida. A convicção de que as revelações de Mãe White vinham de Deus tocava profundamente o coração e a mente de ambos e moldava todo o trabalho futuro.

Embora Percy fosse quatro anos mais novo do que Edward, o mais jovem tinha uma profunda influência sobre o mais velho. Edward logo descobriu que Percy gozava de uma experiência religiosa que ele mesmo não conhecia. Percy havia entregado a cidadela interior de sua vida a Deus e havia aceitado a justiça pela fé em Cristo sem questionamentos ou reservas.

“Percy, diga-me como pode reclamar as promessas com uma fé tão completa,” disse Edward durante uma de suas longas conversas espirituais. “É claro que eu acredito na Bíblia e tudo mais, mas às vezes ainda encontro dúvidas e medos em meu coração. Acho que minha fé não cresceu o suficiente.”

Percy olhou para ele com grande afeição. “Talvez ajudará lembrar-lhe quão grande é Deus, quanto tempo Ele já viveu, e os recursos que possui para cumprir Suas promessas.”

Pouco a pouco, Percy guiou Edward a uma completa aceitação da justiça de Cristo e a uma completa dependência das grandes e preciosas promessas. Toda visita que Edward fazia à casa de Mãe White e toda conversa com ela fortalecia a nova experiência até que ambos, ele e Percy, estivessem “enraizados e firmados” nas salvíficas doutrinas de Jesus Cristo.

E Percy também ensinava a Ed acerca da recreação. Edward notou que Percy obteve sua experiência através do trabalho útil e aproveitável. Percy havia entrado na padaria da escola e logo tornou-

se padeiro chefe. Trabalhou na cozinha e aprendeu a cozinhar. Trabalhou na oficina de usinagem e tornou-se habilidoso com ferramentas. Edward obtinha sua recreação jogando futebol americano e beisebol.

Certo dia Edward segurou no braço firme de Percy. “Precisamos de outro homem no nosso time de beisebol, um homem com esse tipo de músculo, Percy.”

“Não me interessa.” Virou-se Percy.

“Mas por quê? Você acha que temos que trabalhar o tempo todo?”

“Digamos que não posso considerar qualquer atividade como recreação boa para mim a menos que beneficie alguém.”

“Certamente o exercício vigoroso é saudável e necessário para o corpo”, insistiu Edward.

“Sim, exercício é bom e necessário; mas a meu ver, tal exercício pode ser obtido de forma proveitosa. A verdadeira recreação traz bênçãos a outros.”

Edward pensou bastante e profundamente sobre as palavras e exemplo do amigo. Com o tempo, passou a ter o mesmo conceito de recreação que Percy. E assim, passou por outra etapa em sua marcha rumo à grandeza.

Uma certa jovem de Iowa, Sally V. Bralliar, frequentou a Faculdade de Battle Creek e algumas das mesmas classes que Edward. Ele a achou muito talentosa, educada em Alemão e Latim, uma artista, cursando ciências domésticas. Também viu que possuía um caráter elevado. Além disso, Edward percebeu que ambos tinham os mesmos objetivos, e um deles era ensinar. Ele a achava toda atraente; e quando seus olharem se encontraram de uma ponta à outra da sala de aula, um deleitoso sentimento tomou conta dele e faíscas de eletricidade pareciam correr por sua espinha de alto a baixo. Embora as regras da escola restringissem a associação entre rapazes e moças estudantes, Edward encontrou uma forma de fazer Sally saber que o agradava muito. Como sempre o amor encontrou o seu caminho; e antes da graduação os dois haviam prometido unir suas vidas e amar um ao outro. O corpo docente aprovou e concedeu a sua bênção.

Em junho de 1890 o casal graduou-se na Faculdade de Battle Creek. Edward recebeu sua licença ministerial e encarou o futuro com confiança e entusiasmo. Foi mestre de tenda para o pastor R. C. Porter em um evangelismo na cidade de Winnepage, em Minnessota, enquanto Sally foi para casa preparar o casamento. Casaram-se em agosto e deram início a uma longa e prestativa carreira. A influência deste dedicado casal se estenderia para o mundo inteiro.

Após o casamento, Edward levou sua esposa a Mineápolis, Minnessota. Tomou o lugar do diretor da escola adventista naquele outono, C. A. Lewis, que havia sido chamado para a Union College, em Lincoln, Nebraska.



### **Sally e Edward Sutherland pouco depois do casamento.**

O ano correu bem. Sally e Edward Sutherland cresceram no entendimento mútuo e descobriram muitas qualidades que aprofundaram suas afeições e uniram-nos em um único instrumento para uso de Deus.

Certa manhã de primavera, Edward voltou para casa de suas classes inesperadamente. “O que aconteceu? Por que você está em casa a esta hora do dia?” Perguntou Sally ao entrar ele na casa.

Edward tirou o casaco e tomou a amável Sally nos braços. “Quase



sinto muito em te dizer. Você nos preparou uma casa tão aconchegante aqui; mas um homem do Union College veio, e quer que vamos ao Union College ano que vem. Você liderará o departamento de artes, e eu o departamento de história.”

“É claro que iremos!”, olhou Sally dentro de seus olhos com aquele olhar perscrutador que sempre fez Edward sentir como se ela pudesse ler a sua alma.

“Bem, eu disse ao homem que voltaria para casa para orar com você sobre isso, e então decidiríamos. Ele quer saber logo.”

Eles se ajoelharam do mesmo modo que sempre faziam de manhã e ao final da tarde, e em outros momentos especiais quando precisavam comungar com Deus.

Eles decidiram ir.

“Agora, como nunca antes, precisamos entender a verdadeira ciência da educação. Se falharmos em entendê-la, nunca teremos um lugar no reino de Deus. 'E esta é a vida eterna, que conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.' Se este é o preço do céu, não deveria ser a nossa educação conduzida nestas linhas.”

Christian Educator, Agosto de 1897, p. 22. Citado no *Journal of True Education*, Fevereiro de 1947.

## **Anos de decisão**

O amigo de Edward, Percy Magan, havia ficado na Faculdade de Battle Creek. Sua educação tinha sido interrompida, entretanto, devido a uma urgente necessidade de seus serviços como professor de história. Enquanto Edward lutava com os problemas de seu primeiro ano como diretor, Percy aprofundou-se na preparação de suas classes de história. Estudou além dos requerimentos do curso. Estudou especialmente os escritos de Mãe White sobre reforma educacional e assuntos relacionados. Ao término de seu primeiro ano de ensino na faculdade, permaneceu dedicado a certos princípios básicos de reforma que iriam colocá-lo em destaque pelo resto da vida.

Após o primeiro ano de Edward como diretor em Mineápolis, os Sutherlands mudaram-se para o Union College, onde estabeleceram seu novo lar. Então partiram para Harbor Springs, no estado de Michigan, para participar da primeira convenção educacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os efeitos da conferência de Mineápolis de 1888 e sua mensagem de justiça pela fé causaram um tremendo impacto; porém, a reação cresceu lentamente, e um sentimento de mudança pairava no ar enquanto cem professores reuniram-se para estas seis semanas de estudos.

Ali Edward encontrou-se e renovou a amizade com Percy Magan.

“Percy”, disse ele após os primeiros calorosos cumprimentos, “Ouvi que é ótimo pescar em Harbor Springs. Vamos tirar um dia de folga para pescar”. Para Edward, não havia nada mais delicioso do que um peixe fresco frito na manteiga.

“Para mim a pescaria perdeu o encanto”, disse Percy, e então Edward viu o brilho em seus olhos. Percy explicou que havia se tornado vegetariano e não tinha interesse em pescar ou caçar qualquer outro animal para se alimentar. “Sabe, Mãe White recebeu luz sobre o tipo de dieta que devemos ter.”

Os argumentos de Percy eram tão firmemente fundamentados na inspiração que os jovens Sutherlands tornaram-se vegetarianos daquele dia em diante.

Então os dois começaram a discutir outros assuntos importantes. Tanto Percy quanto Edward tinham um forte desejo de crescer e obter mais luz. As mensagens que Mãe White trazia à jovem igreja encorajavam o crescimento a novas áreas inexploradas. E naquele momento, cem dos principais educadores da igreja concordaram em considerar os princípios básicos da nova educação que Mãe White parecia achar tão importante.

“Como você se sente sobre essa ideia de Mãe White de nossas escolas localizarem-se em áreas rurais?”, perguntou Edward a Percy na primeira oportunidade que tiveram de conversar a sós.

Percy pensou por um momento. “É claro que você sabe que eu concordo.”, sorriu para o amigo com aquele amável sorriso irlandês. “É tudo uma coisa só — localização no campo, muita terra fértil, professores e estudantes trabalhando juntos e sendo bem sucedidos em trabalhar para sustentarem a si mesmos. Parece-me uma boa ideia.”

“É um dos princípios básicos, não é?”, disse Sutherland de forma pensativa.

“Sim, mas não é o primeiro princípio básico. O mais importante é que o conhecimento de Deus é a educação essencial, que Sua palavra deve ser o principal livro didático, com o livro da natureza ocupando o segundo lugar.”

Edward lembrou-se que Mãe White havia defendido tal programa

de educação por algum tempo, ainda antes da fundação da Faculdade de Battle Creek. Ele se perguntou por que estas mensagens, que a igreja estava sendo tão lenta para seguir, pareciam ser de urgente importância naquele momento. Será que a mensagem de Mineápolis de justiça pela fé tinha aberto suficientes corações e mentes que talvez Deus estivesse fazendo algo importante nessa convenção de educadores?

“Percy, eu gostaria de ir para o Sul e começar a trabalhar em um daqueles estados. Mãe White falou muito acerca das necessidades do Sul. Talvez devêssemos ir para lá”, anunciou Edward.

“Se quisermos, penso que Deus abrirá o caminho para trabalharmos onde Ele precisa mais de nós”, respondeu Percy.

Edward percebeu estar em plena simpatia com todos eles, ao serem os princípios básicos de educação discutidos naquela convenção de 1891, e sentiu grande vontade de prosseguir nessa forma de serviços. Ia conversar com Mãe White sobre isso. Então percebeu que ela não estava por perto. Ela tinha se determinado a ir à Austrália. Durante dezessete anos vinha tentando fazer com que os irmãos de Battle Creek mudassem a faculdade para uma localização campestre, mas não fizeram nada. Embora ainda mantivesse laços de afeição com estes mesmos irmãos, sentiu-se guiada por Deus para mudar-se para a Austrália, onde esperava que uma escola pudesse ser estabelecida e conduzida de acordo com o plano de Deus.

Certa tarde, próximo ao final da convenção, Edward apressou-se para o quarto onde ele e Sally estavam hospedados. “Sally, o que você acha que aconteceu agora?”

“Não posso adivinhar.”, sorriu como se soubesse que ouviria boas novas.

“Não iremos ensinar no Union College neste outono, afinal de contas. A Associação Geral nos chamou de volta à Faculdade de Battle Creek.”

“O que ensinaremos?”

“Devo ensinar História, e você deve ser chefe do departamento de Artes e ensinar Alemão.”

Sally assentou-se na cadeira mais próxima. “Foi bom não termos

desencaixotado todas as nossas coisas lá em College View.” Ela suspirou, mas sorriu para seu marido.

Os jovens Sutherlands voltaram ao Union College para encaixotar seus poucos pertences e retornaram à Faculdade de Battle Creek. Ambos consideraram uma honra pertencer ao corpo docente da amada escola onde se graduaram.

Pouco antes das aulas começarem, o presidente informou a Edward que ensinaria, não História como havia planejado, mas Bíblia. “Não esperávamos por este transtorno, Edward, mas temos que tirar o melhor proveito dele. Tenho certeza que você vai entender.”

Então Edward assumiu seus deveres como Professor Sutherland na faculdade mais importante da denominação. Não tinha nenhum livro didático, nenhum plano de estudos, nem mesmo um esboço. Ensinou História do Antigo Testamento e atuou como preceptor do prédio masculino.

Enquanto sua recém-adotada dieta vegetariana compunha apenas uma pequena parte de suas convicções sobre educação e vida, mesmo assim o assunto se tornou o primeiro problema sério em sua nova função como professor da faculdade.

Ele raciocinou que História do Antigo Testamento tinha que começar por Gênesis. Corajosamente, guiou sua classe aos primeiros capítulos do livro, onde descobriram e discutiram longamente a dieta que Deus dera ao homem em seu estado perfeito e edênico. Os estudantes questionaram: “Existe alguma razão para que esse tipo de dieta não seja usado hoje?”

Estudaram até o nono capítulo de Gênesis. Ali descobriram que o uso do alimento cárneo fora permitido somente após a terra ser devastada pelo dilúvio. Mais perguntas surgiram.

O jovem professor de Bíblia não escondeu sua luz debaixo do alqueire. Expôs as próprias convicções sobre dieta e também os ensinamentos defendidos por Mãe White em conformidade com o que Deus havia revelado a ela. Disse aos estudantes que desfrutava de uma saúde maravilhosa com uma dieta vegetariana. Vários de seus estudantes passaram a seguir seu exemplo. Para evitar

contratempos, a administração da faculdade providenciou duas mesas vegetarianas no refeitório, mas isso não resolveu a questão.

Presidente Prescott chamou Edward Sutherland ao seu escritório, onde o jovem professor confrontou não somente o presidente, mas também a chefe do setor alimentar da instituição.

“Edward, apreciamos seu trabalho como professor de Bíblia, mas precisa entender que deve evitar discutir assuntos que podem levar a controvérsia e fanatismo.” O presidente olhou para ele com compaixão: “Você entende, não entende?”

Então a coordenadora alimentar se manifestou. “Edward, me surpreende você agitar os estudantes com um assunto tão trivial.”

Edward não argumentou, nem cedeu. Suas convicções permaneceram, e seus estudantes com ele. Dentro de três anos o próprio presidente havia se tornado vegetariano, e a carne desaparecera do refeitório da Faculdade de Battle Creek para nunca mais voltar.

Tanto Edward Sutherland quanto Percy Magan consideravam uma grande bênção a associação com Presidente Prescott. Reconheciam seu profundo intelecto e grande devoção. Às vezes tinha pensamentos tão profundos que seus jovens colegas não conseguiam seguir, mas estas circunstâncias aumentavam o respeito que tinham por ele. Havia assumido a presidência da Faculdade de Battle Creek logo no início, quando ela ainda estava em desenvolvimento. Trouxe a faculdade à estabilidade e maturidade organizada. Entretanto, Presidente Prescott nunca abandonara as algemas de sua educação clássica.

“Entendo que quando esta faculdade foi fundada, Mãe White aconselhou contra localizá-la na cidade”, disse Edward a Percy certo dia ao caminharem juntos em direção às classes. O assunto já estava em sua mente por algum tempo.

“Sim, desde quando ela pediu para que se localizassem no campo”, concordou Percy.

“Ouvi que quando ela retornou a Battle Creek após uma longa retirada para a Califórnia, ouviu que a faculdade seria localizada na cidade de Battle Creek; então, sentou-se e chorou.”

Percy pensou por um momento. “Tenho certeza que Mãe White derramou muitas lágrimas por que o povo de Deus é tão devagar para agir na direção que Ele mostra através dela.”

Ao chegarem ao prédio, Edward disse as palavras finais: “Bem, agradeço a Deus por ela ter continuado a apoiar a faculdade mesmo assim, e desde então continuado a enviar advertências e pedidos para que façam o que Deus quer.” Um sentimento de nostalgia se apossou de Edward. Mãe White tinha ido à Austrália; e mesmo que suas cartas vinham frequentemente trazendo advertências e encorajamento, não era como tê-la próxima; para quem eles poderiam correr, fazer perguntas e orar. Edward continuava a se perguntar o que exatamente teria acontecido se os líderes educacionais tivessem seguido seu conselho e feito o que Deus pediu. Um desejo cresceu em seu coração de estar ligado a uma instituição educacional que seguisse todo o conselho de Deus.

Parecia impossível que naquela altura a faculdade pudesse ser removida de Battle Creek. Incapacitada pela localidade, possivelmente não poderia seguir o conselho que Mãe White havia dado de tornar a agricultura “o A, B e C da educação.” Triste e decepcionada, saiu ela da amada Battle Creek e foi à Austrália, do outro lado do mundo. Ali, viu ela uma oportunidade de fundar uma escola de acordo com o que Deus havia lhe revelado. A escola de Avondale, em Cooranbong, Austrália, recebeu seu cuidado e direcionamento para abençoar o mundo inteiro.

Edward sabia que a igreja e os líderes de Battle Creek sentiam certo remorso pelo passado, uma dolorosa solidão, um vazio espiritual e uma crescente preocupação com o futuro.

Edward lembrou-se das palavras do Presidente Prescott logo após a convenção de Harbor Springs: “Agora demos ao Senhor uma chance de trabalhar mais de acordo com a Sua mente, e menos de acordo com nossas ideias.”

Edward sabia que a luta de toda reforma e reavivamento espirituais é travada entre a mente de Deus e as ideias dos homens. Porém, os anos em que o conselho devia ter sido aceito passaram para a eternidade. Os planos corretos que deviam ter prevalecido

ficaram presos nas mensagens da serva de Deus, e não foram postos em prática. Edward e o amigo Percy falavam com frequência sobre o problema e uniam orações em fervorosas súplicas, para que a vontade de Deus fosse feita na faculdade e em todas as outras áreas do crescente trabalho. Ambos eram extraordinariamente promissores; ambos tinham visão, sabedoria e fé. Ambos tinham se posicionado firmemente ao lado da mensagem de justiça pela fé. Esta passou a fazer parte do fundamento de suas experiências, e os anos seguintes serviram apenas para aprofundar e fortalecer a certeza de que Deus podia e iria operar neles aquilo que era agradável aos Seus olhos.

Ao chegar novamente a primavera, Edward foi para casa certo dia trazendo a Sally notícias que seriam transferidos outra vez — desta vez para o extremo Oeste.



"Qualquer que seja o ramo de pesquisa a que procedamos com um sincero propósito de chegar à verdade, somos postos em contato com a Inteligência invisível e poderosa que opera em tudo e através de tudo."  
Educação, p. 14.

## **Uma Faculdade no Noroeste**

Quando Edward Sutherland ingressou na Faculdade de Battle Creek como estudante em 1886, a igreja tinha três escolas; Faculdade de Battle Creek em Michigan, Faculdade Healdsburg na Califórnia e Escola de Ensino Médio South Lancaster em Massachusetts. No ano seguinte uns poucos, porém determinados, Adventistas do Sétimo Dia iniciaram mais duas escolas de ensino médio nas fronteiras do grande Noroeste; a North Pacific Academy no leste de Portland e a Milton Academy na região nordeste de Oregon, alguns quilômetros ao sul da fronteira do território do estado de Washington.

A frequência a ambas as escolas surpreendeu a todos e gerou uma urgência por uma faculdade. O chefe do departamento educacional foi a Portland na primavera de 1890, e em um sábado de manhã, no dia 13 de maio, apresentou uma mensagem especial de Ellen G. White sobre a necessidade de uma escola no Noroeste Pacífico. A escola tinha que ser uma faculdade. Como resultado desta mensagem, as duas escolas de ensino médio abriram mão de seus direitos para que a nova faculdade pudesse nascer.

Seguiu-se muita ponderação e planejamento com oração. Os líderes escolheram uma comissão de treze pessoas para considerar e dar a aprovação final ao projeto. Então, uma comissão de localidade de sete pessoas escolheu um local logo à saída de Walla Walla, no estado de Washington. Finalmente, uma comissão financeira de nove pessoas apresentou um relatório à Associação Geral reunida em Battle Creek, Michigan, em março de 1891. Em 11 de março a Associação Geral aprovou a proposta e a faculdade de Walla Walla

teve origem.

Muitos preparos tinham que ser feitos, prédios tinham que ser erigidos, um grupo de trabalhadores convocado e o equipamento essencial tinha que ser conseguido antes que a faculdade pudesse abrir as portas. A Associação Geral escolheu o jovem Edward Sutherland como diretor para dirigir a nova instituição e designou Prescott para presidente tanto da Faculdade de Battle Creek quanto para a nova instituição. Em julho de 1892 os Sutherlands chegaram ao campus.

Como diretor da escola, Ed deparou-se com uma tarefa hercúlea. Um currículo tinha que ser preparado e um manual tinha que ser impresso. Era necessário assegurar uma equipe de professores, e contatar possíveis estudantes. Além de tudo isso, ele tinha a tarefa de supervisionar os trabalhadores que labutavam diligentemente para acabar de construir o prédio da faculdade.

Em meio a desencaixotar a mudança e estabelecer-se na nova casa, Edward e Sally conversavam sobre planos escolares.

“Esperamos poder inaugurar a faculdade em janeiro, mas não podemos esperar tanto”, comentou Edward, balançando a cabeça.

“Por que não? Disse Sally olhando para as caixas aglomeradas.

“Porque precisamos completar dois períodos neste primeiro ano, o que não poderemos fazer a menos que comecemos no início de dezembro.”

“Bem, apesar disso”, disse Sally ao pegar outro fardo de artigos de cama e mesa, “suponho que devamos ir à reunião campal deste verão. É em Seattle, não é?”

“Sim, e eu concordo. Devemos fazer todo o possível para promover a faculdade, contatar estudantes e familiarizarmo-nos com os irmãos da igreja daqui do Noroeste. Assumimos uma gigantesca tarefa.”

Diretor Sutherland não somente foi à campal de verão, como também dedicou algum tempo visitando as igrejas e fez todo o possível para garantir a boa frequência do início do ano escolar. Havia estabelecido 7 de dezembro como data alvo. Para ter certeza que a meta desta data seria cumprida, os trabalhadores fizeram hora-

extra. Carpinteiros, encanadores, eletricitas e rebocadores trabalharam com uma atmosfera de velocidade e entusiasmo. Ao amanhecer da quarta-feira, 7 de dezembro, uma pergunta cresceu na mente de todos: “Haverá aula hoje?”

A manhã passou lentamente. Um pouco de neve tinha caído na noite anterior, cobrindo com graciosidade o chão bruto, suavizando a aspereza dos prédios inacabados.

Às onze em ponto o grande sino soou na torre da igreja. Noventa e um estudantes com dez professores, vários membros do conselho e muitos visitantes do povoado de College Place enchiam a capela. Ali, com o coração cheio de entusiasmo e gratidão pelo novo centro educacional, louvaram a Deus por Sua grande benevolência. Então os estudantes passaram pelos exames e classificações necessários para poderem frequentar as classes.

Na segunda-feira pela manhã, no dia 12 de dezembro, reuniram-se formalmente pela primeira vez no período letivo. Os estudantes subiram as ásperas escadarias e tomaram seus respectivos lugares na capela, como continuariam fazendo ao longo do curso. Uma lareira foi instalada na capela. Sua chaminé projetava-se pela janela central da parte de trás. Esta chaminé e o fogão emprestado da cozinha fornecia o único aquecimento do prédio. Entretanto, gradualmente, do caos surgiu a ordem, e logo todos estavam envolvidos no programa de trabalho designado com contentamento e suave eficiência, que desde então caracterizou a Faculdade Walla Walla em todas as suas operações.

A primeira refeição da faculdade foi de bolachas de água e sal com leite. Quando a cozinheira tentou utilizar o fogão emprestado, não saía nada além de fumaça. Pouco mais de cem pessoas, entre estudantes e professores, foram servidos em uma sala de jantar sem aquecimento.

Um sólido prédio de quatro andares foi usado para os escritórios, salas de aula e alojamento para alguns dos funcionários. Na parte de trás do prédio, de ambos os lados havia alas — uma para o dormitório masculino e outra para o feminino. Entre as duas alas estavam a cozinha com telhado de estanho e o refeitório.

Edward Sutherland agradeceu a Deus por tudo o que tinha sido feito, mas o pensamento do que ainda havia para fazer o preocupava. Como os professores poderiam conduzir classes eficazes em um prédio sem aquecimento sob o barulho de martelos o dia inteiro, juntamente com a raspagem da serra e todo o conjunto de barulhos de um prédio inacabado. Mesmo assim, de alguma forma, todos prosseguiram.

Certa noite, quando Edward voltou ao seu apartamento, reparou que a cama bloqueava a entrada. “Porque você arrastou a cama para a frente da porta?”, perguntou a Sally, com um olhar questionador.

Sally sorriu: “Você sabe que não há fechadura neste prédio, e nós arrecadamos bastante dinheiro das mensalidades.” Ela levantou o travesseiro enquanto falava: “Meu cofre forte está nesta cama.”, e mostrou-lhe onde havia escondido o dinheiro da faculdade. “Você sabe como é difícil chegar ao banco. Chove o tempo todo, e as estradas são terríveis.”

O marido sorriu. Sua Sally sabia lidar com qualquer situação. Ela já ocupava a posição de coordenadora do refeitório, e havia começado a fazer papel de mãe dos estudantes dos dormitórios. Agora também havia se tornado tesoureira. “Os estudantes gostam da comida vegetariana?” perguntou Edward, mudando de assunto. “Você ouviu alguma reclamação?”

O rosto de Sally iluminou-se com seu vivo sorriso: “Parecem gostar da comida. A senhora Giddings é uma excelente cozinheira.”, disse lambendo os lábios. “Você viu como as frutas e os vegetais neste vale são especiais? Você já experimentou algo como aquele feijão manteiga, o mel delicioso, ou as maçãs?”

Edward concordou balançando a cabeça. “Percebi que o senhor Hobbs está fazendo pães e outras coisas deliciosas em nossa padaria.”

“Sim, parece que o trigo deste vale é excelente. Nossos estudantes são muito afortunados.” Sally olhou para Edward com aquela expressão de admiração infantil que ele muito amava, e disse: “Tenho certeza de que Deus está nos abençoando porque nos determinamos a prover aos estudantes uma dieta estritamente

vegetariana.”

Edward pensou por um momento, então disse em baixo tom: “Sally, você sabia que esta é a primeira instituição Adventista do Sétimo Dia a servir a dieta que Deus designou ao homem?” Percebeu mais do que nunca que Deus havia guiado a comissão a escolher aquela terra — terra esta onde literalmente manava leite e mel.

Uma coisa perturbava Edward Sutherland mais do que ele podia admitir. Ele sabia que a parte da fazenda da escola originalmente comprada pela comissão tinha 8 hectares. As finanças do projeto haviam ficado tão apertadas que os responsáveis foram vendendo pedaço por pedaço da terra até permanecer apenas uma pequena área. Isso ocorreu antes dos Sutherlands chegarem ao Oeste para assumir a diretoria da escola. Via em sua mente os velhos erros de Battle Creek sendo cometidos novamente em Walla Walla, e seu coração clamou a Deus por uma solução. Orava com Sally todos os dias sobre esse urgentíssimo problema.

Uma coisa ele podia fazer: instruir seus funcionários com os ensinamentos que Deus havia enviado através de Mãe White acerca da educação cristã. Então realizou retiros onde os funcionários estudavam os testemunhos relacionados ao assunto, e os princípios bíblicos começaram a se tornar claros diante dos olhos e das mentes de todos.

Os homens e mulheres do pequeno corpo docente que dirigia a nova faculdade viu esses princípios crescendo em importância diante deles de forma tão poderosa e atrativa, que discutiam-nos constantemente e estudavam como colocar a instituição em conformidade com o plano de Deus.

Diretor Sutherland sabia que sem terra suficiente jamais poderia alcançar o padrão estabelecido nas instruções de Mãe White. Então, eventos políticos, embora desastrosos à nação, operaram para tornar realidade o sonho de Edward Sutherland de ter uma fazenda adequada para a Faculdade Walla Walla. A administração confortável do Presidente Benjamin Harrison encerrou-se, mas sinistras sombras de um vindouro colapso financeiro já atravessavam a nação. Os fazendeiros que haviam comprado as terras da escola não mais

conseguiram manter o pagamento em dia, e o Diretor Sutherland comprou de volta 5,3 hectares. Então o Sr. Huddleston, chefe da fazenda, podia começar a desenvolver hortas, pomares e campos, os quais uma faculdade como Walla Walla devia possuir.

O dormitório feminino tinha um banheiro e uma banheira. O dormitório masculino tinha acomodações semelhantes. O corpo docente autorizou o envio de uma carta à Associação Geral narrando sobre a situação dos banheiros e pedindo ajuda. Receberam como resposta instruções específicas e detalhadas de como tomar banho utilizando a pia. Cada quarto do dormitório foi então equipado com uma pia e um cântaro.

Sutherland construiu um forno holandês na cozinha. Fez tudo quanto podia para prover o conforto necessário aos estudantes e para criar um espírito de alegre aceitação das dificuldades que ainda haviam de enfrentar. Acordava às cinco da manhã todos os dias para manejar um lado da serra de corte transversal, enquanto um estudante o ajudava segurando o outro lado. Uma grande quantidade de madeira tinha que ser cortada para suprir as necessidades da instituição, e Sutherland dedicava-se por completo ao trabalho duro. Assim, demonstrava um de seus firmes princípios — que todos os professores e estudantes deviam passar algum tempo, todos os dias, trabalhando juntos em alguma atividade manual produtiva.

Lembrou-se de uma coisa importante que Mãe White havia dito: “Se os jovens tivessem que escolher entre uma das duas coisas na sua educação — um conhecimento das ciências ou um conhecimento de trabalho manual para a vida prática —, que escolham a última opção.”

Edward Sutherland havia abraçado sua filosofia educacional de forma tão completa, que não somente a estudava e a ensinava, como também a praticava todos os dias e em todas as oportunidades.

O primeiro ano escolar, que começou de forma tão confusa e com tantos empecilhos, prosperou além das maiores expectativas dos mais ardentes entusiastas. Em dois meses as matrículas cresceram para 165. Os quartos eram ocupados à medida que os carpinteiros terminavam-nos. Uma reunião anual de Walla Walla relatou:

“Em 20 de junho de 1892, a assembleia Adventista do Sétimo Dia do Noroeste Pacífico listou 1551 pessoas. Naquele ano a Faculdade Whitman em Washington já estava operando durante vinte e cinco anos, sendo dez como faculdade. Tinha cerca de cem estudantes. O relatório do ano anterior da Universidade de Washington, em seu trigésimo ano, constava dez professores e quarenta e dois estudantes. À luz desses fatos, o progresso feito naquele ano no prédio inacabado da Faculdade de Walla Walla foram os mais incríveis.”

O jovem educador considerava esses assuntos na mente e discutia-os frequentemente com Sally. Viram neles a bênção manifestada de Deus.

Durante as atividades finais do primeiro ano escolar, realizadas em um local de reuniões da igreja, em Milton, no estado de Oregon, Edward Sutherland e um de seus professores, Cassius Hughes, foram ordenados como ministros do evangelho.

A despeito da condição econômica que piorava, a Faculdade Walla Walla iniciou o segundo ano com grandes expectativas. Embora o número de estudantes regulares caiu para somente 105, gerando assim um problema financeiro, a administração aumentou o número de professores para doze, metade dos quais eram novos.

George Droll, marido da irmã de Edward Sutherland, Lydia, veio a ser o preceptor da faculdade e a ensinar Ciência. Lydia dava aulas de Grego e Latim. Trouxeram com eles uma jovem, M. Bessie DeGraw, que acabara de concluir um ano na Faculdade de Battle Creek. Ela deveria ter continuado seus estudos em Battle Creek, mas o Professor Prescott havia pedido a ela para ser professora auxiliar em Walla Walla. Ela concordou desde que não fosse solicitado a ela ser preceptora. Ela se uniu aos Drolls, e os três viajaram ao oeste de trem. Em Walla Walla os Sutherlands encontraram-se com a senhorita DeGraw pela primeira vez. Ninguém podia olhar para aquele rosto perspicaz com um sorriso esperto sem discernir a força mental e o caráter dentro desta incrível jovem. E Edward Sutherland pediu que se tornasse preceptora da Faculdade Walla Walla. Isto ela tinha decidido que nunca faria; entretanto, os poderes persuasivos de Edward Sutherland prevaleceram sobre a jovem de personalidade

forte; e durante os quatro anos seguintes, ela executou o trabalho de preceptora juntamente com suas classes de História. Edward Sutherland também a influenciou a aceitar suas ideias sobre educação cristã e sua filosofia de vida de tal forma que pelos próximos sessenta anos ela apoiou todos os seus projetos e políticas com todas as forças.

No segundo ano, a faculdade ofereceu cursos de culinária, impressão, jardinagem e laticínios. Dois cursos de quatro anos foram oferecidos: científico e clássico. Os estudantes podiam ajudar a pagar a mensalidade cortando lenha nas montanhas acima de Milton, Oregon. A faculdade comprava a madeira e transportava para Walla Walla.

Durante o período escolar de outono do segundo ano, Presidente Prescott passou uma semana na faculdade e declarou que tudo estava em ordem. Então cedeu o título de presidente para Edward A. Sutherland, que vinha dirigindo a escola desde o início. Agora Sutherland tornou-se presidente tanto em nome quanto em função.

Durante o terceiro ano da faculdade, cursos breves foram oferecidos aos jovens que desejavam receber uma preparação rápida para iniciarem a obra do Senhor. Presidente Sutherland lera que “jovens desejosos de entrar na obra missionária não devem gastar muitos anos apenas para obterem uma educação.”

As matrículas aumentaram bastante devido a muitos estudantes tirarem vantagem dos cursos mais curtos. Presidente Sutherland atribuía o progresso financeiro e espiritual a um corpo docente dedicado à luz dada a Ellen G. White. Diligentemente estudavam os artigos sobre educação vindos da Austrália, especialmente durante 1895 e 1896. Os funcionários, embora sobrecarregados com os deveres escolares, tomavam tempo para estudar juntos os princípios da reforma educacional. As mensagens os inspiravam; assim como os relatórios da nova escola de Avondale, construída em terra que o Senhor havia escolhido, e que agora operava sob os novos princípios educacionais. Em humilde fé Presidente Sutherland decidiu modelar a Faculdade Walla Walla conforme a Escola Avondale, na Austrália.





**M. Bessie DeGraw, que, ao longo dos anos, permaneceu ao lado do Dr. E. A. Sutherland e de seus ideais para a educação cristã.**

Em seus estudos, o corpo docente descobriu que encontrar e conhecer a verdade sem pronta e voluntária obediência podia ser uma cilada ao invés de uma bênção. Prometeram seguir a luz aonde quer que esta os levasse. Esta decisão requeria muita fé e coragem, mas os levou ao topo da montanha, onde, com visão estendida, podiam

avaliar as vantagens e desvantagens da nova educação e compará-la com a experiência passada, quando o conselho de Deus tinha sido negligenciado. Sob a inspiração do plano guiado por Deus, prosseguiram com confiança no triunfo da liderança e reforma educacional.

Presidente Sutherland posicionou-se firmemente a favor da reforma, mas nada registra que naqueles dias ele esperasse ou desejasse ser promovido por causa disso. Em fevereiro de 1897, entretanto, a reunião da Associação Geral ouviu atentamente o relatório do jovem presidente da Faculdade Walla Walla. Falou-lhes sobre o estudo feito em oração que ele e seu corpo docente tinham feito sobre as instruções inspiradas de educação, da luz que queimava em seus corações, e como estavam moldando o currículo conforme a nova luz sobre educação cristã. Sua apresentação foi tão inspirada, as palavras escolhidas tão convincentes, e tão apeladora a mensagem que trouxe que seus colegas educadores e os líderes da igreja ficaram impressionados. Antes do término da reunião da Associação Geral, elegeram Edward A. Sutherland como presidente da escola onde havia se formado, a Faculdade de Battle Creek em Michigan.

“A verdadeira educação é uma nobre ciência, pois está fundamentada no temor do Senhor, que é o princípio da sabedoria.” *Fundamentos da Educação*, p. 528.

## **Tempos de Mudança**

Na primeira parte do século XIX, um despertar religioso começou nos Estados Unidos. Aos meados do século as sessenta instituições de ensino superior, representantes das maiores denominações protestantes dos Estados Unidos, sentiram necessidade de reforma.

John Jay Shipherd e um amigo haviam formulado e colaborado para um esquema em que escolas pudessem ter trabalho manual como parte do currículo. Sugeriram que estas escolas fossem estabelecidas fora das cidades. Com esta ideia em mente, a Faculdade Oberlin, em Ohio, foi fundada. Oberlin foi fundada para ser um centro de reforma. A Bíblia substituiu a filosofia pagã e certos tipos de literatura. Outras escolas foram localizadas em ambientes rurais, e a educação foi mais individualizada. Atividades na roça tornaram-se vitais. O trabalho manual tornou-se cada vez mais importante ao desenvolvimento do caráter e ao sustento do estudante. Nova atenção também foi dada à reforma de saúde.

Entretanto, nos meados do século, os reformadores de saúde ficaram “cansados de fazer o bem”. Um historiador, ao olhar para trás, tachou os avanços da reforma de “pontos fracos”.

Ellen G. White publicou em 1872 uma corajosa investida contra as tendências ortodoxas de seu tempo. Com santa firmeza, nascida da consciência de seu papel de mensageira da verdade, expôs seus pontos de vista à igreja. Os líderes, apenas parcialmente convencidos, seguiram seu direcionamento com passos fracos e vacilantes. Durante vinte anos havia ela instado, aconselhado, advertido; então, retirou-se para a Austrália, onde demonstrou na escola de Avondale o que os educadores dos EUA não conseguiram

compreender.

Embora Ellen White tivesse ido à Austrália, não deixou de avisar, advertir e instruir por meio de artigos e muitas cartas publicadas. Em 1891 escreveu: “Se Cristo entrasse em nossas instituições de treinamento de jovens, Ele as purificaria, assim como fez com o templo.”

Em junho de 1896 discursou novamente à Faculdade de Battle Creek, órgão central da igreja como denominação: “Oh! Se alguma vez um templo terrestre precisou de purificação, este seria atualmente as instituições de Battle Creek.”

Em novembro daquele ano, o pastor O. A. Olsen fez a seguinte confissão na igreja de Battle Creek: “De tempos em tempos, esta igreja e estas instituições têm recebido mensagens muito solenes e importantes de advertência e instrução, mas estas mensagens não receberam a cuidadosa atenção que mereciam e a reforma instada por elas não foi feita.”

Pouco antes do início da reunião da Associação Geral de College View, Nebraska, Ellen G. White escreveu da Austrália em 8 de janeiro de 1897: “Aos meus irmãos nos EUA. ... Oh! Se eu pudesse ouvir as alegres notícias de que a mente daqueles em Battle Creek que têm professado ser líderes, fosse emancipada dos ensinamentos e da escravidão de Satanás, do qual têm sido cativos por tanto tempo, estaria disposta a atravessar o imenso Pacífico para ver os seus rostos mais uma vez. Mas não estou ansiosa para vê-los com suas percepções enfraquecidas e mentes obscurecidas por terem escolhido as trevas ao invés da luz.”

Apesar de os líderes de Battle Creek não agirem de acordo com o conselho que Ellen G. White havia dado, mesmo assim Deus enviou Seu Santo Espírito para mover o coração dos estudantes da faculdade. Ela escreveu em 1896: “O Senhor Deus dos céus tem feito com que Seu Santo Espírito de vez em quando movesse o coração dos estudantes da escola, para que pudessem reconhecê-Lo em todos os Seus caminhos, para que Ele pudesse dirigir seus passos. Às vezes a manifestação do Espírito foi tão nítida que os estudos foram esquecidos e o maior Professor que o mundo já conheceu fez ouvir a

Sua voz.”

Durante os quatro anos, de 1893 a 1896, Edward Sutherland, o jovem presidente da Faculdade Walla Walla, levou seus funcionários a estudar diligentemente com ele aquelas mensagens vindas da Austrália; enquanto, com fervorosa oração e sincera dedicação, eles colocavam em prática aqueles ensinamentos em sua faculdade.

Então, pela providência de Deus, em 1897, os Sutherlands e sua confiável colega, M. Bessie DeGraw, foram transferidos para a Faculdade de Battle Creek, onde Edward uniu-se com seu velho amigo Percy T. Magan. Senhorita DeGraw uniu-se com Sutherland e Magan, formando um trio que trabalhou junto por toda a vida de Edward Sutherland levando avante aquelas reformas educacionais defendidas por Ellen G. White.

Em 27 de julho, na igreja do Tabernáculo, em Battle Creek, Percy Magan foi ordenado como ministro do evangelho. Seu amigo, Edward Sutherland, pregou o sermão. Agora o caminho estava completamente preparado para estes dois educadores seguirem em dedicada obediência a luz sobre educação que viera através de Ellen G. White.

Percy Magan, que pertencera ao corpo docente de Battle Creek por vários anos, deu forte apoio ao novo presidente, Edward Sutherland. Sob a sua liderança a faculdade mudou seu sistema de estudos. O currículo tornou-se mais flexível, permitindo aos estudantes escolher os tópicos desejados. A edição da revista Review and Herald de 1 de novembro de 1897 continha um anúncio do Presidente Sutherland, oferecendo cursos breves para estudantes mais velhos, obreiros missionários, professores, contadores e colportores.

Uma reorganização geral da faculdade incluía a fundação de uma corporação com o encargo de proibir a faculdade de conceder graus acadêmicos. A situação logo se tornou crítica. Funcionários antigos, que haviam servido na administração anterior, tiveram dificuldades em se adaptar às reformas radicais introduzidas pelo jovem presidente. Os estudantes também tiveram dificuldades para reformular as ideias que estavam bem fixas na mente. Então, Presidente Sutherland, agora um jovem de trinta e dois anos de

idade, ficou preso entre a pressão da inércia de um lado, e suas próprias convicções fervorosas de outro, passando pela prova mais severa de todas.

Em meio a esta tensa situação vieram as seguintes impressionantes palavras da Austrália: “Agora, como nunca antes, precisamos entender a verdadeira ciência da educação. Se falharmos em entendê-la, nunca teremos um lugar no reino de Deus. 'E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, como o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste.' Se este é o preço do céu, nossa educação não deveria ser conduzida nestas linhas?”

Esta declaração de Mãe White encorajou o jovem presidente e esclareceu o assunto. Como Paulo, não lutou contra o sangue e a carne, mas apressou-se a obedecer a visão celestial.

Percy Magan ficou do seu lado. Juntos, compartilharam a mesma visão, e juntos foram obedientes. Encorajaram-se um ao outro no Senhor.

“Percy, Deus não deixará nenhum homem ou grupo de homens derrotar-nos se defendermos firmemente o correto”, disse Edward ao amigo enquanto caminhavam pelo campus. “Talvez tenhamos que passar por situações difíceis, mas Deus nos fará prosperar se nos posicionarmos a favor dos *Testemunhos*.”

Percy Magan pensou por um momento: “Porque é tão difícil para tantas dessas boas pessoas enxergarem que os *Testemunhos* são uma revelação de Deus?”

Os dois amigos continuaram caminhando com a decisão fortalecida de que iriam seguir a luz revelada por Mãe White, não importando as consequências.

Os poderes persuasivos de Presidente Sutherland provaram-se grandiosos e inspirados o suficiente para habilitá-lo a levar avante suas reformas e prosseguir com seu programa. Às vezes avançava mais rápido do que seus colegas podiam acompanhar; mas de modo geral, incríveis mudanças tiveram lugar, e uma melhora genuína decorreu.

“Como o plano de Deus para uma faculdade pode ser levado avante em um campus de meio hectare?” Presidente Sutherland

perguntou a seus conselheiros. “E ainda mais na cidade.” Quando Presidente Sutherland olhou para o pequenino campus e pensou nos muitos hectares de Walla Walla, também pensou nos conselhos de Mãe White, “O estudo da agricultura deve ser o A, B e C da educação dada em nossas escolas.” Percebeu para quão longe do ideal de Deus esta faculdade tinha ido.

Há aproximadamente vinte anos atrás, Ellen White havia aconselhado os líderes de Battle Creek acerca da importância de ter terra para cultivo como parte do treinamento da faculdade, assim como oficinas de trabalho manual sob a incumbência de homens competentes para instruir os estudantes sobre os vários aspectos do trabalho físico. Ela os advertiu de que muito se perderia se falhassem em unir o esforço físico e o trabalho mental, e advertiu contra permitir que os estudantes ocupassem suas horas vagas com prazeres frívolos “que enfraquecem os poderes morais”.

Sutherland e Magan analisaram a condição apinhada do campus e resolveram fazer algo mesmo naquele local tão restrito de meio hectare – incluindo uma quadra de tênis. “Vamos transformar a quadra de tênis e o campo de beisebol em uma horta”, sugeriu Edward Sutherland.

“Pode contar comigo”, disse Percy Magan enquanto arregaçava as mangas.

Então, Presidente Sutherland segurou o arado, Magan guiou a equipe e J. G. Lamson, com seus 102 quilos, sentou-se na viga enquanto eles aravam a área de recreação e transformavam-na em uma horta.

Então, sua fé e zelo foram recompensados. Amigos da instituição doaram o dinheiro para comprar uma fazenda de 5,3 hectares. É claro que os recém-adquiridos hectares ficavam a uma certa distância do campus. Porém, com inspirador entusiasmo, os apóstolos da reforma começaram a trabalhar. Plantaram árvores frutíferas, arbustos e vinhas em 2 hectares, e no restante plantaram vegetais, leguminosas e raízes para suprir à faculdade com vegetais frescos. A nova fazenda também forneceu trabalho aos estudantes. Muitos deles conseguiam pagar parte das mensalidades, e muitos outros conseguiram trabalho

para o futuro. A faculdade pretendia levar a fazenda ao seu mais alto potencial de produção. Então uma declaração apareceu no periódico mensal da escola, *Advocate* [Defensor], como uma bandeira hasteada no movimento de reforma: “A obra de cultivar o solo, plantar árvores, vinhas e sementes é educacional em seu mais alto nível.”

Toda reforma vigorosa encontra obstáculos no início; e depois, vai perdendo a intensidade. O movimento de reforma da Faculdade de Battle Creek não foi exceção. Tais crises provam a “fibra” dos reformadores e revelam sua verdadeira disposição. Em tais momentos, o homem tem que buscar conforto e força de uma Fonte mais elevada que ele. Sua coragem tem que conduzi-lo adiante com uma fé inabalada, com tolerância para com seus opositores, e com compaixão para com os desertores e os cegos que não conseguem enxergar. Deve ter sido nesse momento que o presidente de trinta e cinco anos de idade encontrou um trecho de poesia que tornou-se sua inspiração nos anos posteriores:

“Então, contente-se, pobre coração;

Os planos de Deus como lírios puros e brancos se revelam.

Não devemos arrancar as pétalas fechadas –

o tempo revelará os cálices dourados.”

“Cálices dourados” - a desabrochada glória da reforma amadurecida e aperfeiçoada; como Sutherland e seus apoiadores esperavam por isso!

Para esses líderes, Sutherland e Magan, todo desafio demandava uma decisão de crer e agir para vencê-lo. Também demonstrava uma constante necessidade de lutar com Deus em oração. Frequentemente Presidente Sutherland e sua esposa, juntamente com Percy Magan e a senhorita DeGraw, retiravam-se para a sala de oração no segundo andar. Ali, agonizavam com o Senhor para que a coisa correta fosse feita da forma correta. Lado a lado com estes quatro estavam Alonzo T. Jones, presidente do conselho administrativo, e o Dr. J. H. Kellogg, diretor médico do Sanatório de Battle Creek, que ficava do outro lado da rua.

Outros também prestaram apoio ao movimento de reforma: Homer R. Salisbury, o qual mais tarde tornou-se um líder educacional; C. M.



Christiansen, o qual coordenava o treinamento industrial da escola; Frederick Griggs, líder educacional que viu claramente a necessidade de escolas administradas pela igreja; J. E. Tenny, E. D. Kirby, Stephen Haskell e outros. Apoiando este núcleo de Battle Creek estavam vários outros líderes da igreja no campo missionário.

“A verdadeira educação. . . é o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais.

Prepara o estudante para a satisfação do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.” *Educação*, p. 13.

## **Prisioneiros de Esperança**

A edição de agosto de 1899 do *Advocate*, publicado na Faculdade de Battle Creek, discutia a visão católica da educação e citava um folheto católico: “O ato de conceder graus foi originado por um papa.”

Este desafio levou o corpo docente à ação. Logo anunciaram: “A Faculdade, sob nova organização, cessa, a partir deste ano, a concessão de graus. A preparação para a utilidade na causa de Cristo será o assunto colocado constantemente diante dos estudantes, substituindo os cursos e diplomas do passado.”

Na mesma página deste anúncio, apareciam duas interessantes declarações. Presidente Sutherland lia uma delas: “Após dois anos de ênfase em educação prática e em treino industrial, esta última turma a graduar com o recebimento de graus tem dezenove membros – um em cada um dos seguintes departamentos: científico, clássico, bíblico e de inglês; oito em música sacra e sete em piano.”

Deixando o periódico cair sobre o colo: “Algo pobre considerando todos os nossos esforços de reforma”, disse à esposa Sally.

Sally olhou para ele com um vivo sorriso: “É um pouco cedo para esperar por resultados drásticos. Deus está trabalhando. Espere e veja.”

Pegou novamente o periódico e continuou lendo: “A primeira turma a concluir o curso da American Medical College [fundada por Kellogg] realizou seus exercícios finais no campus de Battle Creek, em uma tarde de domingo de 18 de junho. O grau de M.D. [Medical Doctor – Médico] será entregue em Chicago, pois a instituição está

incorporada nas leis do estado de Illinois.”

Paradoxo? Sim. Mas reformas vêm lentamente e às vezes vão a extremos.

Os dedicados líderes educacionais de Battle Creek enfrentavam seus enormes problemas com tal coragem e convicção que tornou-se uma paixão. Falavam, escreviam, oravam. Passaram cinco anos estudando; chegara o tempo de agir. Agora, a abrangência da reforma se expandia e se aprofundava. O *Advocate* nascera em janeiro passado, um pequeno periódico ambicioso de cinquenta e duas páginas, e media doze centímetros por dezessete. Sob o título o propósito era anunciado: “Dedicado aos interesses da Faculdade de Battle Creek, um escola de treinamento para obreiros cristãos.” Em pouco tempo tornou-se muito influente no trabalho educacional da igreja, e em três anos tinha também se tornado influente no departamento da Escola Sabatina. No segundo ano foi renomeado para *The Training School Advocate* [Defensor da Escola de Treinamento], e apareceu impresso em uma folha maior. Edward Sutherland era editor do periódico, e M. Bessie DeGraw o auxiliava. Percy Magan publicava.

Encorajados, descobriram que a palavra escrita é uma arma poderosa de reforma. Em outubro de 1900, o *Advocate* anunciou um novo livro do Professor Sutherland, um volume de 400 páginas publicado pela Review and Herald intitulado *Living Fountains or Broken Cisterns*. Esta obra bem profunda e elaborada traçava o conflito entre a falsa e a verdadeira educação desde a escola do Éden, passando pelas experiências do Israel antigo, as perversões do mundo pagão e a influência papal por mais de mil anos. Então, o impacto da Reforma Protestante foi descrito, assim como a reação católica, conduzindo o assunto até o final do século dezenove, onde ele mostrou os educadores cristãos da época. Dentre eles levantou-se Edward Alexander Sutherland, de olhos abertos e firme propósito para impedir a decadente tendência.

A discreta senhorita DeGraw, que geralmente trabalhava por trás dos bastidores, ficaria feliz se tão somente a reforma, para a qual dedicara todos os seus recursos e talentos, avançasse de forma

saudável. Ela auxiliou Presidente Sutherland na pesquisa e na escrita do livro *Living Fountains or Broken Cisterns* [Fontes Vivas ou Cisternas Rotas]. Quando Alonzo Jones leu o manuscrito antes de ser publicado, comentou ao Presidente Sutherland: “Há uma mulher nesse livro”.

“A mulher” e sua habilidade editorial foram reconhecidas e apreciadas. Mais tarde, senhorita DeGraw auxiliou a S. N. Haskell em seus dois volumes: *The Story of Daniel the Prophet* [A História de Daniel o Profeta] e *The Story of the Seer of Patmos* [A História do Vidente de Patmos].

Talvez não tão proeminente quanto o jovem presidente da Faculdade de Battle Creek, mas certamente tão ativo e importante no desenvolvimento da reforma educacional quanto Percy Magan, reitor da faculdade. Os dois trabalhavam juntos, e a parte de Magan provou-se vital e valiosa. Ele escreveu muitos artigos para o *Advocate* e outras publicações da igreja. Havia publicado um livro um ano antes de Sutherland, *The Peril of the Republic* [O Perigo da República], publicado por Fleming H. Revell. Todo o lucro da venda destes livros, Percy Magan doou para ajudar a pagar as dívidas da faculdade.

Sob a liderança de Sutherland e Magan, a Faculdade de Battle Creek alterou seu plano de estudos. Ofereciam cursos breves para que os estudantes pudessem se preparar rapidamente para o serviço missionário. Presidente Sutherland anunciara em novembro de 1897, que a administração da faculdade ia prover um curso completo de inverno de doze semanas. “Tudo será feito para levar avante este curso, de forma que esteja adaptado às necessidades daqueles que têm boas razões para não passar mais tempo na escola.”

Em janeiro de 1899, grande ênfase começou a ser dada a uma rotina missionária regular e consistente para os estudantes. A faculdade estabeleceu uma missão na cidade de Jackson, cerca de 60 quilômetros ao leste, onde oito estudantes serviam de duas a quatro semanas, cuidando dos enfermos, ministrando aos necessitados e realizando reuniões à noite. Homer Salisbury, um dos funcionários, dirigia o projeto. Outros estudantes faziam trabalho semelhante na

cidade de Battle Creek.

Todas as mudanças que ocorreram, algumas bruscas, outras graduais, foram realizadas pelo espírito que impelia o movimento. O movimento de reforma tinha uma alma. Não partia de um mero entusiasmo, mas de plena convicção com base em visão. Muitas pessoas boas de Battle Creek, dentro e fora da escola, não compartilhavam das opiniões nem aprovavam as reformas realizadas pela nova administração. Alguns deles recuaram.

Presidente Sutherland, Reitor Percy Magan e os reformadores que promoviam a causa, persistiam com os assuntos persistentemente. Para eles era uma questão de vida ou morte.

O movimento de reforma passou por terrível oposição. Sendo que reforma na educação significava descartar certos servilismos da tendência clássica, muitos estudantes foram contra. Aqueles que tinham curta visão e longa obsessão mundana rebelaram-se e ameaçaram sair em grupo para outra faculdade. A desaprovação surgiu de muitas direções, e choveu críticas na cabeça consagrada mas desprotegida dos líderes. O que deviam fazer? Retratar-se de sua posição? Não, nunca! Ouviram em suas mentes a advertência de 1897 como que o trovão do antigo Sinai: “Agora, como nunca antes, precisamos entender a verdadeira ciência da educação. Se falharmos em entendê-la, nunca iremos ter um lugar no reino de Deus.”

Eles escolheram permanecer firmes e trilhar caminhos retos, com os pés sem vacilar ou se desviar. Deus honrou a pronta ação. A dedicação heroica de estudantes e professores leais fez com que as bênçãos do céu fossem derramadas. A reforma resultou em progresso que todos puderam ver. O alívio financeiro também chegou; mas o mais impressionante de tudo: houve reavivamento espiritual.

Quando Edward Sutherland assumiu a direção da escola na primavera de 1897, havia uma dívida enorme de quase 100.000 dólares que pesava sobre ela. Embora esta dívida vinha se acumulando durante as administrações anteriores por vários anos, o fardo caiu sobre Sutherland e Magan. Eles aceitaram-na e tiveram que lidar com ela.

Em 1899 a Associação Geral realizou sua reunião em South

Lancaster, Massachusetts. Após concluir os assuntos, as delegações, incluindo a maior parte dos homens da Associação Geral, embarcaram em um trem para Battle Creek. Um carregador veio pelos vagões acenando com um telegrama. Era da faculdade. Presidente Sutherland leu em voz alta: “ESTUDANTES ANGARIAM QUASE SEIS MIL DÓLARES PARA AJUDAR NA DÍVIDA DA FACULDADE.”

Uma onda de entusiasmo e alegria tomou conta do grupo de delegados de modo que todos a bordo do trem foram contaminados. Ed Sutherland e Percy Magan olharam um para o outro nos olhos, onde podiam ver o reflexo do próprio deleite. Nada senão o Espírito de Deus poderia ter cumprido tal tarefa.

Mais tarde o *Advocate* relatou: “Quando os delegados chegaram a Battle Creek para dar continuidade aos procedimentos legais cerca de trinta e cinco deles ficaram entretidos no prédio dos estudantes. Ali, entraram em contato com eles e expressaram sua satisfação com o espírito que permeava a escola.

“No dia anterior à chegada dos delegados, os estudantes tomaram sobre si a dívida da faculdade, e conseguiram angariar aproximadamente seis mil dólares em dinheiro e penhores.”

Quando todo o dinheiro e os penhores foram contados, incluindo uma generosa remissão de juros da Review and Herald, o valor totalizou 22.211 dólares, aos quais foram adicionadas mais tarde certas entradas referentes a serviços prestados e alguns hectares de terra dedicados à causa.

Apenas um ano depois, na primavera de 1900, uma nova e substancial fonte de alívio apareceu. Ellen White dedicou seu livro *Parábolas de Jesus* à Faculdade de Battle Creek e a outras escolas endividadas. Todas as entradas por direitos autorais foram destinadas a este propósito, assim como todo o lucro das vendas feitas pela Review and Herald. A Review ainda forneceu os materiais e doou a mão de obra.

Percy Magan formou uma comissão chamada Alívio das Escolas, e tornou-se seu secretário e maior promovedor. Centenas de obreiros e leigos, até mesmo crianças, entraram na campanha e venderam livros

aos milhares. Na reunião da Associação Geral de 1901, Percy Magan relatou que cerca de 57.000 dólares já tinham sido levantados pela venda do *Parábolas de Jesus* nos EUA, além das caixas que tinham sido enviadas à Austrália e à Inglaterra, e mais caixas estavam sendo preparadas à Escandinávia e à Alemanha. Sob a liderança entusiasmada de Magan, o plano provou ser um “enviado de Deus” às escolas.

Mais importante do que o alívio financeiro foi o reavivamento espiritual que abençoou as igrejas, especialmente em Battle Creek. A urgência de reforma apelava fortemente aos corações. Edward Sutherland ainda ouvia, durante todas as suas orações e meditações, aquela mensagem marcante de 1897: “Agora, como nunca antes, precisamos entender a verdadeira ciência da educação.”

O volume seis de *Testemunhos Para a Igreja* saiu em 1901, e continha uma seção de oitenta e três páginas sobre educação. O desafio veio com novo vigor. Como um diamante não lapidado, uma passagem sobressaiu com brilho claro e cintilante:

“Embora em muitos sentidos nossas instituições de ensino tenham adotado o conformismo com o mundo; embora tenham em direção a ele avançado passo a passo, são ainda 'prisioneiros de esperança' [Zacarias 9:12]. ... Se derem ouvidos a Sua voz, e seguirem em Seus caminhos, Deus os corrigirá e ensinará, e os trará de volta a sua exata posição de distinção do mundo.” p. 145.

Para Edward Sutherland e seus associados, esta mensagem veio como uma ordem, um preceito e uma promessa. Por toda a parte a jovem igreja exibia o slogan: “Prisioneiros de Esperança”.

Nenhum dos reformadores deixou passar despercebido aquele “se” da declaração. “Se derem ouvidos a Sua voz, e seguirem em Seus caminhos.” As condições eram simples e os termos claros: Ouçam! Sigam! Só então Deus os “corrigirá e ensinará”. Só assim Deus os “trará de volta a sua exata posição”, posição esta de “distinção do mundo”.

Com zelo renovado, os homens de Battle Creek tomaram posição. Não podiam permitir nenhum atraso ou transigência. A reforma educacional tinha que ser levada ao triunfo completo. Como com o

jovem Josias, antigo rei de Judá, até os “altos” tinham que ser finalmente abandonados. Ombro a ombro, com propósito unificado, Edward Sutherland e Percy Magan puseram seu rosto “como um seixo” [Isaías 50:7] rumo à vitória, e com eles, por trás dos bastidores, como de costume, por nunca ter sido uma pessoa combativa, marchava M. Bessie DeGraw.



“Sejam os nossos filhos, na sua mocidade, como plantas bem desenvolvidas, e as nossas filhas como pedras angulares lavradas, como as de um palácio.” *Salmo 144:12.*

## O Pequeno Povo

Os primeiros dois anos da administração do Presidente Sutherland em Battle Creek viram o nascimento e o rápido desenvolvimento do movimento de escolas de ensino fundamental e médio da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O dia 28 de janeiro de 1899 foi separado para oração. Presidente Sutherland tinha escrito um artigo para ser lido em todas as igrejas. No final da tarde, após as devoções do dia, Edward e Sally conversaram sobre o assunto: “Não havia uma escola dessas aqui em Battle Creek há algum tempo atrás?”, perguntou Sally ao puxar uma cadeira próxima à lareira.

“Sim, uma escola que funcionou durante um ano, pouco antes da Guerra Civil”, disse o marido enquanto se acomodava na poltrona. “Louisa Morton lecionava lá. Então, em 1860, John Fletcher Byington reviveu a pequena escola de Battle Creek.”

“John Fletcher era filho do pastor John Byington, primeiro presidente da Associação Geral, não era?”

Edward balançou a cabeça afirmativamente: “Ele também tinha um profundo interesse em escolas de ensino fundamental e médio. Abriu uma delas na sua casa, em Buck's Ridge, New York, e sua filha Martha lecionava. Isso foi em 1854.”

“Aquele deve ter sido a primeira escola do gênero, e foi inaugurada quarenta e cinco anos atrás. Levou bastante tempo para dar início àquele trabalho.”

Durante a noite discutiram a importância urgente de escolas básicas e secundárias operadas pela igreja. Chegaram à conclusão de que, em meio ao fervoroso entusiasmo que os pioneiros sentiam pelas recém-abraçadas doutrinas e pela urgência de espalhá-las por toda parte, negligenciaram a importância de treinar seus filhos na fé,

que eles apreciavam tanto. Cinquenta anos já haviam se passado.

Agora outra mensagem veio da Austrália, onde o coração e as mãos de Mãe White eram dedicados todos os dias à obra de guiar a jovem igreja: “Esta obra [de escolas básicas e secundárias] é tão essencial quanto o trabalho em prol dos pupilos mais velhos. Onde houver uma igreja, uma escola deve ser estabelecida mesmo não havendo mais de seis crianças para frequentá-la.”

Durante anos, vinha ela chamando a atenção para este assunto que há muito tempo vinha sendo negligenciado. Agora, um senso de urgência vibrava através das palavras e incitavam Edward Sutherland à ação. Escolas assim deviam ser estabelecidas. Ele tinha que agir logo.

Férias de verão, com vários reajustes, passaram-se rapidamente, e teve início o novo ano escolar. Um número gratificante de estudantes estava matriculado no novo departamento de treinamento de professores. O futuro das escolas nas igrejas passou a parecer mais esperançoso, mas o futuro parecia distante demais. A necessidade não podia esperar. Algumas igrejas já estavam pedindo professores. O primeiro pedido viera na primavera do ano anterior de Bear Lake, Michigan, lar de Albert Alkire. Duas igrejas em Indiana também fizeram solicitações.

Presidente Sutherland espalhou as cartas sobre a mesa do escritório. Sabia o que Ellen G. White havia dito sobre o assunto. Na mesma direção, na capela, um mar de ávidos jovens sugeria a solução. Mas poderia algum desses estudantes interromper sua educação? Atrever-se-ia a perguntá-los? Como responderiam?

Com vigor determinante, o jovem presidente entrou em ação. Primeiramente, buscou apoio tanto dos professores quanto da comissão. Então, expôs seu desejo aos estudantes na capela. Falou aos estudantes sobre um lugar que precisava tanto de um professor, que sentia-se tocado a perguntar se algum estudante presente se voluntariaria a interromper sua educação para responder ao chamado. Ninguém respondeu. Edward Sutherland ajoelhou-se em fervente súplica. Na manhã seguinte fez seu segundo apelo. Uma jovem levantou-se oferecendo-se a ir. Então mais dois estudantes seguiram

o seu exemplo.

Estes primeiros três voluntários puseram de lado sua educação para ir a igrejas longínquas e ensinar meninos e meninas que nunca viram antes. Maude Atherton foi a Farmersburg, Indiana; Mattie Pease também foi a uma escola em Indiana; e Maude Wolcott (mais tarde senhora Arthur Spaulding) respondeu ao chamado da família Alkire em Bear Lake, Michigan. Dentro de semanas outros se voluntariaram. Minnie Hart foi para Milwaukee, Bertis A. Wolcott para Erie, Pensilvânia; Mae Pines ensinou os órfãos do lar da família Haskell em Battle Creek. Pelo natal, sete destas escolas estavam em operação, e por março, treze tinham aberto. Então, uma explosão de energia envolveu o movimento. Durante o ano seguinte, cinquenta e sete escolas de igrejas foram organizadas. No outono de 1900 aproximadamente 150 escolas abriram as portas aos filhos da crescente igreja.

A obra das escolas de igreja iniciara uma carreira permanente, e Presidente Sutherland fora, e continuava a ser, o principal promovedor. Ele é considerado como um pai do sistema de escolas de Igrejas Adventistas do Sétimo Dia. Em Battle Creek, como presidente da faculdade, soou o clarim do chamado para estabelecer escolas nas igrejas. Em um ardente discurso na reunião da Associação Geral de 1899, disse: “Chamamos os irmãos mais velhos para fora de Babilônia, mas deixamos nossos filhos frequentarem escolas egípcias e aprenderem os caminhos egípcios.”

A edição de fevereiro de 1899 do *Advocate*, órgão oficial do novo movimento de reforma de Battle Creek relatou: “Há um ano, o assunto das escolas nas igrejas era pouco pensado. Hoje, já atrai a atenção de todo estado da União.”

A reunião da Associação Geral de 1899, realizada em South Lancaster, Massachusetts, lançou de forma ativa o movimento das escolas básicas e secundárias nas igrejas. Com tal força e inspiração Presidente Sutherland e seus apoiadores expuseram o dever da igreja, que tornou-se tópico de conversa e oração nos lares adventistas do país. Na reunião seguinte da Associação Geral, realizada em Battle Creek em abril de 1901, três recomendações foram feitas:

“1. Exortar ao povo quanto à importância do estabelecimento de escolas nas igrejas.”

“2. Recomendar que os obreiros da associação não considerem sua obra pelas igrejas completa até que, quando possível, escolas sejam organizadas nas igrejas.”

“3. Recomendar a nomeação de superintendentes das escolas de igreja na União e nas associações dos estados.”

Da Austrália, Ellen G. White olhava aqueles acontecimentos dramáticos e a aprovação oficial do crescente movimento das escolas nas igrejas e o endossou com todo o fervor de sua natureza.

Talvez o passo mais radical da reforma estava relacionado com os livros didáticos. Quando a Associação Geral formou o Departamento de Educação em 1902, os líderes educacionais da igreja eram Edward A. Sutherland, Frederick Griggs e C. C. Lewis. Presidente Sutherland liderava a principal escola de treinamento e, juntamente com M. Bessie DeGraw, providenciaram os primeiros livros didáticos para ensino fundamental.

Muito fora escrito na literatura da igreja contra sentimentos pagãos e céticos em alguns dos textos utilizados em escolas públicas e defendendo que a Bíblia deveria ocupar o primeiro lugar como um livro didático. Alonzo Jones, presidente do conselho administrativo da Faculdade de Battle Creek, e membro de alto nível do corpo docente, defendeu que a Bíblia devia ser “o livro didático das ciências físicas assim como de todos os outros ramos de estudo”.

Um desvio tão dramático dos padrões educacionais da época instigou muita oposição. Inimigos espalharam o boato de que todas as disciplinas – astronomia, biologia, contabilidade, matemática, e até mesmo operações bancárias, costura e culinária – seriam ensinadas com a Bíblia como livro didático exclusivo. Este relatório dos inimigos da reforma não expõe um quadro verdadeiro e pode ser refutado em quatro pontos:

Primeiro, uma declaração de Ellen G. White: “O estudo das ciências não deve ser negligenciado. Livros devem ser usados para este propósito, mas *devem estar em harmonia com a Bíblia, pois ela é a norma.*” (ênfase acrescentada).

Segundo, no sermão de encerramento da escola de verão de 1899, Alonzo Jones disse: “Primeiro de tudo, tenham em mente que a Bíblia como livro didático de todo estudo não significa que a Bíblia seja o único livro didático na educação.”

Terceiro, durante a escola de verão de 1900 em Battle Creek, uma comissão de livros foi nomeada para prover livros didáticos; assim, sabemos que outros textos além da Bíblia foram aprovados e providos.

Quarto, no *Advocate* de novembro de 1903, a segunda edição de *Bible Reader* [Leitor da Bíblia] número um, foi anunciada e preparada por Edward Sutherland e M. Bessie DeGraw. Na mesma página o *Advocate* anunciava a lista de preços de uma linha completa de livros didáticos para escolas básicas e secundárias.

Juntamente com a senhorita DeGraw, o jovem professor preparou, entre 1900 e 1904, uma coleção de material para leitura chamada de *Bible Readers*. Outro material, *Mental Arithmetic* [Aritmética Mental], de autoria de Edward Sutherland, apareceu em 1901. Não se assemelhava a nenhum material do gênero até então publicado. Continha problemas sobre os ossos do corpo, sobre a diferença de preço entre feijão e bife, sobre distâncias na Terra Santa, sobre cronologia do Antigo Testamento, sobre construção, sobre como fazer um relatório de colportor, e sobre transações e outros assuntos práticos. Jovens Adventistas eram ensinados a como calcular seus dízimos. O último dos *Readers* de Sutherland e DeGraw foi impresso em 1905.

“Em um local como Berrien Springs, a escola pode se tornar uma parábola viva, e eu espero que ninguém se interponha para impedir o avanço da obra.” – Carta de Ellen G. White aos administradores do escritório da *Review and Herald*, 12 de julho de 1901.

## Para o Campo

As mensagens diretas recentes de Ellen White mexeram muito com Sutherland e Magan. Ambos buscaram entender “a verdadeira ciência da educação”, sem a qual não podiam esperar alcançar a vida eterna. Estudavam e oravam constantemente sobre o assunto. As palavras que descreviam as instituições de ensino da igreja como “prisioneiros de esperança” os encorajaram, mas eles perguntavam-se quanto tempo o povo de Deus podia esperar sem esgotar a paciência de Deus. Anos de negligência e atraso já haviam prejudicado a história da Faculdade de Battle Creek.

Certo dia Magan trouxe o assunto à tona novamente: “Ed, temos que tirar a faculdade de Battle Creek”. “Você está certo, Percy”. A grande percepção de Ed Sutherland compreendia tanto a grande necessidade de mudança quanto os vários obstáculos. “Devemos, mas não podemos. Por enquanto, temos que esperar”.

A natureza de Edward Sutherland combinava uma rara paciência com uma dura persistência. Podia esperar em calma expectativa com a mesma visão e ardor.

No local de acampamento da igreja em Michigan, no verão de 1898, Presidente Sutherland havia se encontrado com o Dr. David Paulson, apoiador da Life Boat Mission [Missão Bote Salva Vidas] de Chicago, editor da *Life Boat*, e diretor médico do Sanatório de Hinsdale. Os dois trabalharam juntos entrevistando estudantes – muitos jovens que queriam estudar na Faculdade de Battle Creek. Após um dia destas entrevistas, Dr. Paulson suspirou e disse: “Que triste é encontrar tantos jovens brilhantes e promissores que não têm

como pagar uma faculdade”.

“É muito penoso”, concordou Presidente Sutherland.

“Circunstâncias fora de seu controle os impedem de estudar”.

Os dois homens caminhavam por um prado de feno em direção ao sol poente até que um monte de feno os escondeu do acampamento. Ajoelharam-se ali e depuseram o fardo de seus corações ao Senhor e pediram por sabedoria e luz. Ao levantarem-se Dr. Paulson disse: “Acho que vejo uma saída. Vocês, os dirigentes da escola, deviam mudar a escola para uma grande fazenda e estabelecer indústrias onde os estudantes possam ganhar dinheiro para pagar os custos educacionais.”

“Essa é a mensagem que temos recebido de Mãe White por anos”, suspirou Sutherland. “Não é fácil fazer isso”.

Dr. Paulson levantou um pouco a voz e declarou com fervente convicção: “Eu estabeleceria uma escola onde nenhum estudante digno fosse rejeitado, ainda que tivesse que pagar a escola toda ao longo do curso pelo trabalho, desde que estivesse disposto a trabalhar pelo que precisasse.”

Mais tarde, de volta a Battle Creek, Sutherland repetiu a conversa com Percy Magan.

“Vamos fazer isso, Ed”, disse Magan. “Vamos mudar a Faculdade de Battle Creek para uma grande fazenda e dar aos jovens dignos uma chance”.

Depois disto, começaram a viajar secretamente de bicicleta, percorrendo muitos quilômetros, com fervorosas súplicas nos lábios para que fossem guiados à propriedade que melhor serviria o propósito de Deus.

A seção bienal da Associação Geral foi realizada em Battle Creek em 1901. Ellen White havia retornado da Austrália no ano anterior e estava morando na Califórnia. Ela frequentou a reunião.

A educação cristã em geral, e particularmente em Battle Creek, recebeu concentrada atenção durante essa convocação. Em uma das reuniões matinais, Mãe White deu um discurso sobre os fundamentos da educação cristã. Dentre outras coisas ela disse: “Agora, uma reforma teve início na faculdade, por que vocês não fazem o que

deveriam ter feito quando estabeleceram a faculdade anos atrás? Tirem-na de Battle Creek e estabeleçam-na em uma grande fazenda, onde possa desenvolver-se da forma correta. Mesmo que isso possa significar um número menor de estudantes, a escola deve ser mudada de Battle Creek.”

Ao final do discurso, os delegados se reuniram e votaram que a Associação Geral autorizaria a comissão da faculdade a seguir o conselho da senhora White e mudar a instituição.

Edward Sutherland regozijou-se. Sentiu que Deus havia tomado o assunto nas próprias mãos e que um sinal verde tinha aparecido, como indicação para ir adiante. O conselho nomeou a ele e Percy Magan para executarem a recomendação da Associação Geral e as instruções de Ellen White. Uma comissão composta por representantes da Associação Geral e da faculdade foi comissionada e permitida a escolher e comprar o local apropriado.

Rapidamente deu-se início a uma procura sistemática. Edward e sua esposa, Sally, vasculhavam os arredores de bicicleta. Subiram e desceram o rio St. Joseph. Certa vez, Sally foi sozinha de trem de carga a South Haven, no lago Michigan.

Às vezes Edward levava Percy Magan e outros dos membros do conselho – à procura de um lugar para a faculdade. Certo dia, em maio de 1901, os homens estacionaram suas bicicletas debaixo de um bordo, em um lote de terra conhecido como Fazenda Garland. Ficaram à beira de um barranco olhando para as águas escuras do rio St. Joseph e para as terras planas à esquerda, conhecidas como Fazenda Richardson.

Sutherland conhecia bem a área; estivera ali anteriormente. Conduziu os outros homens ao local negligenciado de Richardson, e então à bem cuidada Fazenda Garland, com seus lindos pomares, e também a uma área arborizada conhecida como Bosque de Steven. As três fazendas totalizavam 18,26 hectares. “Parece ser o que procuramos”, disse um dos homens.

“Acredito que Deus nos guiou a este lugar”, outro acrescentou. A comissão votou a compra de todo o território e sentiram ter feito um bom negócio. A maioria dos membros da igreja aprovou e concordou



que a comissão fizera a escolha correta.

Percy Magan declarou o que todos os reformadores sentiam, que uma grande vitória tinha sido conquistada. Então escreveu uma entusiástica descrição a Mãe White: “O pomar produzirá em enorme quantidade, e está em uma condição tão linda que será uma inspiração para nossos estudantes mantê-lo assim. A Fazenda Richardson proporcionará uma boa oportunidade de fazer de uma terra arruinada uma terra boa, e o local arborizado será sempre um lugar magnífico para realizarmos nossas reuniões de verão da Associação Geral ... ou reuniões educacionais. ... Um dos lugares mais sossegados, pacíficos e lindos que já vi.”

Mãe White respondeu: “A descrição desse lugar me agradou muito. ... “Em um local como Berrien Springs, a escola pode se tornar uma parábola viva, e eu espero que ninguém se interponha para impedir o avanço da obra.”

O novo local estava a apenas 145 quilômetros de Battle Creek, mas já não se podia usar o nome daquela cidade. Escolheram um novo nome: Emmanuel Missionary College [Faculdade Missionária Emmanuel]. Reitor Magan declarou que o nome resumia a experiência que a comissão teve na mudança da escola; também prefigurava o futuro da escola: “Deus conosco”.

Grande alegria encheu o coração de Edward Sutherland e seus apoiadores. Sentiram que finalmente a decisão correta fora tomada e que mais uma vez Deus os estava guiando. Então, como Calebe e Josué de antigamente, Sutherland e Magan decidiram conquistar e subjugar a nova terra.

“Esta nova escola”, Magan escreveu a Mãe White, “tem que ser a Avondale dos EUA”.

Embora a primavera já tivesse chegado, estes homens determinaram-se a começar as aulas no novo local no outono vindouro. Esta tarefa estupenda compreendia mudar todo o equipamento, providenciar alojamento para funcionários e estudantes, e também preparar salas de aula adequadas. Somente um Edward Sutherland e um Percy Magan poderiam crer que seria possível.

Um mês após o término da reunião de 1901 da Associação Geral, a Faculdade de Battle Creek realizou sua vigésima quinta graduação. Arthur G. Daniells, o novo presidente da Associação Geral, fez o discurso inicial, no qual delineou o tipo de educação que uma escola de treinamento devia prover e enumerou as vantagens do local recentemente comprado para a faculdade. Algumas semanas depois, a Associação Geral aprovou o plano por completo.

Os líderes da faculdade consideraram estas decisões e estes anúncios como ordem para seguir avante. Fariam agora o que deveria ter sido feito há vinte e cinco anos atrás. Percy Magan agiu rápido. Assim que o ano letivo terminou em maio, ele empacotou e despachou dezesseis vagões de carga com móveis, livros e outros equipamentos da escola para Berrien Springs. No dia 1 de julho tudo tinha sido armazenado em um tribunal e prisão abandonados. Estas instalações serviriam de salas de aula e dormitórios temporários.

A escola de verão, chamada de “instituto de professores”, foi realizada naquele verão em tendas armadas no bosque, agora chamado de Campos Indígenas, no limite do vilarejo às margens do rio.

Duzentos professores de ensino fundamental e médio passaram o verão no acampamento nos Campos Indígenas. Muitos membros da comissão da Associação Geral visitaram a escola de verão e confessaram que estavam empolgados e entusiasmados com a promessa de uma escola que se atrevia a desligar-se das instalações tradicionais e obedecer a vontade de Deus pela fé.

A posse da terra não podia ser efetuada até o outono, e os prédios da fazenda eram inadequados para fins escolares; então, naquele ano a faculdade foi improvisada no tribunal; enquanto estudantes e funcionários encontraram alojamento no vilarejo próximo, em sua maior parte no hotel Roanoke.

Nessa época, erigiram atrás da casa sede da fazenda e do campus proposto os primeiros prédios nos bosques de bordo, lindos, porém infestados de mosquitos. Estes prédios eram pequenas casas e choupanas com um salão de reuniões, de forma octogonal e telado para o verão. A esposa de Percy Magan deu o dinheiro – toda a

herança por parte de seu pai – para este salão.

Como já era de se esperar, a remoção da faculdade de Battle Creek de forma tão rápida e espetacular produziu uma reação. Ellen White havia dito aos líderes da escola para se desfazerem dos prédios da escola o mais rápido possível e encontrar um lugar onde princípios corretos pudessem ser praticados.

A ação da Associação Geral de endossar seu conselho foi, entretanto, tão repentina, tão revolucionária e tão inesperada que chocou muitos dos delegados. Houve uma reação em Battle Creek. Alguns pensavam que independentemente do que Ellen White disse, a faculdade tinha que permanecer em Battle Creek. Alguns viram seus interesses financeiros ameaçados pela mudança. A passividade para com mudanças e a cega devoção ao presente status mantiveram muitos em cativeiro.

Não havia regozijo entre os membros da igreja para marcar a saída de Battle Creek; nem discursos, jantares ou bondosas despedidas. A comunidade de Battle Creek, assim como muitos dos que estiveram ligados à instituição, foi contra a mudança.

Diante de tal oposição, escassez de recursos, funcionários divididos e as austeridades do novo campus, Sutherland e Magan andaram sozinhos pela fé.

Dr. David Paulson fez a seguinte declaração ao olhar para a situação: “Se alguma vez houve uma instituição que não nasceu em berço de ouro, certamente foi a escola de Berrien Springs”.

O primeiro ano no novo local teve poucos estudantes matriculados. Ellen White advertira-os de que seria o caso. Mesmo assim, alguns dos irmãos, e até mesmo alguns dos professores da faculdade consideraram esta baixa de matrículas um indicativo de fracasso.

Porém, como o exército de Gideão, apenas os que estavam totalmente comprometidos com a reforma vieram estudar na faculdade, e estes, é claro, eram minoria.

Os críticos não só objetaram o novo local como também opuseram-se à nova ênfase dada à Palavra de Deus como autoridade central de todos os ramos de estudo. O novo foco bíblico parecia

impraticável a muitos estudantes; e estes, juntamente com alguns ministros, retiraram seu apoio. Pensavam que Sutherland e Magan estavam equivocados.

Estavam os dois líderes da escola errados em tornar a Palavra de Deus o centro de todo aprendizado? Ellen White esclareceu toda a situação em 1902: “Avisos foram dados ao irmão Magan e ao irmão Sutherland contra elevar o ensino muito acima do nível espiritual com o qual os estudantes estavam acostumados. ... Eles não deveriam ir tão longe a ponto de ser impossível para os estudantes os acompanharem.”

Observe que estas palavras não colocam Sutherland e Magan no lado do fanatismo; mas no caminho central da verdade, embora tenham avançado rápido demais para que os membros da igreja e os estudantes de nível espiritual inferior acompanhassem. Então, ela adicionou: “Agradeço ao Senhor por estes irmãos terem aceitado a instrução a eles concedida”.

Sendo que tanto o presidente quanto o reitor eram jovens, irmãos mais velhos e experientes tinham facilidade em criticá-los. Apenas um mês após a mudança da escola, em uma reunião do conselho, foi proposto que o experiente W. W. Prescott substituísse Sutherland, pois o último era “jovem e inexperiente”, ainda que ele fora anteriormente um presidente bem sucedido de duas faculdades. Inexperiente?

Durante esta crise difícil, Edward Sutherland e Percy Magan, como Davi e Jônatas, permaneceram unidos. Magan defendia a administração: “A reforma educacional não é uma mera teoria para nós”, disse ele. Havia lutado com problemas difíceis. Ele não achava que outra liderança devia entrar para mudar coisas essenciais relacionadas à faculdade.

Mãe White também interveio. Disse à igreja que Sutherland e Magan vinham trabalhando “no temor do Senhor para levar avante os princípios da verdadeira educação”. Explicou que, embora jovens, Deus desejava colocar estes homens “em posição vantajosa”. Repreendeu os críticos e assegurou-lhes que Deus não queria que estes jovens fossem substituídos por homens mais velhos.

Sutherland e Magan, sempre conscientes dos críticos que observavam cada um de seus movimentos, tentavam por todos os meios evitar dar motivos para ofensa.

Um de seus amigos, vendo a vantagem da navegação barata e fácil entre St. Joseph e Benton Harbor [Porto Benton], presenteou a escola com um pequeno barco que logo mostrou o seu valor. Certo dia, quando se esperava pela visita de uma delegação de irmãos ao campus, Presidente Sutherland chamou um de seus confiáveis estudantes. "É melhor esconder aquele barco atrás do galpão — bem lá para trás onde ninguém poderá vê-lo".

É claro que ele poderia ter defendido o barco, mas pareceu mais fácil escondê-lo — uma demonstração de como Sutherland lidava com seus críticos. Também revela que mínimas coisas eram suficientes para alimentar críticas.

Enquanto isso, no novo campus, professores e estudantes uniam seus esforços para plantar e construir. Todos os membros do corpo docente aceitaram suas respectivas posições de liderança, metade do dia ensinando e a outra metade trabalhando com os estudantes. Pela primeira vez na história Adventista do Sétimo Dia uma instituição construída pelo trabalho dos estudantes cresceu rapidamente. Cinquenta ou sessenta estudantes trabalhavam juntos liderados por A. S. Baird, um construtor experiente que tinha sido chamado de seu trabalho ministerial em Nebraska. Ele ensinava os estudantes trabalhando com eles.

O gerente de negócios, C. M. Christensen, queria construir com tijolos fabricados no campus mas Presidente Sutherland queria estruturas de madeira, sem tentativa de beleza de design ou arquitetura artística. Ele queria os prédios pequenos e simples, e sem aquecimento ou energia elétrica, pois os estudantes teriam que utilizar tais prédios no campo missionário, e deviam se acostumar com tais acomodações. A vida em um lugar assim "desencorajaria o crescimento de orgulho e espírito institucional". Estes, desejava o presidente eliminar de todas as formas da nova instituição para colocá-la em harmonia com a sua compreensão do plano de Deus.

Este desenvolvimento da reforma em Berrien Springs marcou a

virada da história educacional da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A visão, a coragem, e a sabedoria exigidas para as responsabilidades da Emmanuel Missionary College foram um brilhante exemplo a ser seguido por todas as outras escolas da igreja. Dentro de um ano, a Elk Point Industrial School [Escola Industrial Elk Point] surgiu às margens do Rio Missouri na Dakota do Sul. Seus fundadores localizaram-na em uma fazenda com um solo rico em calcário argiloso com 24 metros de comprimento. Basearam-se na nova escola de Berrien Springs. Outras escolas seguiram o exemplo, e a influência se espalhou até mesmo a terras estrangeiras.

Avondale estabeleceu o exemplo, Berrien Springs o seguiu; e, pelo fato de ter que se desligar da opressão da cidade e da sede da igreja, a Emmanuel Missionary College poderia ter passado por uma grande dificuldade. Rompeu com a educação popular e traçou para si novos caminhos. A Emmanuel Missionary College quebrou as cadeias que prendiam as escolas denominacionais à educação popular.

“Os homens de energia são aqueles que sofreram a oposição, o escárnio e os obstáculos. Pondo suas energias em ação, os obstáculos que encontram constituem para eles positivas bênçãos.” *A Ciência do Bom Viver*, p. 500.

## **Homens de Grande Fé**

Sutherland e Magan viram a Associação Geral pressionada sob a enorme dívida do Colégio de Battle Creek. Eles sabiam que expansões institucionais haviam sido empreendidas sem o devido apoio financeiro. Resolveram tornar o novo colégio autossustentável.

No primeiro inverno, enfrentaram uma crise tão desesperadora, que o escritório comercial, com extrema dificuldade, pagou os professores. Os estudantes enfrentaram necessidades e inconveniências em seus alojamentos – estavam sem aquecimento.

O presidente e seu reitor partilhavam toda responsabilidade, todo fardo, toda crise. Magan sentiu a necessidade de tirar um mês de folga com seus parentes próximo a Los Angeles a fim de recuperar a saúde, mas não conseguia suportar o pensamento de deixar o presidente Sutherland e Berrien Springs por tanto tempo. Temeu que o amigo não conseguiria suportar a tensão por muito tempo. Sua ausência deixou o colégio sem ninguém para planejar as novas construções, para adquirir o dinheiro necessário para pagá-las ou para supervisionar seu levantamento.

O presidente Sutherland fez diversas viagens a fim de levantar fundos enquanto Percy Magan permaneceu supervisionando o rápido desenvolvimento do colégio. De uma hora para outra elaborou planos para arrecadar dinheiro no Noroeste dos EUA. A escola, no entanto, não tinha sequer o dinheiro para pagar a passagem de trem. Os dois então decidem ir a Chicago (que ficava a uma curta distância) e solicitar fundos para a viagem. Chegando à sala de espera da estação ferroviária, Magan deixou o presidente Sutherland sentado em um assento duro e disse-lhe: “Ed, você fique aqui e ore, mesmo que isto

demore o resto do dia”. Então, ele se dirigiu ao escritório do superintendente da ferrovia. Para sua surpresa, notou que o superintendente, sentado à mesa, estava pálido e trêmulo. “Você está aflito ao que me parece”, disse Magan com genuína compaixão. “Pode me falar acerca disto?”

O homem gastou uma hora inteira contando sobre a morte de suas duas filhas e sobre a grave doença de sua mulher. Magan tentava confortá-lo quando repentinamente o oficial disse, “Você não veio aqui para ouvir isso. O que posso fazer por você?”.

Magan não se apressou em falar sobre a sua necessidade, mas continuou a falar do amor de Deus e de Sua boa vontade de “suportar nossas dores e carregar nossas tristezas”. Então, com muito tato, explicou a necessidade do colégio, o propósito de seu trabalho, e que seu programa de construção não poderia continuar a menos que o presidente conseguisse obter doações de amigos no Noroeste do país. E admitiu que o presidente Sutherland necessitava de uma passagem.

O superintendente assinou um papel. Magan se apressou para outro escritório e correu de volta para a sala de espera interrompendo as orações de Sutherland, com cinco passagens para os diferentes locais aos quais necessitava ir. Sutherland embarcou no trem da tarde.

Tantas vezes falava ele acerca do Senhor. Parecia ter um relacionamento muito pessoal com Ele. Sua fé no Senhor era simples e sincera. Como ele amava cantar o hino “A Fé de Nossos Pais”! Desenvolveu esta experiência ao longo de anos andando com Deus em oração.

Ele passou por uma experiência semelhante quando estava a caminho de visitar um amigo no estado do Oregon, do qual ele esperava receber uma grande doação. Subiu uma montanha para orar. Ao atingir o topo da mesma, sobreveio-lhe um senso de solidão e desolação — uma terrífica impressão da proximidade da eternidade e do mundo espiritual, assemelhando-se aos pensamentos que vêm à mente quando se está a sós com os mortos.

O misturado ruído de mil torrentes surgia lentamente dos sombrios penhascos e dos profundos desfiladeiros abaixo. De vez em



quando o longo e ensurdecedor ruído de uma avalanche interrompia a terrível solidão, como o apressar de hostes invisíveis atropelando as dificilmente discerníveis nuvens e varrendo o ar.

Os frios picos cobertos de neve perfurando o céu silencioso pareciam colossais monumentos de um mundo destruído, sozinho em meio ao deserto da morte. A total ausência de qualquer som ou formas de vida – tudo conspirava para encher a sua alma de um opressivo senso de solidão e desolação.

Ele continuou a orar e a humilhar-se perante seu Criador. De repente, nas primeiras horas da manhã, a luz começou a romper, e as cavernas escuras começaram a desaparecer para tomar a forma de belas formações rochosas. Os picos cobertos de neve agora reluziam como gigantescas joias, e os pássaros se juntavam aos sons dos riachos em canções de louvor, pois o dia havia raiado. Sentiu-se aliviado, e com uma fé serena dormiu por pouco tempo. Acordou descansado e revigorado como se tivesse dormido a noite toda. Naquele dia ele foi recompensado com o maior presente que poderia ter recebido.

A visão que Sutherland e Magan mantinham no coração e na mente desde 1895 se tornou a razão de viverem. Para aprender e demonstrar a “verdadeira ciência da educação” empenharam todas as suas forças, seu tempo e seus pensamentos. A mudança do colégio para Berrien Springs foi um grande passo à frente, e agora trabalhavam com todos os meios possíveis ao seu alcance para nutrir e erguer a Emmanuel Missionary College.

As tentativas de reforma em Walla Walla e Battle Creek ensinaram a estes dois educadores que as bênçãos de Deus repousam sobre aqueles que obedecem à Sua palavra, aqueles que honram Seus profetas e submetem a sua vontade à dEle. A experiência em Battle Creek mostrou-lhes que o caminho da reforma está cercado de oposição e crítica, mesmo daqueles que professam acreditar no progresso.

Eles foram severamente criticados por seus esforços de retirar o colégio de Battle Creek, e também por sua grande ênfase na Bíblia como sendo a fonte de todo conhecimento e o livro mestre para a

educação em escolas cristãs.

Quando o colégio foi inaugurado no outono de 1903, cerca de trezentas pessoas viviam no campus. Três grandes casas, contendo de sete a nove quartos cada uma, haviam sido terminadas, e os professores já haviam se mudado para elas. Havia também erguido o prédio de Artes Manuais no ano anterior e usado seu porão como cozinha e refeitório. O segundo andar abrigava a loja do colégio e a carpintaria. O recém-construído prédio de Artes Domésticas proveu abrigo em seu sótão para as moças do colégio, enquanto os rapazes eram organizados em vários sótãos e cantos de outras construções.

As escolas ligadas a igrejas continuavam permanentemente nos pensamentos do Presidente Sutherland, e ele sentia que deveriam providenciar mais livros didáticos. Os fundos não chegavam em quantidade suficiente para avançar o trabalho nas construções realmente necessárias, muito menos para a impressão de novos livros. O presidente e o reitor determinaram que construiriam apenas quando tivessem os fundos em mãos. A dívida do colégio de Battle Creek não se repetiria. Mas eles necessitavam dos livros; assim, o presidente Sutherland, a senhorita DeGraw e Percy Magan emprestaram 600 dólares cada. Com este dinheiro conseguiram então adquirir os livros.

O ano de 1903 foi agitado. Grandes mudanças ocorreram em toda a denominação. Em agosto a Associação Geral saiu de Battle Creek para estabelecer sua sede em Washington D.C. A Review and Herald se mudou ao mesmo tempo. Ida, esposa de Percy Magan, adoeceu naquela primavera, e nenhum tratamento médico lhe trazia muito benefício.

Então críticas severas começaram a vir da recém-estabelecida sede em Washington. Ambos Sutherland e Magan estavam ligados à igreja com grandes laços fortes e tenros, e eles caminhavam no brilho da grande luz por detrás deles – a mensagem da justiça pela fé de 1888. Conheciam o toque da mão de Deus, assim como a Sua voz. Percy Magan expressou a atitude deles em suas próprias palavras: “Eu sei que estas provações nos são dadas, não para trazer a amargura de dentro de nosso caráter, mas para trazer toda a fragrância que é

possível a Deus trazer às nossas vidas.”

A temporada de férias de 1903 trouxe perda e sofrimento às famílias Sutherland e Magan. A tia de Sutherland, Nell Druillard e seu marido, Alvan, recentemente haviam retornado da África, onde atuaram como missionários. Agora eles haviam se estabelecido em Berrien Springs, onde se juntaram ao colégio e entraram com entusiasmo no programa de reforma. Alvan Druillard adoeceu em dezembro e veio a falecer no dia 29 do mesmo mês.

Ida Magan passava todo tempo no hospital, enquanto as esperanças de recuperação se esvaneciam a cada dia. A oposição contínua ao marido e ao Presidente Sutherland a oprimia e entristecia.

Sutherland e Magan ficaram sabendo que a Lake Union Conference [União de Lake] pretendia realizar a assembleia de primavera no campus do Emmanuel Missionary College. Examinaram a situação por todos os ângulos possíveis, decidindo que se não houvesse uma diminuição evidente da crítica antes da União se reunir em maio, eles renunciariam aos seus cargos durante a mesma.

Ida Magan descansou em 19 de maio, enquanto a União estava em reunião. Alguns dias depois Ellen White discursou na igreja do colégio e louvou a fidelidade de Ida Magan. Também culpou a cruel crítica e oposição que vinham sido dirigidas a Sutherland e Magan desde que haviam mudado o colégio de Battle Creek para Berrien Springs. Ela disse que essa situação havia sobrecarregado Ida Magan de tristeza, o que acabou “custando a vida de uma esposa e mãe”.

Mas nada podia apaziguar os oponentes, nem o conselho de Ellen White, nem as muitas e óbvias realizações dos dois jovens educadores — nem mesmo a trágica morte de Ida Magan, a qual Ellen White abertamente atribuiu a estes líderes da oposição. Eles queriam livrar-se de Sutherland e Magan. Quando seu espírito implacável se revelou, os dois homens agiram conforme haviam planejado; renunciaram a suas posições respectivamente como presidente e reitor da Emmanuel Missionary College.

Eles não manifestaram amargura ou raiva ao deixarem seu

trabalho e a instituição que tanto amavam. Mesmo entristecidos e consternados, eles sabiam que haviam agido corretamente em estabelecer os padrões que eles tinham para a educação cristã. Sabiam que haviam seguido o conselho de Ellen White e atrás deles a luz de 1888 continuava focada iluminando seus caminhos. Foram confortados quando Mãe White disse à assembleia que eles não estavam deixando o colégio como fracassados, e que haviam “agido em harmonia com a luz que Deus lhes deu. Trabalharam duro sob grandes dificuldades... Deus havia sido com eles e aprovado seus esforços”.

Lançaram uma base permanente para o colégio. Por atos heroicos de coragem e força inspirada ultrapassaram muitos obstáculos aparentemente intransponíveis e formaram muitos estudantes bem educados que iam tomando seus lugares nos muitos campos com serviço aberto a eles; todavia, afastaram uma parte influente dos líderes da igreja. Encerrar a conexão com o colégio significava cortar a eles mesmos do trabalho denominacional. Para onde deveriam ir? O que deveriam fazer? Estas duas questões os estimularam a novas explorações em campos mais vastos.

Por anos os dois homens se interessaram pelos estados do Sul ainda prejudicados pela esmagadora derrota na guerra entre os estados, pelas plantações devastadas e pela dissolução dos antigos costumes e tradições que haviam estrangulado esta região durante os anos de escravidão. Em diversas ocasiões eles manifestaram seu interesse. Então, Mãe White sugeriu que eles fossem para o Sul.

Ambos continuavam partilhando o sonho de uma escola onde a ciência da verdadeira educação pudesse tornar-se realidade, sem os entraves da crítica – uma escola onde o plano de Deus pudesse ser seguido em cada detalhe.

Com tal escola em mente, Sutherland e Magan foram a Nashville na primavera de 1904, e chegaram a tempo de fazer a histórica viagem subindo o rio Cumberland como descrito no capítulo de abertura deste livro.

“Os líderes do trabalho na Escola de Madison são cooperadores de Deus” *Special Testimonies, Série B*, Vol. 11, pág. 32.

## **A Escola de Madison**

Há quase duzentos anos atrás, um grupo de pioneiros, vindos do “outro lado da montanha”, chegou ao vale de Cumberland, construiu cabanas de toras e fundaram uma vila, que vem a ser hoje a cidade de Nashville.

Mais tarde outro grupo de pioneiros, também vindo do “outro lado da montanha” chegou ao vale de Cumberland. O objetivo que os movia era o serviço cristão de educar um povo negligenciado. Vieram, não para fundar uma comunidade, mas uma escola. Os inimigos que encontraram foram a ignorância, a pobreza e a falta de entendimento. Os campos que antigos pioneiros semearam agora estavam desgastados e esgotados devido à negligência: fruto do sistema escravista e resultado da guerra que empobreceu o sul do país.

Em uma antiga casa de fazenda, cujo renome se foi junto com a guerra, estes novos pioneiros estabeleceram seu lar. Eles tinham um grande líder, Edward Alexander Sutherland, cujo nome estaria para sempre ligado ao progresso educacional e fé heroica nas lembranças das pessoas tanto em sua pátria mãe quanto além mar. Junto com a esposa Sally, trouxe um grupo dedicado: M. Bessie Degraw; Sra. Nellie Druillard, que carregava as cicatrizes de duras batalhas vencidas em diversos campos; Percy Magan, que se tornaria figura de renome internacional em educação médica e Elmer E. Brink, cuja habilidade em gerenciamento de produção de laticínios provavelmente salvaria suas vidas.

Este grupo resoluto começou a construir suas casas na fazenda Ferguson, lavrando o solo desgastado, e ensinando. Eles estavam destinados a labuta, fadiga, sacrifício e ao êxito. Ao estabelecer o

Centro Madison, pequenos grupos começaram a se espalhar, não muito distantes da sede a princípio, mas próximos o suficiente para serem auxiliados com aconselhamento e ajuda material. Mas com o passar do tempo, estes grupos se espalharam mais e mais, até que sua benéfica influência se espalhasse ao redor do mundo. Jornais e outras mídias da época relatavam sua gloriosa história. Provavelmente nos anais do progresso educacional não exista história mais original e inspiradora para ser relatada e ponderada.

A mudança para o Sul, a compra da fazenda Ferguson, sua ênfase no plano educacional de trabalho e estudo, e até mesmo sua intenção de conduzir um trabalho autossustentável, encontraram a desaprovação dos líderes em Washington. Mesmo que tudo o que estes educadores faziam houvesse sido recomendado por Ellen White e estivesse de acordo com seus conselhos, a crítica não cessou. Até mesmo o tamanho da fazenda padecia sob as críticas: quem pagaria por ela? Os líderes temiam que as ofertas para o novo projeto drenariam os fundos que eles consideravam necessários para a obra denominacional; mas Sutherland, Magan e seu grupo de leais seguidores avançaram destemidamente. Tinham a certeza de que Deus aprovara seu novo projeto, e contavam com a assistência pessoal de Ellen White. Ela se reunia com eles, os auxiliava pela palavra e por artigos escritos para a *Review & Herald*. Até mesmo consentiu em tomar lugar à mesa administrativa, coisa que jamais fez por qualquer outra instituição! O Sr. George I. Butler, presidente da União Sul, ansiava pela nova escola e por seu sucesso. Butler havia sido presidente da Associação Geral e sua influência auxiliou grandemente o novo empreendimento. O Sr. S.N. Haskell, que conduziu uma cruzada evangelística na cidade de Nashville naquele verão de 1904, sempre se mostrou um amigo da educação cristã. Entre os apoiadores do projeto também se encontravam o Dr. O.M. Hayward, diretor de um pequeno hospital em Nashville, e o Dr. L.C. Isbell, que liderava um hospital para negros.

Os pioneiros chamavam a nova instituição de “A Escola de Madison”. Ellen White escreveu uma série de testemunhos especiais para Madison, os quais intitulou “A Escola de Madison”, e o

modesto nome “serviu como uma luva”.

Embora fosse prática em todas as suas atividades, a organização da escola era ligeiramente solta, não classificada e completamente despreziosa.

Os Srs. Butler e Haskell, Ellen White, Percy Magan, “Mãe” Druillard, M. Bessie DeGraw e Edward Alexander Sutherland se tornaram conhecidos como “The Rainbow Seven Pioneers” [Pioneiros do Arco-Íris Sete], vindo a fundar a organização conhecida como “Nashville Agricultural and Normal Institute” [Instituto Agrícola Normal de Madison], uma “holding corporation”<sup>1</sup>. A Escola não assumiu o nome de “Escola de Madison” até 1930, e a mudança se deu devido ao fato de que naquele ano, o campus passou a sediar uma filial dos Correios, e a vila adjacente possuía um posto dos Correios denominado Madison.

Os “Rainbow Seven” eram também os administradores da Escola de Madison e da N.A.N.I., que era como se referiam à “holding corporation”. Imediatamente começaram os trabalhos para erigirem e operarem uma escola. Os estudantes começavam a chegar e no outono já haviam chegado quatorze. Como seus professores, vieram sem pensar em dinheiro ou vantagens mundanas. O dinheiro que poderiam arrecadar devia servir para as despesas pessoais, e eles dependiam de fazer algo para consegui-lo.

O reitor Percy Magan assumiu as rédeas da equipe e supervisionou a fazenda; a Srta. M. Bessie DeGraw, secretária, ia à cidade uma vez por semana em uma pequena carroça para comercializar a manteiga que o presidente Sutherland preparava no galpão de laticínios; a tesoureira, Mãe Druillard, assumiu as frigideiras e vassouras; tinha poucas provisões, mas sabia como aproveitá-las ao máximo. O presidente Sutherland havia abraçado o método do Dr. Fletcher de mastigação completa, e ele quase fez da mastigação excessiva do pão de milho um teste de aptidão física.

O prédio principal da fazenda, a antiga casa, havia sido construída com toras de cedro há mais de cem anos e posteriormente coberta de tábuas e rebocada por dentro. Tinha a aparência de uma típica

mansão sulista com uma ampla varanda. Servia como a primeira sala de aula e local de reunião durante o dia e provia dormitórios durante a noite até que outras construções pudessem ser erguidas.



**O autor, Dr. Ira Gish, direita; e coautor, Pastor Harry Christman, esquerda, ao lado do monumento erigido em memória do “Rainbow Seven” e seu trabalho como fundadores da Faculdade de Madison, de seu hospital e das instituições afiliadas.**

A família Ferguson não cedeu a posse da casa até o outono. Assim, aqueles que chegaram durante o verão tiveram que ficar em dormitórios temporários no antigo celeiro e em outras dependências externas. Sally Sutherland chegou no calor de agosto com um bebê de cinco meses em seus braços. O melhor abrigo disponível era o dormitório dos criados que se localizava nas cocheiras próximo aos estábulos dos cavalos. A Sra. Sutherland e as Srtas. Olive Shannon e Louise Abegg viveram neste edifício por um mês, e o apelidaram de “Sala da Provação”, sugerindo que qualquer um que pudesse suportar



o seu rigor estaria qualificado a militar em tudo aquilo que Madison podia oferecer.

A “Sala da Provação” era quente e superpovoada. Outros obreiros também viviam ali na parte superior, enquanto a parte de baixo abrigava empregados, mulas, cavalos e presunto defumado, assim como pragas de ratos, camundongos e outros roedores. Quantas vezes Sally Sutherland abanou o seu bebê observando o frescor da sombra dos pórticos da mansão; mas a nenhum dos recém-chegados era permitido chegar-se e assentar-se à sombra, tamanho era o ódio do ex-proprietário pelas pessoas do norte, os ianques.

No quintal da casa pastavam bezerros, potros, gansos e patos, até quase não aparecer nenhum verde de grama durante a estação seca. Porcos enlameavam-se do lado de fora do cercado de pedras do complexo, poluindo o tórrido ar com seu odor desprezível e seus ruídos estridentes. Mesmo assim, as mulheres que estavam no prédio das carruagens não reclamavam. Não tinham tempo para isso. Tornaram o local o mais limpo e organizado possível, e seguiam cantando enquanto trabalhavam.

Os Fergusons finalmente desocuparam a propriedade no dia primeiro de outubro, e as mulheres mudaram-se para o casarão. Tinham poucos móveis — apenas poucas camas portáteis e cadeiras foram compradas — mas era melhor aqui do que na "Sala da Provação". Agora, à tardinha, estudantes e obreiros reuniam-se ao redor da lareira; Mãe Druillard no centro com sua mão guiadora sobre todos, e seus conselhos eram respeitados por jovens e adultos. Uma foto de Mãe D persiste na memória dos poucos pioneiros remanescentes. É ali retratada como patroa da hospedaria, matando moscas manhã após manhã, enquanto elas estavam ainda enrijecidas depois de uma noite fria. Com toda a sua rica experiência de vida, ela esteve na linha de frente deste movimento pioneiro, suportando os solavancos à medida que apareciam. Sua coragem, santa confiança e sábia economia ajudaram a escola a passar pelas dificuldades daqueles primeiros anos.

O apartamento do andar superior do prédio das carruagens foi usado como quarto, e todos os pioneiros alojaram-se ali em algum

momento. Então, ao chegarem os estudantes, foram também alojados no quarto reserva, e sua habilidade de suportar as rudes acomodações tornou-se uma forma de teste de caráter. Com o tempo, a velha casa das carruagens, maltratada pelo tempo, veio a ser considerada com afeição. Pode-se ter certeza de que Sally Sutherland embelezava os cômodos, limpava-os, e espalhava vasos de plantas para ornamentar e refrescar o humilde local.

Os professores que chegaram naquele verão de 1904 haviam unido seus recursos para comprar a terra que custou-lhes 12.723 dólares. No momento da compra, estavam certos de que podiam angariar o dinheiro para a quitação (além da entrada de 5.000 dólares). O dinheiro destes professores viria, na verdade, de outras instituições às quais haviam emprestado; mas agora, ao se aproximar a hora de pagar a segunda parcela, os professores descobriram que as instituições que lhes deviam não podiam pagá-los sem complicações. Visto que todos eles tinham um grande interesse nessas outras escolas e sanatórios, não podiam forçar o pagamento. Sua fonte de força nunca antes os deixara desamparados. Eles ajoelharam-se, e Deus suscitou auxílio. Eles fundaram Madison com a intenção de torná-la um empreendimento autossustentável. Precisavam de dinheiro doado não somente para prédios e equipamentos, mas também para outras despesas tais como pertences e manutenção. Pretendiam sustentar a si mesmos de forma tão eficiente quanto um fazendeiro sustenta a família em sua própria fazenda. E começaram a trabalhar. Edward Sutherland tinha uma fórmula que de alguma forma transformava o soro de leite e o pão de milho que comiam em algo especial e delicioso. Quando a família se cansava de torradas de leite feitas das sobras torradas do moinho, torrado, e leite do qual todo vestígio de nata fora removido, alguém, para variar, apresentava um novo prato chamado "bruis". Os sobreviventes daqueles dias lembram-se desta iguaria: as torradas feitas das sobras do moinho, em pequenos pedaços, e o mesmo leite desnatado.

Um rebanho leiteiro, alguns cavalos e mulas, frangos e outras aves domésticas, e uma grande vara de porcos vieram com a propriedade. Os porcos não se tornaram "porcos adventistas". Mãe D os vendeu,

ela mesma, no mercado de Nashville, e somou assim uma quantia considerável a uma tesouraria decrescente. Pelo resto da vida ela contou esta história de várias formas diferentes.

Enquanto as mulheres lutavam para dar conta dos muitos gastos e trabalho doméstico com um orçamento desequilibrado, Sutherland e Magan exploravam novos campos de psicologia a eles abertos pelos animais de carga sulistas, dos quais Henry, a mula, era um típico representante.

O rebanho leiteiro da fazenda provou ser uma sólida fonte de renda. O leite e a nata, separados, eram levados a um depósito de nata atrás da casa sede, onde o Presidente Sutherland, com a ajuda dos estudantes, transformava a nata em manteiga, a qual Srta. DeGraw levava a Nashville na carroça de leite e vendia para comprar açúcar, sal, gelo e outras necessidades. O soro de leite tornou-se uma grande fonte de nutrição para todos na escola.

Quando a dieta parecia sem graça, Sutherland lembrava a todos dos quarenta anos que Deus fez chover maná no deserto e poucos reclamavam.

Presidente Sutherland e seus companheiros fundadores de Madison tinham como objetivo primário de seus esforços, uma instituição que treinasse membros leigos da igreja para se unirem aos obreiros da organização, e o entusiasmo de Sutherland contagiava todos ao seu redor.

Sob a direção de seu líder, a fazenda negligenciada tornou-se, a cada dia, mais produtiva e adquiriu um aspecto de lar. Desde o princípio, Sutherland pôs em prática o plano de estudo e trabalho combinados, o qual introduzira na Emmanuel Missionary College [Faculdade Missionária Emmanuel]. Estudantes e professores trabalhavam juntos na fazenda. Metade do dia era dedicada ao estudo e a outra metade ao trabalho. É claro que dinheiro tinha que ser arrecadado para prédios, maquinário, gado e melhoramentos, mas Edward Sutherland determinou que a escola fosse autossustentável em todas as despesas de subsistência. Eram capazes de cultivar seu próprio alimento, e os laticínios bem administrados já proviam entrada de dinheiro.

Sutherland e Magan aprenderam muito de Ellen White acerca das condições prevaletentes no Sul — pobreza, ignorância e grande necessidade. Visto que estes homens sabiam que os estudantes não podiam ter uma educação se tivessem que pagar por ela, nenhuma taxa era cobrada. Tinham que trabalhar para pagar os estudos, e os professores ajudavam-nos de todas as formas possíveis. Um resultado imediato desta política foi a participação íntima dos estudantes em todos os problemas da nova escola. O dia começava com o culto matutino, onde toda a “família” reunia-se para cantar, orar, estudar os planos de Deus para a educação e para discutir coisas grandiosas — grandiosas porque envolvia o mais profundo anseio de cada coração naquele círculo.

Suas refeições simples eram preparadas em uma grande panela. Edward Sutherland, contemplando a cena, lembrou-se das escolas dos profetas, e seu coração vibrava com as possibilidades inerentes deste pequeno grupo, ao louvarem a Deus pela simples porção de mingau de milho ou canjica e leite desnatado. Aqui, na cozinha da antiga sede, os desjejuns eram um deleite.

"Percy", ressaltou Ed certo dia ao seu amado amigo: "Nossos estudos têm que incluir instruções sobre como fazer com que uma fazenda se sustente, como estocar para o inverno e como arrecadar dinheiro para todas as coisas que precisamos."

"Nós sabemos ensinar todos esses assuntos?", perguntou Percy.

Edward Sutherland percebeu o brilho em seus olhos: "Deus prometeu conceder sabedoria, e Ele nos mostrará como fazer isso." À tardinha, depois de cada dia cheio, de trabalho duro e estudo, estudantes e obreiros assentavam-se ao redor da lareira da sala norte para aquecerem-se; e Sutherland, contemplando o semblante ansioso de estudantes e professores, resolveu fazer da admoestação que Moisés fez a Israel em Deuteronômio 6:6, 7 o programa desta nova instituição: "E estas palavras . . . estarão no teu coração; e as ensinarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te."

Os assuntos que eram discutidos ao redor da lareira iam desde folclore e pedagogia até dieta equilibrada, tricô e como fazer

cataplasmas em mãos secas e rachadas. Apesar disso, durante toda a conversa animada, corria um fio de dedicação à vontade de Deus, e a voz que tecia aquele fio na conversa era a voz de Edward Sutherland.

O primeiro inverno trouxe dificuldades. A escola não estivera em funcionamento o tempo suficiente para que a horta e o pomar pudessem começar a produzir, então, não foi feito muito estoque de vegetais e frutas. Mas Sutherland podia prever o futuro próximo, quando os produtos da horta e do pomar iriam suprir-lhes uma dieta adequada e satisfatória. Grande alegria e abundante gozo enchia o pequeno grupo. Todos sentiam-se esperançosos demais para desanimarem e ocupados demais para ficarem infelizes.

A primavera chegou e o plantio começou. As pedras que estavam espalhadas por toda a negligenciada fazenda serviram para construção, e os estudantes utilizaram-nas. Sob a direção de seus professores, eles construíram as estruturas simples e úteis que abrigavam a crescente instituição. A nota tônica e o lema de Edward Sutherland eram: simplicidade. Assim como George Muller, de Bristol, aquele gigante na fé que construiu os orfanatos de Bristol, na Inglaterra, Sutherland esperava que Deus suprisse todas as necessidades do momento, mas quanto a todos os supérfluos e extras, destes prometeu abrir mão, considerando-os desnecessários. Sua convicção era tão firme, e tão grandes eram seus poderes de persuasão, que o pequeno grupo de leais seguidores aceitou estas condições sem se queixarem, nem mesmo das casas sem aquecimento.

"Nossa escola não deve apenas prover aos estudantes preparação para a vida; deve permitir-lhes experimentar a vida", disse Sutherland enquanto caminhava com Magan pelo grande campus naquela primavera de 1905. Como muitas vezes faziam, trocaram ideias acerca das maiores preocupações de seus corações: "Quando um estudante aprender a tirar do solo a própria subsistência, a construir sua casa e seu celeiro, a manter um rebanho leiteiro saudável", "Sim", interrompeu Magan, "e a lidar com os problemas de cada dia da fazenda, da escola e da igreja, então terá uma excelência de caráter estampada nele, e gravada dentro dele como um estilo de

vida. Então pode sair e começar sua própria pequena réplica de Madison. E é isso o que você quer, não é, Ed?"

Edward Sutherland concordou balançando a cabeça. Era exatamente isso que ele queria.

Todos os esportes competitivos foram desencorajados. Madison não tinha nenhum campo de atletismo — nenhum campo de futebol ou de beisebol. A visão avançada do líder focava exatamente no tipo de serviço do qual Percy Magan falara. O auge das realizações dos estudantes seria sair da instituição mãe e estabelecer outras pequenas instituições de sustento próprio. Edward Sutherland transmitiu seus ideais aos seus seguidores de forma tão bem sucedida que, dentro de um curto prazo, estudantes de Madison saíram às comunidades carentes das montanhas e iniciaram um trabalho autossustentável. Por volta do ano de 1908, muitos deles já haviam iniciado suas próprias escolas e centros de saúde, e uma convenção de obreiros de sustento próprio reuniu-se em Madison para relatar o progresso e compartilhar experiências. Tãmanha foi a força e a inspiração obtidas a partir desta primeira reunião, que eles resolveram realizar esse tipo de convenção todos os anos; e assim fazem até hoje.

Edward Sutherland fez com que a escola base frequentemente auxiliasse as novas pequenas escolas e centros de saúde. As viagens de estudo realizadas por Madison animavam a estudantes e obreiros ao visitar Fletcher, Fountain Head (hoje Highland Academy) ou qualquer das outras “unidades” de sustento próprio, como vieram a ser chamadas. Como uma família grande e generosa, Madison considerava as necessidades básicas dos membros menores, e auxiliava de todas as formas possíveis. Estimuladas por tal amor e cuidado, as unidades cresciam e prosperavam.

E agora, com o trabalho aumentando, mais casas e prédios escolares tinham que ser construídos, porém, mais dinheiro era necessário. Sutherland não podia solicitar recursos livremente para o seu empreendimento. A hostilidade que tivera início durante seus anos em Battle Creek e seguira-o até Berrien Springs, espalhara-se ainda mais desde a abertura de Madison como instituição de sustento próprio.

Alguns líderes temiam que Sutherland e Magan fossem sugar os recursos das associações locais,

dos quais eles tanto necessitavam para promover os próprios projetos denominacionais. Em algumas áreas, não foi permitido a Sutherland e Magan solicitar quaisquer donativos. Mas os conselhos de Mãe White os animaram. Ambos pareciam possuir um talento dado por Deus para angariar fundos e influenciar a homens e mulheres de recursos. Sabiam que Deus aprovava seu projeto e sua obra: "Se Deus é por nós, quem será contra nós", repetiam com frequência.

*<sup>1</sup> Holding Corporations são empresas que possuem ações de outras companhias, no caso de Madison, o Nashville Agriculture and Normal Institute (N.A.N.I.) era o "dono" da Escola.*

"É propósito desta nova escola demonstrar aos jovens desejosos de fazer o serviço do Mestre, que eles podem começar uma obra para Ele sem o auxílio de qualquer equipamento especial, e com apenas os prédios comuns encontrados em qualquer fazenda." — Extraído de um artigo conjunto preparado por Sutherland e Magan. *O Invencível Irlandês*, p. 62.

## **Firmando as Estacas**

O número de estudantes crescera para quinze pessoas na primavera de 1905, e Sutherland recrutou os estudantes para ajudar a preparar a fazenda para frutificar no futuro. Em meados de março, estavam plantando pés de maçã, pêsego, pêra e ameixa. Plantaram várias raízes de framboesa silvestre e 1800 pés de morango. Plantaram também melões, abóboras e outros vegetais.

Agora, Edward Sutherland observava com uma satisfação especial os bem cultivados hectares e as plantas brotando. Havia muito a ser feito, mas ouvia por detrás dele a voz, alta e clara, dizendo-lhe: "Este é o caminho, andai nele".

Com olhos proféticos ele viu a terra ondulada coberta de pomares e campos de milho balançados pela brisa, exibindo lindas espigas. O que importa se o inverno foi frio e difícil?

O que importa se sobreviveram de leite desnatado e canjica? A primavera chegara, e a promessa de Deus repousava como uma bênção sobre a terra. De todo o coração, tanto Sutherland quanto Magan desejavam entregar todo o seu tempo e todas as suas forças ao projeto em andamento, mas dinheiro tinha que ser arrecadado.

"Você acredita que Deus quer que solicitemos fundos em nossas igrejas, Percy?", perguntou Sutherland, endireitando as costas, no final de um organizado canteiro de pés de morango recém-plantados. "Que apoio escriturístico temos para fazer isso? Será que Deus não pode simplesmente nos enviar o dinheiro e deixar-nos continuar com



o trabalho aqui?"

Percy tirou o chapéu e limpou o suor da face e do pescoço com sua bandana vermelha: "Tenho certeza de que Ele poderia fazer chover dinheiro do céu assim como fez chover maná no deserto, mas esta não seria a melhor coisa a fazer."

"Você acha que o povo de Deus precisa doar? Precisa ter a simpatia atraída para este campo sulista?" Sutherland interrogou.

"Sim, eu acho, Ed. Você se lembra da diligência com que Paulo encorajou os gentios conversos ao cristianismo, na época primitiva da igreja, a doarem aos pobres santos de Jerusalém?"

Ambos Sutherland e Magan tinham a habilidade de falar em público, ambos possuíam forças peculiares para persuadir e influenciar. Além disso, eles gostavam de levantar dinheiro para a obra do Senhor, especialmente a necessitada fazenda do Senhor que fora confiada aos seus cuidados, juntamente com o grupo de obreiros fieis que empregavam todo o seu tempo trabalhando no desenvolvimento da fazenda e da escola.

Percy Magan tivera um ano ocupado, porém solitário, desde que sua esposa Ida falecera por ocasião da conturbada reunião da Associação, quando ele e Edward Sutherland demitiram-se da Emmanuel Missionary College. Mas conhecera recentemente uma mulher médica que se tornou importante em sua vida. Certo dia, no início de setembro de 1905, Ed Sutherland amarrou a mula ao carro de leite e foi até a estação ferroviária para encontrar-se com Percy e sua nova esposa, Dra. Lillian. Haviam se casado em 23 de agosto, em Cherokee, Iowa, cidade natal de sua nova esposa.

A chegada da Dra. Lillian trouxe um talento especial ao novo projeto. Sendo já uma médica credenciada, podia estar ganhando um bom salário e ter uma aceitação rápida em várias instituições. Mas ela escolheu lançar a sorte com esse grupo de pioneiros que lutava contra as duras realidades de estabelecer uma escola autossustentável nos desgastados e negligenciados hectares da fazenda Ferguson.

Edward Sutherland estudou a reação da Dra. Lillian na estação ferroviária, na carroça puxada pela mula, e sua expressão facial ao ser apresentada aos seus novos aposentos — um quarto no andar de

cima da antiga casa sede da fazenda. Não conseguiu detectar nada, a não ser uma pronta e alegre aceitação das condições da Escola de Madison naquele outono de 1905.

Realmente, muito trabalho duro tinha sido feito, e muito fora concluído. Um pouco depois da chegada de Percy Magan e sua nova esposa, Ed e Sally Sutherland com seus filhos — Joe e a bebê Yolanda — mudaram-se para a sua modesta casa. Mãe Druillard e M. Bessie DeGraw também se mudaram para casas novas naquela época. Pequenos prédios funcionais passaram a marcar o campus; e os jardins e a terra agrícola ganharam uma nova aparência.

Sutherland, sempre atento às instruções de Mãe White acerca de sanatórios serem estabelecidos em conexão com as nossas escolas, ansiava o dia em que tal empreendimento pudesse tornar-se realidade em Madison. Em fevereiro de 1906, os educadores enviaram uma carta a Mãe White, explicando seu devoto interesse no estabelecimento de um sanatório: "Para fazer as coisas funcionarem na escola, usamos todas as forças que possuíamos e todos os recursos que pudemos reunir", explicaram. "Não recebemos praticamente nenhuma ajuda da denominação como um todo, e sentimos que o fardo que tivemos que carregar aqui foi pesado."

Um princípio fundamental da instituição, no qual Sutherland sempre insistiu, foi o sacrifício próprio: "Madison deve demonstrar o princípio do sustento próprio", adicionou. "Se quisermos levantar homens como Paulo, precisamos ensiná-los a tornarem-se autossustentáveis durante o período escolar."

Magan concordou de todo o coração, e o primeiro princípio de funcionamento da Escola de Madison passou a ser o sustento próprio.

Certo dia, Presidente Sutherland avistou, enquanto trabalhava, um jovem rapaz alto, que viera candidatar-se a aluno: "Então você quer estudar em Madison.", disse ao apertar a mão áspera e bronzeada que o jovem estendera. "De onde você vem?"

"Da região da Geórgia". Havia um sorriso cativante no rosto bronzeado daquele jovem, que iluminava seus olhos azuis: "Ouvimos dizer que aqui um homem pode trabalhar duro e estudar sem precisar pagar".

"É isso mesmo, John. Diga-me, por que você quer estudar em Madison? Quero dizer, por que você quer uma educação?", Presidente Sutherland perguntou.

"Sei arar, plantar, tirar leite da vaca, cuidar de porcos e fazer todo tipo de trabalho da fazenda". O jovem da Geórgia olhou ao redor, para os dispersos hectares da fazenda Ferguson: "Mas tenho fome de livros, e não li muitos. Quero entender a Bíblia."

Após satisfazer-se pelo jovem ter um desejo genuíno de aprender para servir melhor à sua comunidade e ao seu Deus, Sutherland disse: "Você precisa de algumas classes de revisão de leitura, escrita e aritmética; mas logo começará algo mais avançado. Sei que aprenderá rápido.". Então, explicou o plano de estudo com trabalho e garantiu a John que ele conseguiria trabalhar o suficiente para pagar ensino, acomodação, alimentação e lavanderia, e que também seria esperado dele trabalhar duas horas por dia para ajudar a pagar as despesas operacionais da escola.

Outros estudantes vieram, jovens que jamais poderiam ter uma educação a menos que Madison tornasse isso possível. Sutherland, olhando para eles, conversando com eles e trabalhando com eles, passou a amá-los de forma especial.

O assunto da remuneração dos obreiros surgiu para discussão e, por acordo mútuo, aos instrutores foi estabelecido um salário de treze dólares ao mês. Em 1908, quando Madison entrou em seu quarto ano, aos professores eram creditados treze dólares ao mês e debitados alimentação, acomodações, lavanderia, aluguel de uniforme, etc. No final do ano, o lucro da escola foi dividido em três partes. Uma parte foi dividida entre os professores; foi o equivalente a doze centavos por hora de trabalho. Os outros dois terços foram destinados a reparos, melhoramentos e expansão.

Em 1918, os professores ainda recebiam o mesmo salário — treze dólares ao mês. Presidente Sutherland ficou emocionado ao ser-lhe apresentada uma proposta da comissão:

"Votada a proposta da Sra. Druillard, apoiada pela Srta. DeGraw, de registrar a opinião dos obreiros e da Comissão, de que embora tenha sido impossível aos obreiros receber um salário mais alto, cada

membro sente-se mais que retribuído pelo esforço dedicado a esta obra, e está sinceramente grato pelo progresso que a bênção de Deus fez possível."

Havia pessoas que questionavam se Professor Magan e Presidente Sutherland realmente viviam com treze dólares ao mês. Professor Magan esclareceu este assunto em uma reunião com os frequentadores em 1912. Disse que nem ele nem Presidente Sutherland alguma vez declararam viver com treze dólares ao mês. Eles declararam, de fato, que tudo o que eles ganharam da Escola de Madison foi treze dólares por mês. Por causa de sua grande responsabilidade com viagens, levantamento de fundos, etc., eles precisavam de mais dinheiro, e tinham que ter mais dinheiro vindo de outras "fontes". Ambos tinham alguma renda provinda da posse de imóveis familiares, que utilizavam.

Sutherland cedo declarou um segundo princípio básico do funcionamento de Madison — Uma economia estrita e persistente. Ao crescer a escola, e novos prédios serem planejados, ele decidiu contra a construção de prédios grandes, caros, modernos e bem equipados. Se tais fossem erigidos, não esperaríamos os graduados de Madison o mesmo tipo de instalações para começarem uma nova obra? Ele decidiu, e seus seguidores concordaram que os novos prédios teriam que ser pequenos, simples e econômicos, e que estudantes e professores deveriam trabalhar juntos para construí-los, aprendendo assim a erguer edifícios que os serviriam melhor no trabalho futuro. Madison então adotou o plano de alojar os estudantes em pequenas casas. Mais tarde, entretanto, a instituição erigiu prédios maiores e, finalmente, dois dormitórios.

A escola seguia o "Plano de Um Estudo", que se tornou o terceiro princípio básico de Madison. Os estudantes faziam apenas uma disciplina principal de cada vez. Eles dedicavam três horas por dia às atividades de sala de aula naquela disciplina, e outras três horas para prepararem-se para a classe. Em um semestre, o estudante cobria, em sequência, o mesmo que se três ou mais disciplinas fossem estudadas simultaneamente. Durante as horas restantes do dia, o programa de trabalho proporcionava-lhes tanto treinamento como prática no setor

industrial. O estudante era mudado de um tipo de trabalho para outro até que tivesse recebido um treinamento completo no cuidado e na manutenção de gado, aves, jardim, laticínios, o plano de construção, assim como o cultivo da fazenda e de suas espécies variadas.

O quarto e último princípio básico que Presidente Sutherland cria que contribuisse muito para a estabilidade da Escola de Madison era autonomia. No início do primeiro ano, ele convocou uma reunião de estudantes e professores com o propósito de desenvolver verdadeira democracia cristã. Este grupo, conhecido como Órgão Estudantil, tornou-se a força legisladora da escola, tendo poder executivo.

Sutherland leu as instruções de Mãe White: "As regras que regem a sala de aula devem, na medida do possível, representar a voz da escola. Todo princípio envolvido tem que ser colocado diante do estudante de forma tão clara que ele fique convencido de sua justiça. Desta forma, ele sentirá uma responsabilidade de ver que as regras, que ele mesmo ajudou a criar, sejam executadas."

Tanto obreiros como estudantes reconheceram a sabedoria desta instrução, e o Órgão Estudantil, com suas reuniões, tornou-se uma das características peculiares mais fortes da escola.

Sob estes quatro princípios básicos, Presidente Sutherland viu a Escola de Madison crescer e prosperar. Nos meses seguintes viu-se um desenvolvimento constante e uma expansão saudável. Já não estavam mais lá os velhos chiqueiros que tinham manchado o pátio da frente e poluído a vista das janelas da sede. Muitas pedras já tinham sido removidas da terra, e o solo estava sendo preparado cuidadosamente do modo que Presidente Sutherland e Percy Magan haviam planejado.

Eles precisavam urgentemente de um edifício escolar. Oraram várias vezes, fervorosamente; mas o dinheiro não veio.

Certo dia, depois de um período em que examinaram seus corações e oraram sobre esse assunto, Percy disse: "Ed, penso que talvez Deus tenha um propósito especial ao limitar-nos à antiga sede. Talvez Ele intencione que esta adversidade seja um exemplo aos outros estudantes que saem para iniciar o próprio centro de sustento próprio."

"Você acha que devemos abrandar as orações pelo prédio escolar?", perguntou Ed.

"De jeito nenhum. Devemos redobrar as orações. Deus nos enviará o dinheiro para o prédio na hora certa."

Portanto, a sede servia de prédio escolar e salão de reuniões de dia, e de noite provia alojamento.

Apesar do trabalho duro, tanto físico quanto mental — apesar da crítica que o atacava de posições elevadas — aqueles primeiros anos em Madison foram anos felizes para Edward Sutherland. Seu lar regozijava-se com as risadas dos filhos pequenos e suas mães felizes. A cada dia os estudantes tornavam-se mais responsáveis à sua instrução, e seu grupo leal de companheiros de trabalho dava-lhe toda a força e apoio. Mas uma coisa o perturbava. Ainda não tinha conseguido iniciar o sanatório. Parecia não haver como expandirem mais.

"Aos obreiros de Madison eu diria: Tende bom ânimo. Não percam a fé. Seu Pai celestial não deixou com que tenham que alcançar o sucesso pelos seus próprios esforços. Confiem nEle, e Ele operará em seu favor." —  
*Special Testimonies, Série B*, no. 11, p. 17.

## **Evangelismo de Saúde Unido ao Progresso Educativo**

Desde o princípio de Madison, Presidente Sutherland visava uma união da escola com um sanatório. A instrução recebida de Mãe White insistia nisso: "É essencial que haja um sanatório ligado à Escola de Madison. A obra educacional da escola e o sanatório podem andar lado a lado."

Em fevereiro de 1906, um relatório da escola foi enviado a Mãe White, descrevendo o programa de treinamento missionário em uso: "Ensinamo-lhes a Bíblia, fisiologia e higiene, língua inglesa, história da igreja, contabilidade, e como aplicar tratamentos simples. . . . Nosso plano é que nenhuma moça saia da escola sem ser uma boa cozinheira, capaz de fazer a própria roupa e prestar simples assistência de saúde."

A intenção de promover a obra médica já existia, mas nem Sutherland nem Magan podiam ver claramente como construir um sanatório. Será que o povo de Nashville iria para lá para serem tratados? A estrada de acesso era estreita — quase intransitável durante parte do ano. Sutherland não tinha experiência na administração de uma instituição médica, e sabia que Magan também não tinha. Não tinham dinheiro nem para construir os prédios escolares que tão desesperadamente precisavam. Como podiam mesmo considerar começar um sanatório? Tudo parecia tão impossível quanto a Escola de Madison parecera há dois anos, erguida a partir daquela pilha de pedras próxima ao velho celeiro.

Então, certo dia, Mãe White visitou Madison. Edward Sutherland

viu, com aperto no coração, que os anos tinham pesado sobre Mãe White. Em sua honra, os obreiros e os estudantes prepararam um piquenique, e enquanto todos almoçavam em uma linda encosta arborizada a oeste dos prédios escolares, ela falou repentinamente: "Este seria um bom local para um sanatório".

Ninguém respondeu. O silêncio tomou conta de todos, porém, ouviram as suas palavras. A voz de Mãe White continuava com extraordinário poder de influência. Os participantes do piquenique continuaram a passar a comida e a despejar a limonada. Então, Mãe White falou novamente: "Vocês dizem que não têm dinheiro, mas precisam ter fé". Ela olhou em volta, para todos, e cada um parecia sentir o peso daquele olhar: "Vocês não têm mais fé? Reúnam as pessoas, peguem um cavalo e demarquem o local, mesmo sem ter dinheiro para começar".

As palavras caíram como um choque elétrico para o pequeno grupo. Porém, quando terminaram o piquenique, apressaram-se para a pequena capela e ajoelharam-se em oração. Então, pegaram uma mula, amarraram-na a um arado e demarcaram o local onde o sanatório seria construído.

Mãe White voltou à Califórnia. Entretanto, de um jeito ou de outro, o bom Senhor, que dirigiu todos os eventos de Madison, planejava ter aquele sanatório inaugurado.

Algum tempo depois, um empresário de Nashville, cansado e doente, veio ao campus de Madison: "Ouvi falar que vocês oferecem tratamento aos doentes e os suprem com uma dieta saudável. Vocês me permitem vir para cá para eu tentar melhorar?"

As mulheres olharam para ele consternadas: "Ainda não estamos preparadas para isso", Mãe Druillard explicou.

O homem não podia ser convencido do contrário e, finalmente, Mãe D isolou um canto da varanda da sede para prover acomodações provisórias para este primeiro paciente; e com sua determinação usual, sabedoria e habilidade, ela e suas três estudantes de saúde cuidaram tão bem deste hóspede que ele recuperou a saúde e voltou a Nashville para espalhar as boas notícias.

O primeiro edifício do sanatório, uma pequena casa com



capacidade para onze camas, tinha salas de tratamento que saíam para uma varanda. Lâmpadas de querosene iluminavam a casa, e um fogão a lenha a aquecia e fervia água para os tratamentos hidroterápicos. Uma tábua larga sobre dois cavaletes de madeira proviam uma mesa de tratamento. Embora humilde, esta instituição recebia a elite de Nashville. Aqui encontravam cura para o corpo e a alma, pois os obreiros demonstravam grande eficiência e bondade cristã, o que inspirava confiança e esperança.

O ano de 1907 foi especialmente difícil para a jovem instituição. Presidente Sutherland viu a safra de alfafa mofada na primavera fria e molhada. Foi necessário replantar o milho, que fora destruído pelo mesmo clima. Então, o calor intenso do verão, juntamente com uma seca, secou a safra de sorgo. Vegetais da horta murcharam e até as batatas recusaram desenvolver-se. Bombear água para o gado tornou-se uma tarefa longa e árdua.

Além das preocupações com a fazenda, haviam as críticas contínuas dos líderes da igreja. Naquele outono, Presidente Sutherland teve que deixar o campus. Ficou tão exausto, física e mentalmente, que entregou todos os assuntos da escola e do sanatório nas mãos de seus colegas de confiança. Descansou por várias semanas e buscou forças no Senhor, que nunca falhara com ele.

Percy Magan, com obreiros de confiança e estudantes fiéis, mantiveram a fazenda funcionando. Mãe D, com mais de sessenta anos de idade, tomou conta do trabalho do sanatório com sua habitual maneira vigorosa. Seus métodos podem ser descritos como uma mistura de hidroterapia, iniciativa e o temor do Senhor. Juntamente com as três enfermeiras que vinha treinando, adequava-se a toda situação e fazia o máximo proveito dos recursos que tinha em mãos.

Quando Presidente Sutherland recuperou-se, foi à Costa Oeste para angariar recursos, enquanto Magan e seus colaboradores trabalhavam no prédio do sanatório.

Quando o novo prédio foi concluído, Dra. Lillian, que estivera trabalhando em um sanatório em Nashville, tornou-se a primeira médica a fazer parte do Sanatório de Madison. Dr. Newton Evans

uniu-se à Dra. Lillian e tornou-se o primeiro médico superintendente da instituição.

Mãe White, sensível às necessidades da crescente obra ao redor do mundo, ainda tinha um cuidado especial por Madison e seus líderes, Edward Sutherland e Percy Magan. Em 1907, ela escreveu aos líderes da Associação Geral: "Vocês têm uma obra a fazer, que é encorajar o trabalho da escola de Madison, no Tenessi. . . . Os obreiros que têm lutado para executar a vontade de Deus em Madison não receberam o encorajamento que deviam ter recebido. . . . Os irmãos de influência devem fazer tudo ao seu alcance para dar as mãos a estes obreiros, encorajando-os e apoiando o trabalho da escola de Madison. Recursos devem ser destinados às necessidades da obra em Madison, para que o trabalho dos professores não venha a ser tão duro no futuro."

Na reunião da Southern Union Conference [União Sul], realizada em Nashville, em janeiro de 1908, A. G. Daniells, presidente da Associação Geral, Frederick Griggs e outros líderes da igreja fizeram uma análise objetiva de Madison e seu desenvolvimento, e a União deu a Madison um voto de confiança. Daniells apelou por um espírito de união e garantiu a Sutherland e Magan que as instituições continuariam "a favor da denominação". A União destinou 19.500 dólares à Escola de Madison, trazendo um entusiasmo especial a Sutherland e Magan e renovada coragem aos obreiros e estudantes.

No mesmo inverno de 1908, uma epidemia de varíola acometeu os estudantes da escola. Dra. Lillian chamou o oficial de saúde do município, o qual prontamente colocou os estudantes em quarentena. Este primeiro contato com médicos de Nashville provou ser uma bênção ao jovem sanatório. Além disso, Dra. Lillian, com a ajuda de duas enfermeiras, tratou de oito casos da pavorosa doença, sem falhar em nenhum deles. O oficial de saúde, observando de perto a situação, não deixou de reconhecer a habilidade e a qualidade do serviço oferecido. Também não deixou de falar sobre isso, e seus amigos ouviram.

Agora, o trabalho do sanatório crescia com uma rapidez que impressionava até mesmo os que estavam mais próximos dele.

Mesmo agora, já estava começando a contribuir substancialmente à renda. Uma pequena casa após outra proviam mais e mais espaço para expansão. Daquele pequeno começo, em uma pequena casa com capacidade para onze camas, já dava grandes passos em direção à instituição grande e importante que se tornaria em breve. Presidente Sutherland pensava sempre nas palavras proféticas que Mãe White dissera.

Passara o ano de 1910. Sutherland sentia que o pior das “dores de crescimento” de Madison havia passado. O sanatório prosperava muito sob a administração dos Drs. Newton Evans e Lillian Magan. A Escola de Madison tinha avançado bastante em seis anos, desde sua fundação. Com toda a responsabilidade que crescia sobre eles, e com o futuro se expandindo em enorme proporção diante de seus olhos capazes de enxergar além, Sutherland e Magan passaram a pensar seriamente em um conselho que Dr. Kellogg dera-lhes anos antes em Battle Creek: "Vocês dois têm que ingressar no curso de medicina. Para onde quer que se voltem, o que quer que decidam fazer, o curso de medicina será uma vantagem para vocês", dissera.

Várias vezes Edward Sutherland decidira seguir o conselho do Dr. Kellogg, mas outros assuntos de grande importância o desviaram. Magan não parecia interessado. Então, Sutherland decidiu frequentar as classes da escola médica de Nashville. Magan também decidiu fazer medicina. Os dois amigos de uma vida inteira matricularam-se juntos no outono de 1910. Eles ainda viviam no campus de Madison, e iam e vinham de motocicleta.

Sutherland passou a enxergar mais claramente o quanto este curso significaria para seu futuro trabalho em Madison. Quando um chamado urgente foi feito de Loma Linda, na Califórnia, para que o Dr. Evans fosse obreiro da jovem escola médica de lá, Sutherland sentiu-se deprimido, mas que alívio teve quando Dr. Evans recusou sair de lá a menos que fosse encontrado um médico qualificado para substituí-lo.

Entretanto, esta rejeição do chamado não resolveu o assunto. O chamado para o Dr. Evans veio novamente com grande urgência. As condições da College of Medical Evangelists [Faculdade de

Evangelistas Médicos] ficaram tão sérias que até mesmo Presidente Sutherland concordou que Dr. Evans fosse, mas como fariam sem ele? Os dois líderes, Sutherland e Magan, ainda tinham pela frente três anos para concluir o curso de quatro anos. O consenso de opinião entre os obreiros da escola, assim como os do sanatório, foi de recomendar fortemente que Sutherland e Magan continuassem seu treinamento médico, o que eles apressaram-se a fazer, tendo em vista a emergência. Decidiram que a Dra. Lillian Magan ficaria encarregada do sanatório e de seus pacientes. Mãe Druillard seria superintendente e gerente de negócios da instituição. Srta. DeGraw dirigiria a escola. Eles escolheram o Sr. Roche para dirigir o trabalho agrícola e gerenciar as indústrias.

Encorajados pela demonstração de lealdade e devoção, e também gratos, pois pelo sacrifício dos demais, podiam ingressar na nova escola médica do Oeste, Sutherland e Magan prosseguiram com renovado vigor. O trabalho em Madison crescia e prosperava, pois o Senhor trabalhava com eles. Três anos mais tarde, ambos retornaram como médicos às responsabilidades do campus.

O laço de amizade entre eles fortalecera-se, e agora sentiam seguros de que nada os separaria. Dr. Sutherland lembrou-se de quando ele e Percy aceitaram a justiça pela fé e assentaram-se aos pés de Mãe White para aprender o significado daquela mensagem. Juntos sentiram a urgente necessidade de reforma em Battle Creek. Juntos fizeram a mudança da Faculdade de Battle Creek para Berrien Springs, em Michigan, e pelejaram na batalha pela "verdadeira ciência da educação". Juntos solicitaram fundos para a recém-fundada faculdade, e juntos renunciaram na primavera de 1904. Juntos choraram sobre a rocha próxima à velha sede da fazenda na pedregosa e negligenciada Fazenda Ferguson no momento de seu Getsêmane. Juntos empregaram todas as forças físicas e mentais para transformar os desgastados hectares na "Linda Fazenda" que Mãe White idealizara. Juntos entraram no curso de medicina, quando já não eram mais jovens. Concluíram o curso juntos, e agora podiam olhar de cima e contemplar um futuro brilhante para Madison.

Então, no verão de 1914, um distinto visitante apareceu no campus

de Madison, Sr. E. E. Andross, presidente do comitê da College of Medical Evangelists. Trouxera o Dr. Newton Evans com ele, e viera apelar para Percy Magan unir-se à equipe da nova instituição. Dr. Sutherland sentiu que não poderia suportar tal separação; mesmo assim, deixou Magan livre para tomar sua própria decisão. Foi uma recusa decidida, e tanto Sutherland quanto a família de Madison deram um grande suspiro de alívio.

Mais tarde, naquele mesmo outono, o Sr. W. C. White enviou uma carta a Magan, insistindo para ele "se unir à equipe de Loma Linda e assumir a liderança do trabalho em Los Angeles".

Dr. Magan, em seu íntimo, não queria ir para o oeste, mas sob unida persuasão dos líderes da igreja, deixou a escola que tanto amava para nunca mais voltar, a não ser para breves visitas. Dr. Sutherland sentiu a perda: "Isso é como separar o osso da medula", disse expressando seu grande pesar pela decisão final.

Porém, mesmo nesta hora de tremendo sacrifício, pôde dizer: "Isto pode ser uma oportunidade para ambos de nós fazermos mais para fortalecer princípios corretos de educação, tanto na área médica quanto na área escolar."

Ele olhou para trás, cerca de trinta anos, para o tempo em que ele e Percy conheceram-se em Battle Creek. Ele acreditava que Deus guiara ambos a este presente momento, e que, mesmo agora, estava operando algo de valor através de seus esforços unidos: "Acredito que Deus tem formas e meios para manter as coisas no lugar mesmo em face às dificuldades", disse tentando confortar aqueles que compartilhavam de sua perda — os obreiros e os estudantes: "Se permanecermos firmes", disse ele, "e termos confiança que Aquele que nos trouxe até este ponto está nos dizendo para avançar, e que proverá os meios para isso". Então, lembrou-se dos momentos de sua própria experiência de vida em que Deus operara tais maravilhas guiando e concretizando seus planos.

Portanto, Dr. Magan e sua família mudaram-se a oeste para Loma Linda, e a escola e sanatório que ele e Sutherland tinham feito tanto para fundar e estabelecer sentiram sua falta mais do que alguém pudesse expressar. Mas eles cerraram fileiras e, a partir daquele dia,

sentiam que tinham um posto avançado na Califórnia. Os interesses da batalhadora escola médica tornaram-se, de certa forma, seus próprios. Eles tinham feito um investimento de peso na College of Medical Evangelists.

O alvo de Madison é o treinamento não de meros professores de ciências abstratas, mas de professores da arte de viver. Nesta escola, todo esforço é feito para dar ao estudante não somente uma preparação para a vida, mas uma experiência de vida. — A. W. Spalding, *Men of the Mountains*, p. 160-161.

## **Uma Fé que Não Diminui**

Dr. Edward Alexander Sutherland encarou o futuro das duas instituições de Madison com a mesma calma segurança que o sustentou durante a primeira década. Olhou ao redor e viu a outrora desprezada Fazenda Ferguson, já com tratamento corretivo de solo e produzindo uma abundância de variadas safras. Embora o amigo de toda uma vida e companheiro de construção havia partido para se unir à equipe da escola médica de Loma Linda, ele sabia que o Deus a quem servia permanecia.

Sutherland olhou com satisfação para a próspera escola, com seus professores leais e fiéis estudantes. Ele considerou o jovem sanatório com seu crescente número de clientes e talentosos enfermeiros e diretores. Sua visão contemplou as "unidades", pequenas réplicas de Madison, que já brotavam por toda a região Sul. Sua convocação anual trazia 250 obreiros de sustento próprio de volta ao "campus natal" todos os anos, com histórias do poder operador miraculoso de Deus e de vitórias de fé. Dr. Sutherland sentia a falta de Percy Magan mais do que fosse capaz de explicar a qualquer pessoa, mas sua fé no futuro não vacilou; ele buscou forças no Senhor e seguiu avante com renovada determinação.

Em pouco tempo, começou a receber cartas do Oeste informando-lhe sobre as grandes necessidades e os enormes problemas da nova escola médica. Para aprimorar a qualidade da educação oferecida pela College of Medical Evangelists [Faculdade de Evangelistas Médicos], a comissão tinha votado para estabelecer uma divisão da

escola em Los Angeles. Para isso, 60.000 dólares seriam necessários de imediato. Percy escreveu que a Associação Geral não via como arrecadar tanto dinheiro, e muitos dos membros da comissão eram favoráveis ao fechamento da escola.

Dr. Sutherland agiu imediatamente. Primeiro pediu ajuda a Sra. S. N. Haskell, que vivia em Nashville. Também contatou a Sra. Josephine Gotzian, que vivia no campus de Madison. Dr. Sutherland tinha se hospedado na casa dela, em St. Paul, Minnesota, enquanto colportava certo verão. Um pouco antes disso, ela tinha se tornado adventista por causa da influência dos irmãos do Sanatório de Battle Creek, onde fora paciente. Ele explicou às duas mulheres os problemas que Percy Magan encontrou em seu novo cargo de reitor da escola médica da Califórnia.

"Gostaria que vocês duas fossem à Califórnia e se unissem a Emma Gray e ao Dr. Florence Keller", disse Sutherland. "Por favor, vão em nome e no poder de Deus e façam o que puderem para salvar a escola médica".

Mais tarde, Percy Magan escreveu acerca do dramático ocorrido. A comissão da Escola de Evangelistas Médicos reuniu-se para fechar a escola. A oposição à continuidade do curso era forte demais. Os homens tinham iniciado a reunião quando se ouviu um barulho suave vindo da maçaneta; alguém abriu a porta.

Quatro mulheres entraram na sala. Em tons graves, elas imploraram à comissão para continuar com a escola médica. Pediram que a unidade de ensino fosse construída em Los Angeles e que fosse dedicada e consagrada à memória de Ellen G. White, e que a tarefa de angariar o dinheiro para isso fosse comissionada às mulheres da igreja.

Um silêncio encheu a sala. Os membros da comissão ouviram e deram a sua aprovação. Então, estas calmas mensageiras de esperança, nenhuma das quais ocupava qualquer cargo de autoridade na igreja que amavam, retiraram-se; mas suas palavras reverteram a tendência para dúvida e fracasso e inspiraram coragem a muitos corações.

"Eu sabia que você as tinha enviado, Ed", escreveu Percy em sua



carta de agradecimento, "mas não disse nenhuma palavra para as pessoas presentes".

Este ato, movido pelo coração generoso de Dr. Sutherland, marcou o início da ajuda de Madison à escola médica. A Sra. Lida Scott, obreira de Madison e membro de sua comissão diretiva, prometera dar uma oferta de peso à Instituição Madison. Agora, com a aprovação dos fundadores de Madison, e em resposta ao pedido de ajuda de Percy Magan, ela doou 30.000 dólares. Mais tarde o grupo de Madison aumentou a quantia para 50.000 dólares. Tamanho foi o esplêndido dote que Madison concedeu à Faculdade de Evangelistas Médicos.

Madison não deu apenas dinheiro, mas deu também uma dádiva mais preciosa — homens e mulheres: Dr. Newton Evans, Dr. Percy Magan, Martha Berger, que serviu como diretora de enfermeiros no White Memorial Hospital [Hospital Memorial White] durante vários anos, e O. R. Staines — todos de Madison.

Esta doação generosa de recursos, homens e mulheres trouxe a Edward Sutherland conforto genuíno. Ele não só enxergou o plano maior de Deus, como também ele e todos os seus obreiros estavam participando do novo desenvolvimento médico do Oeste. Anos mais tarde ele explicou como a obra no Sul fora beneficiada: "Esta união possui mais sanatórios do que qualquer outra união do mundo", disse em uma convenção de obreiros de sustento próprio. "Isto aconteceu como resultado da cooperação entre o departamento médico de Madison e os graduados da Escola de Evangelistas Médicos." A escola do Oeste não se esqueceu de seus benfeitores, e muitos dos graduados escolheram realizar suas práticas médicas no Sul, onde poderiam espalhar os ideais e a inspiração de Madison.

Desde a juventude, como professor da Faculdade de Battle Creek, Dr. Sutherland preocupara-se com o assunto da nutrição. Ouvira as instruções de Mãe White e aceitara uma dieta sem carne como parte de sua forma de pensar e viver. Ele tinha introduzido uma dieta vegetariana no início da Faculdade de Walla Walla, e fez dela a primeira de nossas instituições de ensino a servir uma dieta estritamente sem carne. Quando ele voltou a Battle Creek, e mais

tarde para Berrien Springs, continuou com a prática, e estabeleceu um programa semelhante em Madison. Porém, sentia que devia fazer mais.

Lembrou-se do que Mãe White dissera: "Seria uma grande vantagem à escola de Madison se uma fábrica de alimentos fosse posta em operação em conexão com o trabalho da escola"

Em outra ocasião, ela havia dito: "O comércio de alimentos saudáveis é uma das próprias instrumentalidades do Senhor para suprir uma necessidade."

E ainda outra vez escrevera: "Assim como Deus proveu o maná do céu para sustentar os filhos de Israel, Ele dará agora ao Seu povo, em diferentes lugares, habilidade e sabedoria para utilizar os produtos de seus países para preparar alimentos que substituam a carne."

Um pouco depois do estabelecimento de uma escola em Madison, uma grande fábrica de alimentos saudáveis abriu em Edgefield, a poucos quilômetros de Madison; mas não prosperou porque o povo do Sul não tinha sido educado ou condicionado a apreciar alimentos saudáveis. Preferiam seu pão de milho com bacon. Então, a fábrica de alimentos naturais tornou-se um "elefante branco" na mão de seus donos. Passou de mão em mão sem nenhum sucesso. Foi tomada então a decisão final de desfazer a fábrica. Mas a mão de Deus estava sobre aquele equipamento e sobre a mente do Dr. Sutherland. Ele estivera observando o destino da mal sucedida companhia de alimentos saudáveis, e várias vezes ansiara abrir uma fábrica assim em Madison, mas sempre achou que sem o conhecimento essencial e sem dinheiro para o projeto, certamente não podia esperar obter sucesso em algo que mentes e mãos habilidosas não conseguiram fazer.

Mas agora, Edward Sutherland sentiu-se impressionado a comprar a fábrica e levou o assunto aos seus obreiros. Como poderiam aprender a preparar atrativos alimentos sem carne? Como iriam distribuir seu produto? Como poderiam angariar o dinheiro necessário?

Então, Dr. Sutherland leu uma declaração de Mãe White: "O Provedor celestial de todos os alimentos não deixará Seu povo na

ignorância quanto à preparação dos melhores alimentos para todos os tempos e todas as ocasiões."

Ele fechou o livro e olhou para todos ao redor: "Estas são as nossas ordens." Um sorriso iluminava seus olhos azuis, que podiam ver além: "Com fé e obras, podemos fazer deste negócio um sucesso, e o Senhor nos ensinará a preparar estes alimentos."

Os obreiros aprovaram o plano e compraram o equipamento. Uma nova indústria tinha sido adicionada à fábrica da escola. Alguns anos tinham se passado desde que a primeira mensagem de Mãe White tinha começado a agitar a mente de Edward Sutherland.

Sutherland pretendia começar pequeno, treinando obreiros passo a passo. Mãe Nellie Druillard, aquele dínamo de habilidade, assumiu a direção da fábrica de alimentos, a qual prosperou sob a bênção de Deus e alcançou crescimento e sucesso fenomenais. Em pouco tempo, Sutherland pôde dizer: "Nossos produtos são encontrados em todo o país, no Canadá, e em terras estrangeiras".

O fundador de Madison tinha um propósito fundamental — treinar jovens para a obra de sustento próprio. Sempre colocava isso diante deles como ideal de serviço. Ele frequentemente repetia as palavras de Mãe White: "Todos meios possíveis devem ser utilizados para o estabelecimento de escolas como a de Madison."

Certo dia, dois dos primeiros estudantes vieram a ele — Charles Alden e Bradford Mulford: "Não estamos aqui há muito tempo", disse Charles, "mas você acha que sabemos o suficiente para começar uma escola nos montes?"

Sutherland sentiu uma grande alegria: "Vocês sabem como construir a sua casa e a sua escola?"

"Sim, sabemos como usar pedras destas que temos aqui e também sabemos utilizar toras."

"Vocês sabem lidar com animais, mulas e gado?"

"Fazemos isso aqui o tempo todo."

Então, Sutherland encorajou os dois jovens a saírem pelos montes e começarem sua própria escola de sustento próprio assim como seu próprio ministério evangelístico. Algum tempo depois ele foi visitá-los e ouviu um velho homem das montanhas descrever o programa:

"Eles ajudam os pobres, ajudam os enfermos, ensinam nossas crianças e realizam a Escola Dominical."

Edward Alexander Sutherland sabia que esta pequena ramificação de Madison teria sucesso, e seu coração regozijou pois podia prever vários outros jovens abrindo vários centros de luz na região Sul.

Então, outro estudante casado, Calvin Kinsman, veio a ele e propôs um plano de estabelecer um centro como Madison em Cuba. Calvin, sua esposa, e Oren Wolcott, um amigo, queriam ir para Cuba.

"Vocês frequentaram a Faculdade Missionária Emanuel, não frequentaram?", Sutherland perguntou a Kinsman.

"Sim, frequentamos, e viemos aqui para Madison no início."

"Sim, eu me lembro que vocês moraram na 'Sala de Provação', e sabem tudo sobre as suas dificuldade e inconveniências", disse Dr. Sutherland examinando seus rostos jovens. "Vocês têm dinheiro para comprar terra e equipamento?"

"Temos o suficiente para chegar a Cuba e um pouco mais para sobreviver. Queremos trabalhar enquanto aprendemos Espanhol", respondeu Kinsman, e sua esposa e amigo concordaram balançando a cabeça.

Sutherland lembrou-se de como estes jovens tinham ajudado a fazer as primeiras hortas na negligenciada fazenda Ferguson. Eles ajudaram a construir as primeiras casas. Tinham trabalho pelo seu alimento. Sim, com a bênção de Deus, se dariam bem em Cuba. Sem hesitar, deu-lhes sua aprovação, e eles foram para Cuba. Com a ajuda de amigos, compraram terra e abriram uma escola, e durante vários anos serviram a Deus em Cuba.

A motivação para estabelecer "unidades", como eram chamadas, era tão forte, que muitas delas nasceram e se tornaram ativas durante os primeiros anos da carreira de Madison. Simultaneamente, cinquenta escolas funcionavam em sete dos estados do Sul. Algumas cresceram e se tornaram grandes escolas e hospitais; outras permaneceram pequenas. Algumas duraram algum tempo e cumpriram seu propósito, ou passaram a ser lideradas pelas associações locais. Uma delas era a antiga Escola e Sanatório Fountain Head, atualmente Academia Highland.

Dr. Sutherland contemplava estas “unidades” com grande satisfação. "Como um pai regozija-se com as realizações de seus filhos, da mesma forma a Faculdade de Madison sente um orgulho perdoável ... pelo bom trabalho feito pelas pequenas instituições."

Os jovens e dedicados estudantes cristãos, que saíam e esculpiam estes pequenos centros nas florestas montanhosas, manifestavam uma fé heroica e faziam incríveis sacrifícios. Edward Sutherland carregava sempre no coração e na mente o fardo de suas necessidades. Ele orava por eles; falava em favor deles; e Deus lhe enviava ajuda.

A Sra. Lida Scott, filha do Sr. Funk da Funk and Wagnalls Publishing Company [Companhia de Publicações Funk e Wagnalls], teve contato pela primeira vez com os Adventistas do Sétimo Dia no sanatório de Battle Creek, onde os métodos de vida saudável e a atitude cristã atraíram-na. Ela ouviu falar do trabalho que Sutherland e Magan iniciaram nas terras do Sul. Em 1914 ela visitou Madison. Aquilo que viu a impressionou tanto que se uniu à organização, e seu nome é listado entre os pioneiros "Rainbow Seven" [Arco-Íris Sete].

Esta mulher, educada em um lar rico, e rodeada pelo luxo desde a infância, abraçou de todo o coração a vida no campus de Madison, assim como os ideais e alvos de seus fundadores. A herança recebida dos lucros das publicações do pai a tornaram uma mulher rica. Um pouco antes de ir a Madison, perdeu sua única filha. Durante todos os anos que Lida Scott viveu no campus de Madison, raramente se passava um dia em que ela não mencionasse a filha amada que fora a luz da sua vida.

Pouco após ela ter se unido à Escola de Madison, alguém lhe disse: "Você veio a Madison porque estava enferma, e suponho que permaneceu porque eles salvaram a sua vida."

"Não, não é por isso que eu fiquei", a Sra. Scott deu um de seus raros sorrisos, "eu fiquei porque eles me mostraram que valia a pena viver."

Em 1914 as instituições gêmeas de Madison tinham se tornado tão grandes, que foram tomados todo o tempo e forças de todos os obreiros. Alguém tinha que dar atenção ao trabalho de extensão e às

muitas “unidades”. Quem podia duvidar que Deus havia enviado Lida Scott ao sanatório e que Ele tocara seu coração? Ela passou a se interessar pelo trabalho das “unidades”. Deu dinheiro com uma generosidade inspirada; mas, mais importante ainda, ela deu a si mesma. Visitou as localidades mais remotas, onde trabalhou sob tão rudes e difíceis condições que teriam desanimado um espírito menos dedicado. Edward Sutherland observava com admiração e santa alegria enquanto a Sra. Scott mudava todo o caráter do movimento leigo nas “unidades”. Ele viu a Sra. Scott erguê-las a padrões mais elevados e infundir nelas sua própria inspiração.

Em 1924, dez anos após a Sra. Scott ter se estabelecido em Madison, e vinte anos antes de sua morte, ela designou sua fortuna a um fundo que promoveria a ideia educacional de Madison tanto nas “unidades” como na instituição mãe. Assim, a Layman Foundation [Fundação dos Leigos], uma organização sem fins lucrativos, incorporada sob a lei de assistência social do estado do Tennessee, tornou-se uma realidade vital. Os cinco membros eram: Dr. E. A. Sutherland, presidente; Lida Funk Scott, tesoureira; M. Bessie DeGraw; Sra. N. H. Druillard e W. F. Rocke. A esta organização a Sra. Scott transferiu toda a sua fortuna de mais de um milhão de dólares. Por ocasião de sua morte, deixou somente seu modesto lar, um bem imóvel pessoal de menos de mil dólares.

A Layman Foundation tinha um propósito — estabelecer e encorajar a obra de sustento próprio. Dava ou emprestava dinheiro às pequenas instituições que surgiam a partir da Escola de Madison.

Durante seus primeiros dez anos em Madison, Sra. Scott dera muitos milhares de dólares à escola. O prédio de demonstração, o prédio de ciência (Bralliar Hall) e o Helen Funk Assembly Hall [Salão de Reuniões Helen Funk] foram todos presentes da Sra. Scott.

Dr. Sutherland sentia dever muito a esta piedosa mulher que acabara de dedicar todo o remanescente de sua fortuna à Layman Foundation. Ele a considerava a mãe desta importante organização. Ele tinha sofrido muita oposição daqueles que deveriam ter sido seus amigos, mas Deus o favoreceu com outros que dedicaram dinheiro, talentos e devotada lealdade aos projetos que ele incentivava.

Sua tia, Sra. Nellie Druillard, estivera com ele desde o início do projeto de Madison; e os anos de serviço responsável que ela ofereceu tinha um valor que, para ele, dinheiro nenhum podia comprar. Ela também disponibilizou de seus recursos para a construção de muitos projetos. Ela deixou seu patrimônio de cerca de 25 a 30 mil dólares à Rural Education Association [Associação Educacional Rural], para que fosse administrado pelo Dr. E. A. Sutherland.

A Sra. Josephine Gotzian, que Sutherland conheceu em sua juventude, tornou-se uma benfeitora muito apreciada de Madison. Ela deu o dinheiro para o Gotzian Hall [Salão Gotzian] e para o Gotzian Health Home [Lar de Saúde Gotzian], originalmente construído com salas de tratamento e dedicado ao cuidado dos enfermos dentro a família institucional. Mais tarde tornou-se o Lar e Dormitório de Enfermeiros Gotzian.

Tanto favor Deus concedeu a este homem de fé e visão, que entravam doações de dinheiro para equipamentos de fazenda, edifícios, e para o estabelecimento de novas indústrias, de forma que o sonho de uma instituição de sustento próprio tornou-se realidade diante de seus olhos. Mais do que isso, Deus o rodeou de um grupo de obreiros cuja lealdade e devoção não podiam ser abaladas por qualquer forma de dificuldade ou por outra atração exterior.

M. Bessie DeGraw estivera com ele como uma leal incentivadora desde o início de Walla Walla. Seus vários talentos e maiores esforços, dedicou ela durante todos os dias de sua vida em alegre serviço; e ela, assim como os outros, recebia apenas treze dólares ao mês da Escola de Madison.

A mais próxima e mais querida de todas, Sally, sua esposa, com sua gentil liderança e maneira afetuosa, não somente iluminava seu lar e cuidava dos seus dois filhos, como também tomava parte ativa nos assuntos da instituição. Sua risada feliz era ouvida em muitos dias escuros, e sua pronta simpatia e compreensão a tornavam querida por estudantes e obreiros.

"Homens ímpios e demônios não podem impedir a obra de Deus ou excluir Sua presença das reuniões de Seu povo, caso eles, de coração rendido e contrito, confessem e afastem de si os seus pecados, reclamando com fé Suas promessas." *Mensagens Escolhidas*, V. 1, p. 124.

## O Plano de Deus se Concretizando

Certo dia de verão, em 1915, Yolanda Sutherland levou o correio ao seu pai. Ele o colocou sobre a mesa de casa. Primeiro, abriu o embrulho da *Review and Herald* e abriu o jornal sobre a mesa.

"Vem aqui, Sally, olha isso!", disse ele ofegante.

Na capa do periódico, uma grande faixa preta anunciava a morte de Ellen G. White. Ficaram olhando para aquilo, com dor no coração pela grande perda, mas felizes por terem conhecido Mãe White por tanto tempo e tão bem. Edward Alexander Sutherland recordou-se daquele ano de 1888, quando ele e Percy Magan assentaram-se aos pés de Mãe White e compartilharam de seu deleite na mensagem da justiça pela fé. Durante os vinte e sete anos que se passaram desde então, sua íntima amizade com Mãe White crescera e levou a uma confiança inquestionável de que Deus tinha realmente escolhido esta mulher para comunicar Suas mensagens ao Seu povo. Ele sabia que o projeto de Madison nunca poderia ter sido iniciado e nem poderia ter sobrevivido sem o encorajamento dado por Mãe White. Ele e seus fiéis obreiros nunca poderiam ter sobrevivido à severa e repetida crítica que desde o princípio os molestara.

Sally interrompeu seus pensamentos: "Você se lembra de quando ela nos enviou a mensagem: 'aos obreiros de Madison digo: Tenham bom ânimo; não percam a fé. O Pai celestial não os deixou a sós para alcançarem sucesso pelos seus próprios esforços. Confie em nEle, e Ele operará em vosso favor'?"

"Você deve ter memorizado essa frase."

Ele sorriu carinhosamente para Sally: "Sim, e eu memorizei várias



outras. Frequentemente repito-as a mim mesmo. Sempre renovam minha coragem."

Dr. Sutherland endireitou a *Review*, que estava sobre a mesa, abriu no obituário, e leram a seção juntos.

Por todo o restante daquele dia, as preciosas palavras de encorajamento que Mãe White escrevera sobre o trabalho de Madison permaneceram na mente do Dr. Sutherland. Ele também se lembrou de predições que ela fizera, que ainda pareciam impossíveis de serem cumpridas, como a declaração sobre a Escola de Madison ser um "espetáculo para o mundo".

A guerra já tinha começado na Europa e a cada dia aumentava a pressão sobre os Estados Unidos para entrarem no conflito. Se a guerra chegasse ao país, que efeito teria sobre a Escola e o Sanatório de Madison?

Em 1917 a Southern Accrediting Association [Associação de Credenciamento do Sul] aceitou a Escola Secundária de Madison como membro. Ela vinha oferecendo trabalho de qualidade aceitável para cumprir as exigências da College of Medical Evangelists [Faculdade de Evangelistas Médicos].

Em abril de 1917 os Estados Unidos entraram na guerra como aliados da França e das outras nações que lutavam para afastar os agressores. A Escola de Madison, agora com treze anos de existência, preparou-se para as dificuldades que certamente seguiriam. O racionamento de alimento afetou as pessoas de Madison menos do que a maioria das outras pessoas. Eles já sabiam como conservar alimentos, e a abstinência dos anos de guerra alterou muito pouco seu trabalho e sua dieta; mas o recrutamento militar levou estudantes assim como vários professores e outros obreiros principais. Aqueles que permaneceram seguiam adiante e oravam pelo fim da guerra. Todos desempenharam suas tarefas tão bem que, antes da guerra terminar em 1918, a Escola de Madison tinha expandido ao nível de junior college<sup>1</sup> [faculdade júnior]. Em 1923 a administração deu os primeiros passos para que a escola fosse reconhecida como Junior College, e alcançou esse status em 1928, quando a Southern Association of College and Secondary Schools [Associação de

Faculdades e Escolas Secundárias do Sul] concedeu credenciamento à Madison Junior College.

O Senhor fez prosperar tanto este experimento espetacular na educação que seu crescimento tornou necessária uma nova forma de administração. Então, Dr. Sutherland e seus associados formaram uma nova corporação, The Rural Educational Association [Associação Educacional Rural], que passou a dirigir a escola em 01 de junho de 1924. A corporação original, Nashville Agricultural and Normal Institute [Instituto Agrícola Normal de Madison], permaneceu como possadora dos bens imóveis.

Deus dotou Edward Sutherland de sabedoria em administração de negócios, o que o capacitou a expandir e desenvolver as instituições gêmeas — o Sanatório e a Escola de Madison. Ao mesmo tempo, ele fortalecia toda expansão do gênero com o apoio necessário para assegurar um crescimento saudável. Deus também concedeu-lhe uma estima tal de seus associados a ponto dele poder desfrutar da lealdade e da confiança de criança que tinham nele, o que contribuiu muito para o sucesso de seus empreendimentos. Vários dos que se uniram a ele nos primórdios da Escola de Madison, permaneceram e dedicaram todo o restante dos anos de suas vidas ao homem e às instituições que vieram a amar. Sabiam que Deus o dirigia e sentiam-se seguros.

Em 1930, Dr. Sutherland colocou em andamento planos para tornar Madison uma senior college<sup>2</sup> [faculdade sênior], e em novembro de 1933 a Tennessee College Association [Associação das Faculdades do Tenessi] aceitou-a oficialmente como uma senior college.

Portanto, a pequena escola nascida da adversidade e fé cresceu a ponto de se tornar uma senior college, e havia uma característica notável que a fazia única entre as demais faculdades — era autossustentável. Agora, ela estava pronta para ser descoberta pelo mundo, pois Ellen White predissera que seria um "espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens".

<sup>1</sup> *Junior college, também chamada de community college, é uma*

*faculdade que oferece cursos de, aproximadamente, dois anos, cujos créditos são geralmente transferidos para que o estudante possa obter um bacharelado após, em média, mais dois anos de estudo, ou permanecer com aquele diploma, considerado inferior ao de uma faculdade completa.*

<sup>2</sup> *Senior college, também chamada de upper division college, é uma faculdade que oferece a continuação do estudo obtido na junior college. As senior colleges surgiram nos EUA no século 19. Elas diferem das faculdades e universidades comuns, pois não oferecem os primeiros dois anos do curso. Em suma, para que um estudante possa obter o bacharelado, tem que passar pela junior college e depois pela senior college, completando, em média, quatro anos totais de estudo.*

"Oh! quão grande é a tua bondade, que guardaste para os que te temem, a qual operaste para aqueles que em ti confiam na presença dos filhos dos homens!" Salmos 31:19.

## A Reação do Mundo

Entre os anos de 1930 e 1950, Madison teve seus "tempos dourados". Jornais chamavam a atenção para a instituição de sustento próprio que buscava o status de faculdade sênior. O *Nashville Banner* publicou meia página de fotos e um texto explanatório sobre o alvo e propósito da escola. Um editorial apareceu no *The Nation's Commerce* [O Comércio da Nação], de 15 de setembro de 1934. O artigo que trouxe a publicidade mais favorável e duradoura a Madison apareceu na edição de maio de 1938 da *Reader's Digest*. O artigo de Weldon Melick, intitulado "Faculdade de Sustento Próprio", trouxe cerca de cinco mil formulários de estudante a Madison e gerou mais de vinte mil cartas com perguntas. O artigo explicava os princípios sobre os quais a escola operava nos termos mais laudatórios possíveis. Resultados imediatos e drásticos seguiram. Formulários chegavam da Índia, África, Turquia, China, Rússia — de toda parte. A *Ripley's Believe It or Not* [Ripley Acredite ou Não] publicou um artigo sobre a Escola de Madison em sua edição sul-americana.

As matrículas do ano seguinte alcançaram o ápice da história de Madison, com aproximadamente 500 inscrições.

Em junho de 1938 o *New York Times* enviou um fotógrafo e um repórter ao campus para registrarem o espírito do lugar com histórias e fotos. Jornais em todos os Estados Unidos fizeram o mesmo publicando artigos de destaque. Em 7 de outubro daquele mesmo ano, Eleanor Roosevelt<sup>1</sup> apresentou Madison com termos entusiasmados em sua coluna amplamente divulgada, *My Day* [Meu Dia]. Ela relatou uma entrevista que tinha marcado com o Dr. Floyd

Bralliar, de Madison, cunhado do Dr. Sutherland, sob o pedido especial do Secretário de Estado Cordell Hull.

No final de 1938, a revista católico-romana *The Commonwealth* [A Comunidade], enviou um homem a Madison para passar vários dias estudando a escola e os princípios sobre os quais ela operava. Ele escreveu um artigo cheio de emoção, que apareceu na edição de 8 de janeiro de 1939. Neste artigo colocou Madison, com seu trabalho e sua influência ao redor do mundo, como um desafio à sua igreja. Apelou ao seu povo para que reconhecesse a "oportunidade de ouro" que lhes fora apresentada pelo plano de Madison.

Um mês depois, na *Believe It or Not*, Ripley mostrou um esboço da Madison's Druillard Library [Biblioteca Druillard de Madison] com uma breve declaração acerca da natureza incomum da Faculdade de Madison. Ele a intitulou "a primeira faculdade autossustentável dos EUA."

Um ano mais tarde, Coronet, em sua edição de 1 de janeiro de 1940, iniciou sua seção "Um Portfólio de Personalidades" com uma breve descrição do trabalho do Dr. E. A. Sutherland como fundador da Faculdade de Madison. Ocupando todo o outro lado da página estava a sua foto.

E que dizer do homem que já passara mais de trinta e cinco anos de sua vida encorajando e construindo as instituições gêmeas na fazenda que tinha considerado tão incorrigível? Com todo aplauso e aclamação pública, focado agora pelas luzes da aprovação do mundo, como o homem reagiu? Ele olhou ao redor e viu as silenciosas profecias de Mãe White desabrochando para um cumprimento que nem ele nem Percy Magan jamais poderiam ter imaginado em 1904, quando choraram sobre a velha pilha de rochas e oraram, como Cristo no Getsêmane, para se livrarem do cálice amargo. Mesmo assim, sua escolha naquele momento de agonia foi: "Faça-se a Tua vontade, e não a minha." Eles tinham arriscado tudo nas revelações de Deus a Mãe White.

Tinham passado por privação, tribulação, perseguição por parte daqueles que deviam tê-los apoiado; e através de tudo isso esse homem, Edward Alexander Sutherland, foi obediente ao plano

celestial da "Linda Fazenda". Tendo lançado mãos do arado, recusou-se a voltar ou a desviar-se para a direita ou para a esquerda. Agora, ele via uma das profecias mais improváveis de Mãe White se cumprindo ao seu redor e estendendo-se em dimensões inesperadas. Ela tinha dito que o trabalho de Madison se tornaria "um espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens".

Nos planos e pensamentos do Dr. Sutherland, esta fazenda tinha se tornado uma dedicada demonstração do que Deus pode fazer através de homens comuns quando seguem Sua direção com um vigoroso propósito. Não importa o que tenha acontecido no passado, não importa o que o futuro pudesse trazer, nada podia alterar o glorioso fato de que durante a primeira metade do século vinte Deus fizera algo único e milagroso no planeta Terra. Ele fez isso com um punhado de crentes guiados e sustentados pela direção profética.

A fazenda desgastada, assumida por Sutherland em 1904 através da direção de Mãe White, tornou-se uma maravilha agrícola. As pedras retiradas dos rochosos hectares tornaram-se material de construção, não somente de pronta entrega e sem custo, como também os construtores acharam-nas adequadas e firmes. Ainda hoje encontra-se algumas das obras de pedra daqueles dias. Para renovar o solo desgastado, Dr. Sutherland descobriu que o uso contínuo de trevo, feijão de corda e outras leguminosas trazia fertilidade. Revezando entre o plantio de verduras e de alfalfa, e seguindo métodos agrícolas inteligentes, houve uma maravilhosa transformação. Edward Alexander Sutherland viu a escola fazenda de Madison tornar-se exatamente o que Mãe White predissera: "um exemplo prático à região Sul."

O cultivo de frutas tornou-se uma grande indústria. Grandes pomares de pêsego, ameixa e maçã cresciam na propriedade da escola. Vinhas bem cuidadas produziam uvas deliciosas em abundância. Um pomar de pêsegos e maçãs de mais de três mil árvores crescia em Ridgetop, Tenessi, no terreno da escola, o qual alimentava a escola e supria o sanatório. Toda a população do grande campus seguia o lema: "Plantamos e conservamos o que comemos, e comemos o que plantamos e conservamos."

Em um ano o departamento de conservas produziu um total de 71,4 barris de pêssego, 23,8 barris de vagem, 52,4 barris de uva, assim como menores quantidades de tomates, peras e maçãs. De fato, a fazenda produzia em abundância.

Por esta linda e farta plantação andava muitas vezes o Dr. Sutherland, agora com idade avançada, erguendo um enorme cacho de uvas ou acariciando um pêssego aveludado, batendo em uma melancia enorme ou admirando-se com o tamanho e o peso de uma batata doce sobre uma carroça cheia de tubérculos recém-colhidos. Nestas horas seu coração maravilhava-se e enchia-se de gratidão, e desejava muito que Mãe White pudesse ter visto toda essa riqueza e beleza. Pensava também no amigo, Percy Magan, que já estava ficando velho como ele, mas ainda cheio de fé, alegria e a certeza de não terem seguido "fábulas habilmente inventadas" em 1904; obedeceram à direção profética, mais segura que a evidência de nossos sentidos.

Certa noite, em 1940, Sally Sutherland espalhou alguns dos artigos de jornal sobre a mesa e ficou olhando para eles junto com Edward.

"Será que Percy possui cópias de todos esses artigos?", Edward perguntou à esposa.

"Sim, acho que sim", disse Sally ao folheá-los. "Hoje mesmo enviei-lhe o Coronet. Sei que ele vai gostar de ver a sua foto."

"As fotos não são importantes. Os artigos não são importantes a menos que testemunhem ao mundo que temos feito a vontade de Deus e que Ele tem nos abençoado", Edward olhou para Sally. Agora ela tinha cabelos brancos e rugas, mas o mesmo sorriso ainda emoldurava seus lábios, e o mesmo coração caloroso e alegre animava suas ações.

"Sabe, já estamos casados há quase cinquenta anos", ela lembrou-lhe.

"Eu não me esqueci", ele sorriu e colocou as mãos sobre as dela.

Em 13 de agosto daquele ano, todo o campus de Madison uniu-se em uma celebração para comemorar o quinquagésimo aniversário de casamento do Dr. e da Sra. Sutherland. Dr. P. P. Claxton, presidente da Escola Normal Austin Peay; H. K. Christman, gerente de

circulação da Southern Publishing Association [Associação de Publicações do Sul]; e Cecil Sims do escritório de advocacia “Bas, Berry e Sims”, prestaram sincera homenagem ao honroso par e lembraram momentos importantes de seus longos anos de serviço. A celebração findou quando o Dr. e a Sra. Sutherland foram embora de charrete, enquanto aqueles amigos queridos cantavam a música “Put On Your Old Gray Bonnet” [Coloque Seu Velho Chapéu Cinza].

Dr. Sutherland olhou para toda a aclamação e interesse do público como um cumprimento direto das profecias que Mãe White fizera acerca do projeto em 1904. Ele aproveitava todas as oportunidades para contar aos visitantes e àqueles com quem entrava em contato sobre a mão guiadora de Deus.

A fazenda tinha passado por seus períodos de adversidade. Sutherland lembrou-se vividamente da geada de março de 1921, que arruinou a safra de frutas, e em outro ano uma severa tempestade de granizo destruiu a horta e grande parte das frutas; mas agora, em 1943, a fazenda de Madison passou por sua mais séria e prolongada adversidade natural. Uma seca começou em maio e durou oitenta dias. Nenhuma gota de chuva caiu. Tudo secou.

A família Madison dirigiu-se a Deus em busca de auxílio. Na tarde de sábado de 24 de julho, reuniram-se na capela e imploraram ao Senhor por chuva. Na manhã seguinte o sol, como um disco flamejante, espalhou seu calor destruidor, como vinha fazendo por tantos dias. Ao meio-dia o furioso calor afligiu a terra árida com cruel intensidade.

Naquela noite, Dr. Sutherland reuniu todos na capela: "Louvaremos a Deus pela chuva que Ele enviará." O doutor sorria para eles enquanto entravam e preenchiam seus lugares. Lágrimas misturavam-se com sons de louvor. O Espírito de Deus parecia preencher a assembleia. Alguns começaram a se deslocar pela sala, reconciliando-se e renovando amizades sob o poderoso ímpeto do Espírito. Duas horas depois, todos foram para casa. A maioria foi com regozijo, mas alguns duvidaram que as orações do Dr. Sutherland prevaleceriam com o Senhor. Estes discutiam o terrível destino de Madison se nenhuma chuva viesse: "O que as pessoas



pensariam desses cristãos que oram por chuva sem obter resultado?" Balançaram então a cabeça e decidiram "esperar e ver".

A manhã da segunda-feira não trouxe nenhum alívio. O sol se levantou com a mesma força e clareza do dia anterior. Murmúrios corriam pelas murchas hortas e pelos cômodos fechados e quentes. E agora? O relacionamento do Dr. Sutherland com Deus estava sendo desafiado. Mas, assim como Elias no monte Carmelo, a fé do doutor permaneceu firme, e a maioria se posicionou com ele. A família da escola se reuniu para o almoço, e logo pequenos grupos de estudantes começaram a discutir a temerosa ideia de ter não ter a oração respondida.

Pelo meio da tarde as nuvens começaram a se agrupar. Dr. Sutherland enviou o comunicado para que todos os que trabalhavam na fazenda saíssem dos campos. Pediu a todos os trabalhadores, estudantes e professores para reunirem-se imediatamente na capela, pois estava para chover. Todos se apressaram para dentro quando gotas começaram a cair do céu negro e denso. Não houve trovões, e a chuva continuou a cair durante todo restante da tarde e boa parte da noite.

Antes do Dr. Sutherland ir se deitar, abriu a janela do quarto e deixou o aguaceiro abençoado ser soprado para dentro do cômodo, enquanto ele e Sally agradeceram a Deus lado a lado.

"Você viu o arco-íris nesta tarde?", perguntou Sally.

"Sim, bem no meio da tempestade. Nunca tinha visto um tão perfeito." Então, Edward Alexander Sutherland repetiu a promessa que tinha reclamado: "Então darei a chuva da vossa terra a seu tempo, a temporã e a serôdia, para que recolhais o vosso grão, e o vosso mosto e o vosso azeite. E darei erva no teu campo aos teus animais" (Deuteronômio 11:14,15).

No início da tarde do dia seguinte rumores começaram a chegar ao campus de que a chuva não tinha sido geral, mas que tinha caído apenas na seção Neely Bend — uma pequena área — mas esta área incluía toda a fazenda de Madison! Só depois de dez dias uma chuva geral aliviou a terra assolada.

Certa manhã Dr. Sutherland disse a Sally que cerca de cinquenta

estudantes da faculdade Scarritt passariam o dia em Madison.

"Quem são eles?", Sally levantou a cabeça enquanto costurava: "Algum grupo especial?" perguntou.

"Todos são missionários participando de um curso breve de verão que a faculdade oferece a missionários prestes a viajar e àqueles que estavam voltando de licença. Visto que muitos deles estavam comissionados ao Japão, pedi a Perry Webber para mostrar-lhes o lugar."

"Você também vai vê-los, não vai?", perguntou Sally.

"Claro. Sempre gosto de contar-lhes como Mãe White recebeu direção direta do céu acerca deste lugar." Ele começou dizendo: "Quero que todos saibam que não fizemos isso de nós mesmos. Tivemos direção e auxílio divinos."

Dr. Perry Webber guiou o grande grupo de visitantes pelo campus, destacando os princípios fundamentais da educação de Madison. Mostrou-lhes o sanatório e a faculdade, e explicou como as duas instituições auxiliavam-se mutuamente. Ao meio-dia foram servidos com um delicioso almoço, que consistia de produtos provenientes da fábrica de alimentos saudáveis.

Um missionário em licença, que viera da Índia, expressou a opinião de muitos: "Este tipo de coisa é exatamente o que precisamos para construir o caráter na Índia. Precisamos treinar homens e mulheres que possam tomar conta de si mesmos; que sejam autossustentáveis e treinem a outros para fazer o mesmo."

Então, Dr. Sutherland contou-lhes como a precária fazenda fora comprada sob a direção e o conselho de Ellen G. White, que obteve as instruções do próprio Deus. Citou as palavras dela: "O tipo da educação oferecida pela Escola de Madison será considerado um tesouro de grande valor por aqueles que fazem a obra missionária em terras estrangeiras."

Esta recepção de visitantes passou então a ser um acontecimento frequente no campus. Visitantes ilustres vinham de muitos lugares para visitar Madison. O Marechal Feng Yu Hsiang, conhecido pelo mundo como "O General Cristão", passou cinco dias em Madison. Quatro companheiros de alta posição vieram com ele, e também o

Dr. Harry Miller, bastante conhecido como "Doutor da China".

Certo dia, durante a visita, o general disse ao Dr. Sutherland: "Eu tinha um vizinho em Nanking que viera do Instituto de Treinamento Chao Tou Chen, uma instituição fundada com base em Madison."

"Deve ter sido o Dr. Paul Quimby", disse Sutherland.

"Sim, foi ele. O generalíssimo e a madame Chiang Kai-Shek admiraram tanto aquela escola que convidaram o Dr. Quimby para ser ministro de educação dos Filhos e Filhas da Revolução".

Dr. Sutherland maravilhou-se ao saber o quanto e com que resultados gloriosos a influência de Madison tinha se estendido. Quando Mãe White dissera que a fazenda Ferguson se tornaria um forte centro de treinamento e de influência, nenhum ser humano podia visualizar o crescimento e o desenvolvimento contidos naquela simples declaração. Agora, Edward Alexander Sutherland caminhava para casa em meio ao milagre, e em seu coração dava glórias a Deus.

<sup>1</sup> *Anna Eleanor Roosevelt (Nova Iorque, 11 de outubro de 1884 — Nova Iorque, 7 de novembro de 1962) foi primeira-dama dos Estados Unidos da América de 1933 a 1945.*

"Uma boa regra para ter em mente é que não há crises com Deus, pois nenhum problema humano pode confundir Sua sabedoria." Harry Moyle Tippett, *Who Waits in Faith* [Quem Aguarda com Fé], p. 12.

## **Luz no Entardecer**

A Escola de Madison entrara na década de 1940 como um grande navio em movimento com todas as hastes estendidas. Edward Alexander Sutherland, ainda ao leme da embarcação, viu águas agitadas à frente.

Em 1939, começou a guerra na Europa, e Dr. Sutherland lembrou-se das experiências da primeira guerra mundial. Madison tinha crescido e expandido no período entre as duas guerras mundiais, e todo este progresso e expansão fora de natureza tal que as duas instituições estavam preparadas para suportar as restrições impostas pela guerra e suas dificuldades.

Enquanto Madison marchava para o holofote da aclamação e do prestígio público, os Estados Unidos entraram na guerra contra o imperialismo totalitário.

Tendo andado com Deus durante os primeiros quarenta anos do século vinte, Dr. Sutherland encarou as mudanças de sua avançada idade com uma fé inabalável e uma perspectiva alegre. Ele ainda mantinha sua íntima amizade com o Dr. Percy Magan; mas agora a saúde de Percy começava a piorar, e em 1942 deixou a posição que ocupara durante tantos anos como líder da College of Medical Evangelists [Faculdade de Evangelistas Médicos].

No ano seguinte ao término da segunda guerra mundial, houve uma mudança na relação entre Dr. Sutherland e a Associação Geral. Durante a maior parte dos anos, enquanto ele e seus leais associados lutavam contra os grandes problemas de Madison, a igreja organizada colocou-se de lado e observava sem dar muita ajuda ou encorajamento. Muitas vezes os líderes foram críticos, e em outras

até mesmo hostis. Agora os líderes convidaram Edward Alexander Sutherland a comparecer na reunião da Associação Geral de 1946 para apresentar um relato sobre suas duas instituições e o que Deus fizera por elas.

Os líderes da igreja tinham notado a publicidade mundial através do artigo da Reader's Digest e de outras revistas e jornais. A obra de Madison, fundamentada no conselho direto de Ellen White e levada avante de acordo com a direção divina, não podia mais ser ignorada. Cerca de cinquenta pequenas réplicas de Madison estavam funcionando nos estados do Sul, e a influência de Sutherland e sua obra espalharam-se pelo mundo. Além disso, Dr. Sutherland era respeitado e admirado pela maioria dos membros da igreja. O apelo por mais instituições de sustento próprio não podia ser negado ou ignorado. Dr. Sutherland foi até a Associação Geral, e Deus foi com ele. Contou sua história, e o Espírito de Deus abriu corações para compreendê-la e recebê-la.

Quando Edward Alexander Sutherland colocou-se diante da Associação Geral naquela reunião de 1946, tinha sido presidente da Faculdade de Madison College por mais de quarenta anos. Tinha trinta e nove anos de idade quando ele e Percy Magan, juntamente com Mãe White e os outros, fundaram a Escola de Madison na curva do Rio Cumberland, sobre os hectares rochosos e inférteis da Fazenda Ferguson.

A Associação Geral, em sua reunião de 1946, estabeleceu a Comissão Norte- Americana de Obreiros de Sustento Próprio, e colocou o Dr. Sutherland como presidente da nova comissão. Esta atitude colocou em destaque a crescente influência da obra de sustento próprio. Também ficou claro diante de toda a denominação o que Sutherland e Magan fizeram por meio de total devoção aos princípios de educação transmitidos por Ellen G. White.

Na primavera seguinte, em março de 1947, representantes de instituições de sustento próprio lideradas por Adventistas do Sétimo Dia reuniram-se em Cincinnati, Ohio, e organizaram a Associação de Instituições de Sustento Próprio Adventistas do Sétimo Dia. Edward Alexander Sutherland celebrara seu octogésimo segundo aniversário

em 3 de março. A reunião aconteceu nos dias 4 e 5 de março. Provavelmente nenhum aniversário de sua vida igualava-se a este em alegria e satisfação. Ele conversou com Sally sobre isso:

"Você acha que podemos enviar a Percy um relatório completo do que aconteceu?"

Sally levantou os olhos cansados, e seu marido notou que as rugas formadas pelo sorriso ainda embelezavam sua doce face: "Acho que Percy já não pode mais ler cartas. Ele tem estado doente por muito tempo."

Em dezembro daquele mesmo ano Percy Magan faleceu, e o coração do leal amigo sentiu dor, com um grande desejo de ver Percy e contar-lhe tudo sobre os mais recentes progressos da obra de sustento próprio e sobre a nova e tardia vindicação de toda a sua fé e todas as suas lutas através da atitude da Associação Geral. Agora, ele teria que esperar até a manhã da ressurreição.

Dr. Sutherland, naquele dia de dezembro de 1947, caminhava pelo milagre que Madison tinha se tornado. Via ali uma amostra das belezas que serão vistas na Terra renovada, que seriam contempladas juntamente por ele e Percy. De fato, ele sabia que nada podia, naquele momento, revelar-lhe completamente a glória plena da "Linda Fazenda de Deus", que teria vida eterna saindo de cada broto e cada flor. Mas ele conseguia ver mais além, e aqueles que o amavam percebiam o brilho em seus olhos azuis, aquele olhar profético que revelava o propósito glorioso de Deus a ser desvendado nos dias por vir.

As novas responsabilidades do Dr. Sutherland na Associação de Instituições de Sustento Próprio levavam-no frequentemente à sede da igreja em Washington D.C., e mantinham-no ali durante períodos de tempo variados. Não podia levar Sally com ele, pois ela já estava frágil demais.

O casal frequentemente conversava sobre a alegre celebração que Madison teria em seu quinquagésimo aniversário em 1954, mas Sally não viveu para participar das festividades. Ela adormeceu em 1952. As sombras da noite começaram a envolver o heroico e velho pioneiro. Percy tinha descansado há cinco anos, e agora sua Sally!

Ao lado do caixão, contemplou aquele amado rosto e o conforto de Deus o envolveu. Sua face, que durante mais de meio século tinha sido posta "como um seixo" na direção de Sião, adquiriu novas linhas de esperança e determinação. Olhou para os filhos, Dr. Joe e Yolanda, e sabia o quão abençoado tinha sido em ter Sally como esposa, companheira e mãe de seu filho e de sua filha.

Madison e todos os seus objetivos tornaram-se ainda mais queridos após a morte de Sally.

"Quanto Deus tem feito!" S. F. B. Morse.

## **Cinquenta Anos Depois**

Ao chegar o quinquagésimo ano de vida de Madison, Dr. Sutherland olhou para trás. Mãe White repousara há trinta e nove anos. Percy Magan deixou Madison para auxiliar a College of Medical Evangelists [Faculdade de Evangelistas Médicos] em Loma Linda, Califórnia, e falecera há mais de seis anos. Sally também tinha repousado. Dos pioneiros, só restaram dois — Edward Alexander Sutherland e M. Bessie DeGraw.

Em 1954, ano do aniversário de ouro, a fazenda media 48 hectares, com uma fazenda de 6 hectares no cume das montanhas. A escola também utilizava aproximadamente 7 hectares ao sul da estrada Neely Bend, que pertencia à Layman Foundation [Fundação dos Leigos].

Centenas de pessoas visitavam o campus de Madison todos os anos, atraídos por suas flores, árvores e pela beleza do local em geral. Grupos de mulheres representantes de clubes de horticultura de Nashville e outras comunidades seguiam o Dr. Floyd Bralliar e Richard Walker pelo campus, enquanto os dois botânicos diziam os nomes das plantas, descreviam seu habitat natural e comunicavam pequenos fatos curiosos da natureza.

Havia um cedro do Líbano em cada lado da entrada leste, que dava acesso ao prédio administrativo. Não muito longe cresciam espécimes dos únicos cedros verdadeiros existentes, o cedro Atlântico e o cedro do Himalaia.

Arbustos com delicadas flores de lavanda perfumavam o ar ao redor da porta leste. De seus galhos e sementes faz-se incenso. Carvalhos da China cresciam ali e, em sua estação, sessenta cerejeiras japonesas cheias de flores tiravam exclamações de admiração dos visitantes. Dr. Bralliar trouxera ao campus estas e muitas outras plantas e flores exóticas. Madison tinha se tornado como um “Jardim do Éden”.



Deus, em Sua infinita misericórdia e sabedoria, olhou para nosso planeta perdido e perplexo durante o vigésimo século de suas voltas ao longo do tempo e do espaço, e estabeleceu uma série de eventos miraculosos. Como em todos os planos de Deus, Ele já tinha escolhido os homens e o lugar para este grande acontecimento. Ele uniu Edward Alexander Sutherland e Percy T. Magan, deu-lhes a experiência que precisavam enquanto ainda jovens e impressionáveis, e os guiou com disciplina severa e grandes provas de fé. Então, trouxe-os à Fazenda Ferguson nos bancos verdejantes do rio Cumberland, e ali começou um milagre tão extraordinário que, até hoje, seus efeitos são sentidos nos cantos mais longínquos da Terra.

Deus realizou esta obra maravilhosa pois encontrou um punhado de homens e mulheres que acreditaram nEle do fundo dos seus corações. Também creram em Sua mensageira, e através deles, Deus operou Suas maravilhas. Eles tinham, na juventude, aceitado a mensagem da justiça pela fé e entregaram suas vidas ao controle do Espírito Santo de Deus. Eles eram tão humanos quanto todos nós, mas sua confiança em Deus alcançou sublimes alturas e apoderou-se do poder divino. Agora, no quinquagésimo aniversário de Madison, olhando para trás, foram fortalecidas a fé e a confiança no que Deus faria nos anos por vir.

Embora só restassem dois dos pioneiros, muitos outros tinham dedicado vários anos de suas vidas construindo Madison e promovendo seus ideais. E as “unidades”, pequenas réplicas de Madison, cresciam pelas terras do Sul. Em muitas destas “unidades”, escolas uniam-se a sanatórios para um ministério mais equilibrado. Ninguém sabe as incontáveis bênçãos que elas têm provido; seu relato está escrito no céu.

O ano do aniversário de ouro encontrou o sanatório expandido a instalações com 220 camas e completamente suprido de médicos e enfermeiros qualificados. Durante o meio século da história de Madison, a escola formou quinhentos enfermeiros que agora serviam em muitos lugares. Mil graduados saíram da Escola de Madison para abençoar o mundo. A influência de Madison espalhou-se pelo mundo

e permeou a obra educacional e médica da Igreja Adventista do Sétimo Dia como fermento.

As duas instituições ficavam no centro da enorme fazenda, que produzia abundantes suprimentos de alimento e provia um campus espaçoso para os muitos e atrativos prédios. Muitos deles tinham sido construídos com pedras locais encontradas na propriedade. Os estudantes e seus instrutores utilizaram de talento artístico e habilidade únicos, que ainda forneciam, em seu cinquentenário, prova duradoura de que estruturas sólidas e resistentes foram ali erigidas.

Uma moderna fábrica de alimentos produzia uma grande variedade de deliciosos alimentos saudáveis, que eram enviados a todos os Estados Unidos e também a nações estrangeiras.

Uma família de 125 obreiros vivia no campus e desempenhavam todas as atividades relacionadas a escola, sanatório, fazenda e muitas indústrias. Dois apartamentos e onze casas simples foram providas aos obreiros, enquanto quarenta e três casas privadas pertenciam à instituição.

Olhando para mais de meio século de progresso, Dr. Edward Sutherland pôde ver como Deus os tinha abençoado, não somente com a prosperidade material de boas safras, com todas as vagas da faculdade e do sanatório preenchidas; como também na ampla distribuição dos alimentos saudáveis de Madison e no sucesso dos empreendimentos dos estudantes, quer no campus ou nas “unidades” — a bênção de Deus também aparecia na espiritualidade de toda a complexa instituição, no tipo de comunhão que desfrutavam e na gentileza que demonstravam um ao outro compartilhando todas as coisas boas. "A bênção do SENHOR é que enriquece; e não traz consigo dores." Provérbios 10:22.

Os dois pioneiros do "Rainbow Seven" [arco-íris sete] que permaneceram no campus abençoavam o local com seus conselhos sábios e amáveis, e com seu discernimento e bom senso — Dr. Sutherland e Srta. M. Bessie DeGraw. Desde o falecimento de Sally Sutherland em 1952, os dias tinham sido solitários para o doutor avançado em idade, e em abril do ano do aniversário (1954), um

discreto casamento uniu estes dois membros restantes do "Rainbow Seven". Tinham trabalhado juntos desde os dias da Faculdade de Walla Walla, e uniram-se a Percy Magan na Faculdade de Battle Creek. Eles ajudaram a mudar aquela faculdade para Berrien Springs, Michigan, e enfrentaram muitas dificuldades durante quatro anos naquela instituição. Tinham sido pioneiros da obra de Madison juntamente com outros membros do "Rainbow Seven"; e agora, em seus anos finais, decidiram percorrer juntos o restante da jornada. Dr. Sutherland tinha oitenta e nove anos, e sua noiva oitenta e três.

Como professora e conselheira, houve poucas pessoas como M. Bessie DeGraw. Ela serviu como secretária educacional na União Lake. Auxiliou a S. N. Haskell e ao Dr. Sutherland em livros importantes. Tinha sido editora do *Advocate* desde sua primeira edição. No início da década de 1930, quando o credenciamento era demandado de nossas instituições educacionais, ela obteve seu Mestrado na Faculdade de Peabody. Aos sessenta e um anos concluiu, com louvor, o curso requerido para o Ph.D. Durante o longo período de anos que viveu em Madison, ela nunca deixou de inspirar o coração e a mente dos estudantes com sua própria dedicação e abnegação.

Dr. Edward Alexander Sutherland fora presidente da Escola de Madison de 1904 a 1946. Sob sua liderança, ele acompanhou o seu desenvolvimento a partir de uma pequena e obscura escola em uma fazenda negligenciada até se tornar uma faculdade credenciada e reconhecida ao redor do mundo, situada em um verdadeiro Éden de hortas, pomares e campos — tão ricamente Deus honrou a fé simples dos fundadores de Madison.

Em 1946 Dr. Sutherland fora chamado para servir como secretário da Association of Self-supporting Institutions [Associação das Instituições de Sustento Próprio] e da Commission of Rural Living [Comissão de Vida Rural]. Após colocar ambos os departamentos em ordem, ele retornou ao campus de Madison, o qual amava muito, pretendendo passar o restante da vida rodeado pelos muitos amigos e colaboradores feitos ao longo dos anos. Embora aposentado, ele aconselhava e direcionava os assuntos de Madison e muitas outras

instituições de sustento próprio.

No ano “dourado”, celebrando meio século do cumprimento do plano que Deus revelara a Mãe Ellen White há muitos anos atrás, ninguém regozijou com uma gratidão mais humilde e uma satisfação mais sincera do que o Dr. Sutherland. Seus olhos sempre enxergaram muito além do que a maioria das pessoas. Agora, eles adquiriram o brilho profético de seus anos finais, ao olhar para a distante realidade de sua amada Madison como uma promessa da "linda fazenda de Deus"— na Terra renovada.



**Dois dos pioneiros “Rainbow Seven”, Edward Sutherland e Bessie DeGraw, após mais de cinquenta anos trabalhando juntos, uniram suas vidas através do matrimônio.  
CORTESIA DE WILLIAM BRUNIE, M.D.**

"Nenhum homem pode guiar outros aonde ele mesmo não tenha ido primeiro. Se um homem quiser ser mais forte, ele precisa estar constantemente lutando contra aquilo que está além da sua própria força, o qual requer o exercício de grande fé." Carta de Edward Alexander Sutherland a Percy Magan, de 24 de novembro de 1915.

## **Retrato de um Líder Heroico**

Por mais de um ano após seu casamento, o idoso par viveu em uma pequena casa branca no campus de Madison, rodeados por aqueles que os conheciam e amavam, pelas mesmas razões pelas quais os pais são estimados e muito mais. Todas as pessoas ligadas às instituições de Madison sabiam o que os Sutherlands tinham feito e porquê. Também sabiam quem guiara e motivara esta miraculosa obra de fé.

A primavera de 1955, com toda a sua florescente glória, chegara novamente a Cumberland. Flores desabrochavam por toda parte e pássaros enchiam a atmosfera com uma melodia doce e contínua. Edward Alexander Sutherland tinha alcançado seus noventa anos; e embora saudasse as flores e os raios de sol como sempre fizera, sentia um contínuo cansaço. Agora, uma dor agonizante se desenvolvia. Os médicos aconselharam-no a passar alguns dias no sanatório onde foi diagnosticado com apendicite. Alguns dias depois, em 20 de junho de 1955, ele repousou. Sua esposa, Bessie DeGraw Sutherland, viveu por mais dez anos e, tranquilamente, faleceu em 7 de junho de 1965, com noventa e quatro anos.

Quando as notícias da morte do Dr. Sutherland espalharam-se pelo campus de Madison, toda a atividade cessou repentinamente, como se uma mão gigante tivesse compelido todos a parar. Cada pessoa sentiu o choque de forma íntima, pois Edward Alexander Sutherland fora várias coisas para uma multidão de pessoas e exercera uma influência profunda sobre todos. Como seria possível? Será que

tinham pensado que ele sempre estaria com eles? Ele parecia indestrutível, interminável! E agora ele se fora!

A mente de milhares de pessoas cujas vidas ele tinha abençoado, voltaram-se agora para contemplar o que ele tinha sido para eles, para Madison, para os EUA e para o mundo. Este retrato final é pintado pelas palavras que essas pessoas disseram e escreveram. A palheta de cores é ampla como o mundo e as cores são variadas e tão vívidas quanto as emoções do coração humano.

Edward Alexander Sutherland foi um líder de homens. Adquiriu por nascimento, por dedicação na juventude e por experiência construtiva todas as qualidades que marcam um líder heroico. Homens seguiam-no porque sentiam que ele sabia o caminho e que no final da jornada havia algo de infinito valor. O fervor de seu zelo os compelia.

Ele possuía um tipo raro de coragem que persistia em marchar para o alvo, a despeito dos obstáculos à frente ou das forças combinadas para dificultarem seus planos. Esta coragem formidável não era fruto de ousadia precipitada. Edward Alexander Sutherland conhecia a mão de Deus sobre ele e a luz de Deus ao seu redor e tinha um profundo respeito pela "recompensa do galardão" que Seu Senhor prometera. Este aspecto de sua coragem o capacitou durante tantos anos a suportar, sem amargura ou ressentimento, a hostilidade daqueles que deveriam tê-lo apoiado e auxiliado.

Nos dias de sua juventude, antes da experiência de Madison, ele e seus associados estabeleceram duas importantes faculdades que são hoje centros de treinamento bem sucedidos para jovens cristãos — a Faculdade de Walla Walla e a Emmanuel Missionary College [Faculdade Missionária Emmanuel] (hoje parte da Universidade Andrews). Então, Deus o guiou, juntamente com Percy Magan, ao Rio Cumberland e à fazenda pedregosa e descuidada que se tornaria o local da escola e do sanatório de Madison. Durante cinquenta anos ele dirigiu Madison a tais resultados que a tornou, como Mãe White tinha predito, "um espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens."

Dr. Sutherland foi pai, não só de seu filho Joe e de sua filha Yolanda, mas de milhares de outros jovens que ouviram seus

ensinamentos e sentiram seu afeto.

"Ele me ensinou quão valioso eu era para Deus e me fez entender o valor da minha própria alma", disse um estudante.

Amor, compaixão e sabedoria capacitaram este homem a ser um bom semelhante. Ele entendia a necessidade do pobre e necessitado, e desenvolveu métodos para elevá-los ao plano de Deus para uma vida bem sucedida neste mundo e no mundo por vir. Milhares de homens e mulheres ao redor do mundo servem à humanidade por causa da influência que Edward Alexander Sutherland exerceu sobre todos quantos se associavam com ele.

Talvez ele seja mais lembrado como um educador, pois dedicou sua longa vida para entender a "verdadeira ciência da educação". Ele, mais do que qualquer outra pessoa, promoveu as primeiras escolas para os filhos dos membros da igreja. Ele é considerado, com razão, como o pai das escolas básicas e secundárias Adventistas do Sétimo Dia. Ele escreveu livros didáticos para elas; planejou seus currículos; carregou-as no coração por toda a vida. Ele obteve seu modelo do próprio Mestre e Professor, e persistiu, mesmo com toda a oposição, para estabelecer cerca de cinquenta delas nos estados do Sul. Por causa do exemplo e influência de Madison, muitos centros de aprendizado estão funcionando hoje no mundo inteiro. O pleno impacto da vida e obra deste homem nunca será conhecido até que os registros celestes sejam abertos aos nossos olhos curiosos.

Dr. Sutherland foi um apóstolo da vida no campo. Ele entendeu o propósito de Deus para a terra e trabalhou em harmonia com princípios divinos para transformar a pedregosa e desgastada Fazenda Ferguson em um pequeno Jardim do Éden. Ele demonstrou por diversas vezes o que Deus pode fazer com obreiros humildes e dispostos em uma fazenda afastada e em um terreno negligenciado. Primeiro ele perguntou: "Esta é a vontade de Deus?". Tendo a certeza do que a vontade de Deus pedia, empregou todas as energias de sua natureza complexa para fazer a vontade de Deus da forma mais rápida e eficiente. Para cada sucesso ele dava a Deus a glória e o louvor. Até o fim da vida, permaneceu uma pessoa humilde e despreziosa.



Dr. Sutherland também é lembrado como um terapeuta, pois seguiu o Grande Terapeuta nos caminhos de compaixão e serviço. Ministrou aos deprimidos, aos desanimados e aos fracos na fé. Mais tarde, tornou-se um terapeuta do corpo, através de seu trabalho como médico treinado. Ele liderou instituições médicas; com sabedoria compreendia suas necessidades e prioridades. Ele podia e, de fato, planejou seu desenvolvimento com antecedência utilizando métodos equilibrados de eficiência. Sua visão alcançou até as terras estrangeiras e ele via o que podia ser realizado com os métodos de Deus.

Como presidente de faculdade, doutor, pai, cidadão, semelhante ou amigo, testemunhou de Seu Senhor. Ele viveu, trabalhou e planejou com o mesmo objetivo que motivara a vida do Mestre — "Ele vivia para abençoar outros." Para ele, cristianismo significava andar com Deus a cada dia e em cada relacionamento da vida.

Desde os primeiros anos de seu ministério como educador, Dr. Sutherland defendeu a vida no campo; e os anos decorrentes apenas fortaleceram sua convicção de que todos deviam viver no campo e sustentarem a si mesmos e suas famílias a partir da terra e do trabalho das próprias mãos. As “unidades” nasciam ao redor de Madison ao longo dos anos e comprovavam o quanto Deus abençoaria os esforços de pessoas simples quando obedeciam à Sua vontade e seguiam o Seu plano. Para estimular o estabelecimento e manutenção das “unidades”, ele ajudou a organizar a Layman Foundation [Fundação dos Leigos], e perseverou até ver o trabalho das instituições de sustento próprio aceitas pela estrutura organizada da igreja como a Association of Seventh-day Adventist Self-supporting Institutions [Associação de Instituições de Sustento Próprio Adventistas do Sétimo Dia].

Na costa da Califórnia há uma árvore magnífica, conhecida como sequoia da costa. Ela se propaga por meio de galhos que crescem em volta do tronco principal, produzindo assim um círculo vermelho de madeira.

Por meio de um processo tão miraculoso — o novo crescimento — as “unidades” dos estados do Sul juntamente com os centros de

saúde e educacionais de todo o mundo permanecem como testemunhas vivas da duradoura inspiração de Madison. Elas são um memorial a um homem que Deus usou para realizar uma de Suas maiores obras no planeta Terra — Edward Alexander Sutherland.

## Epílogo

Ao longo dos anos, desde a celebração do aniversário de ouro em 1954, repousou o último membro dos pioneiros "Rainbow Seven" da Faculdade de Madison, M. Bessie DeGraw Sutherland.

Estamos agora em um período de transição, visto que a visão e o planejamento da obra de sustento próprio estão passando dos portais de abertura para uma nova era. Com espírito de otimismo, à luz de maravilhosas realizações, combinadas com um exército de líderes experientes e dedicados, visualizamos o “Elo de Ouro”, percorrendo seu caminho pelo período remanescente de desafios e oportunidades para o triunfo final da visão de educação cristã patrocinada por E. A. Sutherland e seus dedicados colaboradores.

As limitações de tempo e espaço tornam necessário o término deste traçado da vida do Dr. E. A. Sutherland na história de Madison. Descobrimos que sua filosofia, assim como a de seus associados, acerca da educação cristã na Faculdade de Madison desenvolveu, literalmente, milhares de homens e mulheres autoconfiantes e nobres de espírito, os quais deram e continuam dando, de muitas formas, uma contribuição significativa à causa de Deus.

Durante seus anos de amadurecimento, a Faculdade de Madison sentiu a responsabilidade de alastrar sua esfera de influência através do estabelecimento de centros comunitários dedicados a apresentar as obras educacional e de saúde na área rural do Sul. Professores, obreiros e estudantes estavam ansiosos para fazer este tipo de trabalho. Entretanto, havia falta de recursos e era difícil se estabelecer, a não ser de forma bem precária. A obra prosseguiu com um espírito de entusiasmo e sacrifício e, no devido tempo, apareceram centros em locais próximos e distantes da instituição mãe.

Uma série destes centros serviram de núcleo para instituições que, mais tarde, tornaram-se unidades operadas pela Associação. Dentre estas está a Academia Highland (anteriormente Escola Fountain Head), atualmente um internato patrocinado pela Associação

Kentucky-Tenessi. A Escola e Sanatório Fountain Head foi iniciada pelas famílias Mulford e West em 1907. Esta unidade rural de Madison gerou não somente uma academia operada pela associação local, mas também um hospital que é membro do Southern Adventist Hospital System [Sistema de Hospitais Adventistas do Sul], a antiga organização que coordena os hospitais controlados e operados pela Southern Union Conference of Seventh-day Adventists [União Sul de Adventistas do Sétimo Dia].

A verdadeira história da ampliação da esfera de influência de Madison começou quando a Sra. Lida Funk Scott chegou a Madison em busca de repouso e renovação de espírito após ter passado por uma grande dor e decepção. Sua rápida recuperação à saúde normal inspirou-lhe um desejo de alastrar o plano de Madison. Suas visitas pessoais aos centros comunitários dedicados à obra missionária educacional e médica agraciaram as extensas terras do Sul e formaram um padrão de colaboração para a providência de escolas, asilos, sanatórios, hospitais e instalações de treinamento para enfermeiros, professores e especialistas em agricultura. Muitos dos jovens que frequentaram estes centros uniram-se aos graduados da Faculdade de Madison para ocupar posições de responsabilidade nos Estados Unidos e em terras estrangeiras.

Os fundadores originais da Layman Foundation [Fundação de Leigos] tinham falecido; mas o atual conselho administrativo, sob a direção do Presidente Rodger F. Goodge, inclui indivíduos que receberam sua educação e inspiração dos fundadores originais da Faculdade de Madison e unidades semelhantes do Sul.

É por esta razão que a União Sul tem um número maior de hospitais Adventistas do Sétimo Dia afiliados do que qualquer outra União do mundo. Também é grandemente pela influência da Faculdade de Madison que a União Sul tem mais Adventistas do Sétimo Dia em sua equipe médica do que em qualquer outra parte do mundo, exceto pela União do Pacífico. As pessoas da União Sul que saem dali para receber treinamento nos vários ramos da área médica, quase sempre retornam a sua terra natal do Sul. É inegável que a Faculdade de Madison teve mais a ver com isso do que qualquer

outro fator na história da causa de Deus no Sudeste dos Estados Unidos.

Os primeiros graduados da Faculdade de Madison retornavam aos lares e constantemente encorajavam seus seguidores a fazerem o mesmo. Outra característica gratificante do espírito de Madison é a ênfase dada em um programa educacional próprio e completo. O conceito de Madison tem sido encorajar pessoas a desenvolver, de acordo com sua capacidade, o máximo possível no âmbito educacional. Dentro das escolas influenciadas pela Faculdade de Madison tem havido uma determinação para trazer professores bem treinados para formarem o seu corpo docente. Ao longo dos anos, tem sido dado nas várias unidades encorajamento à realização intelectual de todas as formas possíveis sem sacrificar o comprometimento moral e espiritual que motivou a obra. Não é nenhum segredo que estudantes vindos de escolas de sustento próprio da União Sul têm sido alguns dos melhores acadêmicos que têm se apresentado às faculdades Adventistas do Sétimo Dia.

Provavelmente a característica mais encorajadora do espírito de Madison foi a insistência perseverante de seus obreiros de que eles não estavam separados da obra de Deus, mas que eram, de fato, parte dela. A obra de sustento próprio no Sul não começou porque os fundadores de Madison ou de seus satélites embarcaram numa viagem egocêntrica ou porque se armaram contra a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Não é nenhum segredo, por exemplo, que há em nossas escolas de sustento próprio uma abordagem mais conservadora à vida de forma geral, e por esta causa estas escolas são recomendadas.

O conceito predominante da faculdade de Madison, desde o início de seus dias, era que seu trabalho era o trabalho de Deus — era o trabalho da Igreja Adventista do Sétimo Dia, da igreja de Deus.

Quando eles se referiam a Madison como “nossa” escola, falavam de si mesmos e de todos os outros adventistas igualmente. A obrigação de prover uma educação para o povo de Deus como um todo repousava, em grande parte, sobre seus ombros. Aqueles pioneiros tinham uma determinação única — que sua faculdade

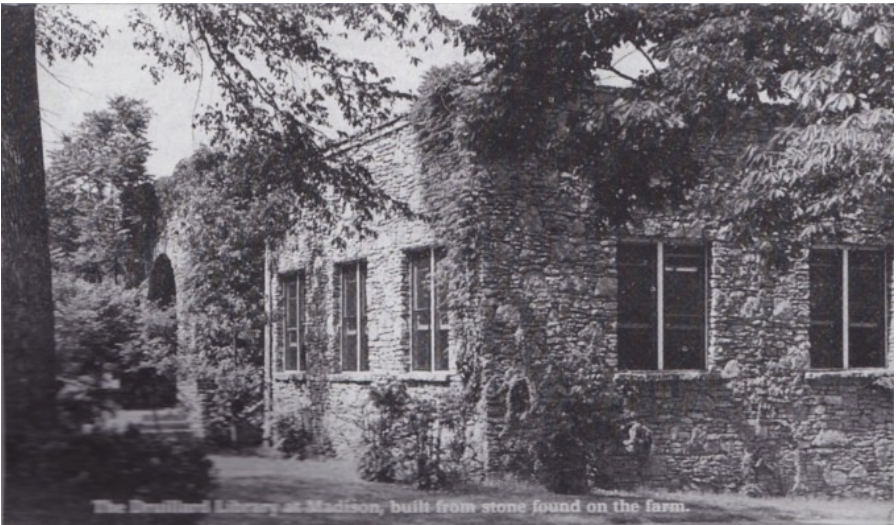
servisse a todo o povo de Deus e que abrisse caminho para os planos da obra de Deus no Sudeste dos Estados Unidos. O inequívoco sucesso da União Sul deve-se diretamente aos fundamentos lançados por nossos pioneiros de Madison.

Porém, toda a grandeza do espírito de Madison e do que foi realizado por suas escolas nos Estados Unidos foi possível somente porque os líderes buscaram para estas instituições pessoas criativas, brilhantes, de rápida observação, juízo aguçado e sem medo de trabalhar. A obra de sustento próprio na igreja de Deus requer pessoas vigorosas e não preguiçosas; pessoas que estimulam suas mentes e não sonhadores ociosos; pessoas que têm visão e não alucinações; pessoas que distinguem a voz de Deus do sussurro da tentação. A obra de sustento próprio precisa de pessoas como aquele homem identificado em Jeremias 17:8: "Porque será como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro, e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e no ano de sequeidão não se afadiga, nem deixa de dar fruto."

E assim a obra de Madison continua no ideal e na vida de homens e mulheres que agraciaram seus corredores e andaram pelo campus. É verdade que quando mudanças no rumo dos esforços educacionais e situações econômicas instáveis forçaram a escola a andar em caminhos estreitos, a faculdade de Madison não tinha uma reserva financeira para sobreviver e foi oficialmente fechada. Porém, ela não foi realmente fechada pois sua obra permanece para sempre no coração e nos ideais daqueles que foram influenciados por ela. Sua obra vive nessas pessoas, familiares e filhos não importando onde e o que estejam fazendo. É lastimável quando algumas pessoas dizem com melancolia: "Madison viverá novamente".

Madison vive; nunca morreu. Assim como é certo que Deus honrou os esforços daquela escola e de Seu povo no passado, Ele honrará o trabalho consciencioso daqueles que foram influenciados por ela e que continuam com a obra de Deus nesta Terra. Provavelmente, como nenhuma outra escola, Madison cumpre o conselho dado por Pedro; conselho que é ao mesmo tempo encorajamento e desafio: "Cada um administre aos outros o dom

como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus" (1 Pedro 4:10).



**Biblioteca Druillard em Madison, construída com pedras da fazenda.**



**Williams Hall, o dormitório feminino.**



**Gotzian Home, o dormitório masculino.**